

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ISABELLA CRISTINA DE SOUZA
LETÍCIA DA SILVA GONDIM

**O BOI-DE-MAMÃO E AS FESTAS DE AFRICANOS E AFRODESCENDENTES:
UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Florianópolis, fevereiro de 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O Boi-de-mamão e as festas de africanos e afro-descendentes: uma
experiência de Educação Patrimonial no Ensino de História**

Relatório de Estágio Supervisionado apresentado como requisito para conclusão da disciplina Estágio Supervisionado de História III do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Estágio realizado na Escola Básica Professora Dilma Lucia dos Santos.

Orientadora: Dra. Andréa Ferreira Delgado.

Co-orientadora: Ms. Daniela Sbravati.

Isabella Cristina de Souza
Letícia da Silva Gondim

Florianópolis, fevereiro de 2013

RESUMO

Nosso primeiro contato com a Escola Dilma Lúcia dos Santos foi no segundo semestre de 2011, durante o Estágio Supervisionado de História I. Uma das atividades do Estágio era conhecer um projeto da Escola que estabelecia relação com a comunidade do bairro da Armação. Escolhemos investigar a Oficina do Boi-de-mamão, oferecida pelo Programa Escola Aberta para a Cidadania, da Prefeitura de Florianópolis. No Estágio Supervisionado de História II, que ocorreu no primeiro semestre de 2012, estávamos inseridas no Programa de Extensão “Santa Afro Catarina”, que visa promover a identificação, a valorização e a difusão do Patrimônio Cultural associado à presença dos africanos e afrodescendentes em Santa Catarina, com foco em Florianópolis. Por essa razão, nossas aulas no Estágio II problematizaram o tema da escravidão em Desterro no século XIX. Mas não foi somente isso: abordamos também o folguedo do Boi-de-mamão, visto que já tínhamos um conhecimento do tema devido a pesquisa do Estágio I. O que unia esses dois temas – escravidão em Desterro e o Boi-de-mamão –, promovendo a relação passado-presente, foi o eixo temático “festas e celebrações”. A principal preocupação no Estágio II foi desenvolver uma proposta de Educação Patrimonial associada ao ensino de História local. Com o final do Estágio II, partimos para o Estágio III, que consiste em refletir acerca da nossa prática docente na Escola Dilma Lúcia dos Santos, por meio da escrita desse relatório.

Palavras-chave: Educação Patrimonial; Ensino de História; escravidão.

SUMÁRIO

| | |
|---|-------|
| INTRODUÇÃO..... | p. 5 |
| 1. A ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL DILMA LÚCIA DOS SANTOS: COTIDIANO E PROJETOS ESCOLARES..... | p. 8 |
| 2. PROJETO DE ENSINO: DESTERRO E O BAIRRO DA ARMAÇÃO A PARTIR DE DE FESTAS E CELEBRAÇÕES..... | p. 27 |
| 3. PRODUZINDO MATERIAIS DIDÁTICOS: O BOI-DE-MAMÃO E AS FESTAS DE AFRICANOS E AFRODESCENDENTES EM SALA DE AULA | p. 38 |
| 4. O CURRÍCULO EM AÇÃO: O BOI-DE-MAMÃO, AS FESTAS DE AFRICANOS E AFRODESCENDENTES E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL..... | p. 61 |
| 5. AS IMPRESSÕES DA PRÁTICA DOCENTE POR MEIO DAS MEMÓRIAS DAS ESTAGIÁRIAS..... | p. 85 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | p. 90 |
| ANEXOS (PLANOS DE AULA E MATERIAIS DIDÁTICOS)..... | p. 93 |

INTRODUÇÃO

No segundo semestre de 2011, e no primeiro e segundo semestre de 2012 realizamos o Estágio Docência em História, na Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos, no bairro da Armação do Pântano do Sul, em Florianópolis. O presente relatório é resultado das atividades e trabalhos desenvolvidos durante este período em que estivemos atuando na Escola, que pela primeira vez recebeu alunos estagiários para compor seu quadro docente. A escrita desse Relatório cumpre uma função muito importante, pois é o momento de registrar e refletir sobre toda a prática docente desenvolvida.

Ao todo éramos oito estagiários, quatro duplas, e estávamos inseridos no Programa de Extensão *Santa Afro Catarina*, cujo objetivo é valorizar a cultura afro-brasileira e promover a difusão do Patrimônio Cultural associado à presença de africanos e afrodescendentes em Santa Catarina. Devido ao Projeto, foram três eixos que nortearam a nossa prática pedagógica: Educação Patrimonial, História Local e a Presença de Africanos e Afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina.

A seleção e desenvolvimento dos conteúdos que ministramos foram feitas a partir do eixo temático *festas e celebrações*. Através do eixo temático estabelecemos a relação presente-passado-presente. Compreendemos que trabalhar com a perspectiva de utilização de eixos consiste em problematizar o tema, selecionar os conteúdos, delimitar os recortes temporais e formular novas questões. A História Temática viabiliza a aproximação entre ensino e pesquisa, onde professores e alunos constroem em conjunto o conhecimento histórico escolar.

Assim sendo, este relatório está dividido em cinco capítulos que pretendem sistematizar as reflexões e atividades desenvolvidas ao longo do Estágio. O primeiro capítulo discute e analisa o cotidiano da Escola Dilma Lúcia dos Santos, e também os projetos escolares que tenham relação com a comunidade da Armação. Dos projetos observados, destacamos o do Boi-de-Mamão, desenvolvido pelo *Projeto Escola Aberta*, da Prefeitura de Florianópolis. Este capítulo está relacionado com as atividades desenvolvidas no Estágio Docência I, realizado no segundo semestre de 2011, onde, além de observarmos algumas aulas, também realizamos uma pesquisa sobre o Boi-de-Mamão. O tema do Boi nos possibilitou um primeiro contato com a Escola e com os alunos, mas, também, uma discussão

sobre Patrimônio Cultural, que está problematizado em maiores detalhes no Capítulo I.

No segundo capítulo constam os referenciais teóricos e metodológicos que nortearam nossa prática docente, através do Projeto de Ensino, que fundamenta a elaboração dos Planos de Aula. As leituras realizadas para compor o Projeto de Ensino foram feitas, em sua maioria, na disciplina de Metodologia do Ensino de História. No entanto, diversas leituras foram sendo agregadas ao longo do Estágio I e II, devido às especificidades de nosso Estágio e de nosso tema.

O terceiro capítulo apresenta o planejamento dos Planos de Aula e das atividades desenvolvidas. Uma importante marca do nosso Estágio foi a produção de diversos materiais didáticos. No caso específico das nossas aulas, produzimos materiais didáticos – entre textos e atividades – sobre o tema do Patrimônio Cultural, Boi-de-Mamão, Escravidão, Festas e Celebrações de Africanos e Afrodescendentes em Desterro. A produção dos materiais didáticos foi marcada por constantes orientações, discussões e revisões juntamente com a professora Andréa Ferreira Delgado.

O quarto capítulo, por sua vez, analisa o “currículo em ação”, ou seja, a prática docente e como as atividades e os Planos de Aula se efetivaram em sala de aula. Durante a regência discutíamos as aulas ministradas com as professoras Andréa Delgado e Daniela Sbravati. Neste capítulo, procuramos refletir sobre nossa primeira experiência docente, e também sobre como foi trabalhar com as atividades que havíamos desenvolvidos, se nossos objetivos foram cumpridos ou não. Dessa forma, as avaliações e atividades realizadas pelos alunos tiveram um papel significativo na análise de nossa prática, pois nos permitiu repensar diversas questões desenvolvidas.

O último capítulo é um relato autobiográfico das autoras sobre sua experiência docente, concluindo as reflexões realizadas no relatório. Neste capítulo, o “Diário de Classe” – um diário individual, onde cada estagiário deveria registrar sua perspectiva subjetiva de suas aulas – foi fundamental para refletir a prática docente, mas também para nossa autoformação como futuras professoras.

O Estágio Docência é extremamente significativo no processo de formação de professores, pois é o momento – senão o único em nossa trajetória profissional – onde podemos contar com a orientação e discussão de professores que possuem larga experiência no campo do Ensino de História. Por essa razão, o Estágio é

marcado por constantes reflexões sobre a prática docente, mas também sobre a importância e a indissociabilidade entre pesquisa e Ensino.

1. A ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL DILMA LÚCIA DOS SANTOS: COTIDIANO E PROJETOS ESCOLARES

O Estágio Supervisionado de História I representou nosso primeiro contato com a Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos, onde estava previsto que, além da observação de algumas aulas de História da turma da 8ª série do Ensino Fundamental, desenvolvêssemos uma pesquisa sobre a Escola, seus projetos e a comunidade da Armação, bairro onde está localizada a Escola. Dessa forma, este capítulo está relacionado com as atividades desenvolvidas durante o Estágio I, ou seja, tem objetivo de apresentar a Escola, seus projetos e a nossa pesquisa desenvolvida sobre os projetos escolares, mais especificamente o projeto da oficina do Boi-de-Mamão.



Figura 1: A Escola Municipal Básica Dilma Lúcia dos Santos.
Fonte: Arquivo Pessoal das autoras.

1.1. A Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos e o bairro da Armação

A Escola Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos está localizada no bairro da Armação do Pântano do Sul, na cidade de Florianópolis. O bairro possui, aproximadamente, oito mil habitantes e, no passado, era chamado de Armação de Sant'ana da Lagoinha. Com a criação do Distrito do Pântano do Sul, a Armação

ficou fazendo parte deste, denominando-se Armação do Pântano do Sul. A origem do nome é devido à armações baleeira que deu origem ao bairro. Em torno de 1750 ocorre a chegada, no Ribeirão da Ilha, dos imigrantes açorianos, trazendo os negros para trabalhar nas lavouras, na pesca e até mesmo nas casas¹.

Em 1955, a Escola do bairro funcionava como Escola Isolada, numa sala alugada em uma casa particular, possuindo 22 alunos. A primeira professora foi Dilma Lúcia dos Santos. A Escola, posteriormente, passou à Escola Reunida, funcionando no prédio do Departamento de Caça e Pesca próximo ao trevo da Armação. Em 1971, na administração do então prefeito Ary Oliveira, foi construído, um prédio com quatro salas, gabinete, secretaria, cozinha, pátio coberto e banheiros. Era o Grupo Escolar Municipal Presidente Castelo Branco, que atendia alunos e alunas de 1ª à 4ª séries e tinha como diretora a professora Dilma Lúcia dos Santos².

Em 1974, a Escola mudou de nome passando a ser chamada de Escola Básica Municipal Presidente Castelo Branco, ampliando seu atendimento para 1ª à 8ª séries e continuando na direção a professora Dilma. Neste contexto, a Escola Básica Municipal Presidente Castelo Branco, ficava localizada na rodovia SC – 406, 6050, na Armação do Pântano do Sul – Florianópolis – SC, recebendo este nome em alusão ao ex-presidente Humberto de Alencar Castelo Branco³.

Em 1981, foi criada a pré-escola junto à Escola Básica numa sala de aula simples. Desmembrou-se, mais tarde da Escola, e passou a atender do maternal ao pré-escolar, funcionando como NEI (Núcleo de Educação Infantil) da Armação. No período noturno a Escola atende, em regime de comodato com o Estado, a comunidade, com o funcionamento do Ensino Médio. No ano de 1999, foi criado o Supletivo, também no período noturno, mantido pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis através do EJA (Educação de Jovens e Adultos)⁴.

Com o passar do tempo a Escola cresceu, e o espaço físico tornou-se insuficiente para abrigar o número de estudantes e todas as propostas pedagógicas. Começaram as lutas por melhorias e ampliação. A área onde hoje se encontra a Escola estava sendo reivindicada desde 1997, após várias enchentes no antigo prédio escolar e da constatação da necessidade de construção de um

¹ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Dilma Lúcia dos Santos, Florianópolis, 2010.

² Ibidem.

³ Ibidem.

⁴ Ibidem.

novo prédio para abrigar a Escola, dado a vulnerabilidade do lugar e inviabilidade de reforma do antigo prédio. Das negociações do poder público municipal com a comunidade escolar, resultou em 2002 a aquisição do espaço atual da Escola⁵.

Em 02 de abril de 2004, a nova sede da Escola foi inaugurada e, no mesmo dia, foi intitulada Escola Básica Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos. Atualmente, a Escola conta com 660 alunos(as) de 1ª à 8ª séries divididos estruturalmente em dois turnos: matutino e vespertino⁶.

1.2. Projetos da Escola Municipal Dilma Lúcia dos Santos: estabelecendo uma relação entre a comunidade e o espaço escolar

Conforme já mencionado, além das observações de algumas aulas de História, também deveríamos desenvolver uma pesquisa dentro da Escola. Inicialmente, o objetivo da pesquisa era focar a relação entre a Escola e a comunidade da Armação. O primeiro passo foi realizar o levantamento dos projetos desenvolvidos pela Escola, que tinham relação com o bairro. Na Escola Dilma Lúcia dos Santos, são desenvolvidos os mais diferentes projetos, cada um com uma abordagem diferente, mas que se interligam. Durante as visitas à Escola podemos perceber sua sólida relação com a comunidade da Armação, sendo assim cada projeto está intrinsecamente relacionado com a comunidade local. Os Projetos têm relação com a preservação do meio ambiente, reciclagem e cultura local, além de ter como maior objetivo despertar a consciência dos alunos para a preservação da cultura e do meio ambiente.

Um desses projetos se chama *Plantar e colher um jeito de aprender*. Coordenado pela professora Suzana Pauli, este projeto procura desenvolver uma horta na Escola e teve início em 2009, embora a horta esteja presente no espaço escolar desde a Escola antiga. A professora Suzana é formada em Pedagogia, com especialização em Educação Ambiental⁷.

No início, a horta esteve voltada para produção, e era utilizada para fins exclusivamente alimentícios, como um complemento na merenda escolar. O

⁵ Proposta do Projeto "Entorno Escolar", desenvolvido pela Escola Municipal Dilma Lúcia dos Santos, enviada à Prefeitura de Florianópolis, fevereiro de 2008.

⁶ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Dilma Lúcia dos Santos, Florianópolis, 2010.

⁷ SCHVEITZER, Ana Carolina; JUNQUEIRA, Luis Fernando. **Relatório de Pesquisa Estágio Docência em História**. Florianópolis, 2011.

trabalho na horta é antigo, mas há alguns poucos anos a Escola entrou num projeto maior, da rede municipal, chamado *Horta Viva*. A partir de então, começou a ter uma ligação mais forte com a Secretaria de Educação de Florianópolis e com outras escolas também interessadas no projeto⁸.

Outro projeto que tem grande destaque na Escola é o *Rádio Escola* que teve início em 2009, através de uma doação de equipamentos da ONG *Africatarina*. A ideia principal era montar uma rádio na comunidade, no entanto, não havia suporte e local para instalar a rádio, então os equipamentos foram doados para a Escola. A professora Zenaide assumiu o projeto apenas em meados de 2010, antes era coordenado pela professora de música⁹.

A proposta do projeto *Rádio Escola* é que os alunos, aos se inscreverem para atuar no projeto, participem de uma espécie de curso, onde conhecerão como funciona uma rádio, e o que é esse meio de comunicação. Assim, os estudantes percebem que rádio tem outras funções importantes, além de tocar músicas. Ao terminar este curso, os alunos passam a ser orientados por monitores do projeto, que são alunos que estão há mais tempo na rádio¹⁰.

O maior e mais organizado projeto presente atualmente na Escola é o *Programa de Reciclagem de Papel (Pro-Repa)*, criado há dois anos, embora a ideia de trabalhar com reciclagem esteja presente na Escola desde 1995. O programa não funciona como uma disciplina isolada no currículo, mas como um trabalho que tem como pretensão atingir todas as crianças, de dentro e de fora da Escola. Com os anos iniciais o programa funciona especialmente como um apoio aos professores e fazendo parte do próprio currículo, enquanto com os alunos dos anos finais é realizado no contra-turno – já que seria difícil integrá-lo no currículo formal. No programa são desenvolvidos trabalhos com sucata, papel e artesanato. O projeto visa uma mudança de comportamento, de fazer com que as crianças passem a ter o hábito de separarem o lixo, seja em casa seja na Escola¹¹.

⁸ Ibidem.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem.



Figura 2: Projeto Pro-Repa na Feira “Arte Cacareco”, realizado em novembro de 2011.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.



Figura 3: Projeto Pro-Repa na Feira “Arte Cacareco”, realizado em novembro de 2011.
Fonte: Arquivo Pessoal das autoras.

Outro projeto interessante é o *Entorno Escolar*, que visa transformar a área do entorno da Escola Dilma Lucia dos Santos em área pública para conservação e educação ambiental, atividades desportivas, lazer, convivência social, preservação da história e cultura local. Esse projeto constitui-se em uma construção coletiva da

comunidade escolar, entidades e moradores do distrito¹². A comunidade também utiliza o espaço físico da Escola para discutir o Plano Diretor de Florianópolis.



Figura 4: Outdoor no espaço da Escola, anunciando a discussão do Plano Diretor.
Fonte: Arquivo Pessoal das autoras.

O *Projeto Mares do Sul e Maré* é coordenado pela Professora Nanci Rosa, tem o objetivo de permitir aos alunos e alunas um estudo científico do seu ambiente local em comparação com outro próximo com características similares, estimulando a comparação a observação e a formulação de hipóteses, além de um resgate histórico sobre a economia da pesca na região. Além disso, visa proporcionar uma reflexão sobre a atuação dos seres humanos no ambiente natural e as mudanças ambientais que decorrem desta modificação¹³.

Na Escola também há um cineclube, intitulado *Cineclube da Armação*, que funcionou todos os sábados à noite, durante sete anos, no auditório da Escola, utilizado para exibições de filmes em parceria com a Programadora Brasil, que é um programa da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura¹⁴. No final de 2011, o Cineclube transferiu suas atividades para uma residência no bairro.

O *Projeto Escola Aberta para a Cidadania* é desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, que utiliza o espaço físico da Escola. O programa é a execução de uma política pública para beneficiar a população, disponibilizando os

¹² Proposta do Projeto “Entorno Escolar”, desenvolvido pela Escola Municipal Dilma Lúcia dos Santos, enviada à Prefeitura de Florianópolis, fevereiro de 2008.

¹³ Mais informações no site: <http://maresdosulmares.pbworks.com>

¹⁴ Mais informações no site: <http://cineclubearmação.blogspot.com/>

espaços e equipamentos das escolas municipais, de forma organizada, nos fins de semana e nas férias, promovendo educação, lazer, cultura, esporte e formação para o trabalho, para a comunidade em geral especialmente aos jovens. O objetivo do projeto é repensar a instituição escolar como espaço alternativo para o desenvolvimento de atividades de formação, arte, artesanato, informática, cultura, esporte e lazer para a comunidade escolar e local¹⁵. Na Escola, as oficinas oferecidas são de biscuit, cinema, cerâmica, crochê, patchwork, pintura em madeira/vidro/lata, espanhol e inglês, futebol masculino e feminino e o Boi-de-mamão.

Esses projetos vão ao encontro do Projeto Político Pedagógico da Escola, acerca do trabalho com os temas transversais:

Temas transversais não são disciplinas, apenas permeiam todas elas. Esses temas precisam estar presentes em todas as disciplinas, o tempo todo, como pano de fundo do trabalho da escola. Nossos temas transversais poderão ser diversos: mas é preciso ter no mínimo um enfoque na Ed. Ambiental, Cidadania, Diversidade Étnico-racial e dos Gêneros.¹⁶

Dentre os projetos que pesquisamos, escolhemos refletir sobre a Oficina do Boi-de-Mamão, oferecida pelo projeto *Escola Aberta Para a Cidadania*. Este é um projeto trabalhado há muito tempo no espaço da Escola Dilma, que envolve não apenas os seus estudantes como também o bairro da Armação, saindo dos muros da Escola. Esta Oficina também possibilita uma discussão sobre Patrimônio Cultural na cidade de Florianópolis, já que o Boi-de-Mamão é uma manifestação cultural considerada um Patrimônio da cidade, e praticada há muitos anos na Iha de Santa Catarina.

Assim sendo, nossa pesquisa neste momento foca dois objetivos principais: primeiro, perceber como a Escola atua enquanto centro cultural no bairro e enquanto agente de produção e construção do Patrimônio Cultural; e segundo, a relação que a Escola estabelece com a comunidade, através da Oficina do Boi-de-Mamão.

¹⁵ Maiores informações no site: <http://escolaabertaflorianopolis.blogspot.com/>

¹⁶ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Projeto Político Pedagógico Escola Básica Dilma Lúcia Dos Santos. Florianópolis, 2010. p. 60.

1.3. A oficina do Boi-de-Mamão na Escola Dilma Lúcia dos Santos: o espaço escolar para além do período de aulas

Para compreender melhor o projeto do Boi-de-Mamão, além de leituras sobre o tema, realizamos idas a campo: fomos à Escola durante três sábados e um domingo, para observar os ensaios e para assistir a apresentação do Boi, na Feira “Arte Cacareco”, promovida pela comunidade da Armação.



Figura 5: Ensaio da Oficina do Boi-de-Mamão.
Fonte: arquivo pessoal das autoras.



Figura 6: Ensaio da Oficina do Boi-de-Mamão.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.



**Figura 7: A Bernúncia no ensaio da Oficina do Boi-de-Mamão.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.**

Além disso, realizamos três entrevistas¹⁷ com pessoas que estão envolvidas na Oficina. São elas: Toni Alano, professor de artes cênicas, ministra a Oficina através da Fundação Franklin Cascaes; Altair L. Felipe, foi uma das primeiras participantes da Oficina e é orientadora pedagógica da Escola; e Roseli Maria da Silva Pereira, foi professora e diretora da Escola Dilma (1996 – 2004), é quem puxa a cantoria e participa da Oficina desde a década de 1990, atualmente está vinculada à Fundação Franklin Cascaes. O contato inicial com os entrevistados foi muito positivo. Todos nos receberam muito bem, inclusive os alunos e alunas que participam da Oficina. Os entrevistados se mostraram motivados a falar sobre o Projeto, e contribuíram bastante com suas experiências e seus relatos.

Como os relatos orais são as principais fontes em nossa pesquisa é preciso ressaltar que as entrevistas são discursos carregados de subjetividades e resignificassões: muitas vezes o entrevistado pode selecionar em sua memória apenas o que lhe convém, podendo direcionar o relato de acordo com seus valores, inclinações políticas e ideológicas. A memória é também uma construção do passado, no entanto, é pautada em emoções e vivências. Ela é flexível, e os eventos são lembrados de acordo com as experiências subseqüentes e as necessidades do presente.

¹⁷ O roteiro das entrevistas está em Anexos.

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para a aceitação do valor dos testemunhos diretos, ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa.¹⁸

As entrevistas são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. São produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente sobre o fato ou a conjuntura que se quer investigar. O trabalho com essa metodologia compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoimentos. Exige, antes, a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas¹⁹. Dessa forma, quando realizamos as entrevistas com os participantes da Oficina do Boi-de-Mamão, já tínhamos preparado o roteiro de entrevistas e realizado as leituras sobre o tema.

Como afirma Lucilia de Almeida Neves Delgado:

A História Oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento – o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido – o tempo presente.²⁰

O uso de fontes orais traz uma série de possibilidades para o trabalho histórico. Além de revelar novos campos e temas para a pesquisa, a História Oral apresenta novas hipóteses e versões sobre processos já analisados e conhecidos; recupera memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões; resgata informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registradas em outros tipos de documento; e contempla o registro de visões de personagens da história nem sempre considerados pela chamada História Oficial²¹. É por essa razão que as entrevistas foram fundamentais para realizarmos essa pesquisa, já que não foi

¹⁸ FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. Topoi Revista de História [online], 2002, vol. 1, n. 5, pp. 314-332. Disponível em <<http://www.ppghis.ifcs.ufrj.br/media/topoi5a13.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2009.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **Historia Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autentica, 2006, p. 15 e 16.

²¹ Ibidem, p. 19.

encontrado nenhum documento escrito sobre a Oficina do Boi-de-Mamão no bairro da Armação. Além disso, como pretendemos analisar a forma como a comunidade se relaciona com a Escola por meio do Boi, é imprescindível que experiências pessoais de participantes da Oficina sejam ouvidas e recuperadas.

Uma das vantagens de se trabalhar com a História Oral – e é o que será considerado nesta pesquisa – está em permitir o estudo das formas como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, e como experimentaram o passado, sendo possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas²². Serão utilizadas nesta pesquisa as entrevistas de tipo temáticas, que se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados²³, ou seja, neste caso, procuramos saber especificamente sobre a Oficina do Boi-de-Mamão e a relação que é estabelecida entre o Boi, a Escola e comunidade.

A História Oral também pode evidenciar que a constituição da memória é um objeto de negociação. A memória, de acordo com Pollak, é fundamental para um grupo porque está relacionada com a construção de sua identidade. A memória é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, ou seja, a identidade²⁴. Antes de tudo, é preciso estar ciente que a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. Isso significa dizer que ela é um fenômeno construído social e individualmente, ou seja, o que a memória grava, exclui, “deleta” é o resultado de um verdadeiro trabalho de construção. Outro aspecto importante é que a memória é herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. Neste sentido, há uma relação entre memória e o sentimento de identidade. Identidade compreendida no sentido da imagem de si, para si e para os outros²⁵.

É o caso do Boi-de-Mamão, uma manifestação cultural praticada há muitos anos na cidade de Florianópolis, que está vinculada à memória e à identidade da cidade. No entanto, é preciso lembrar que, como a memória e a identidade são construções do presente, há um esforço não somente da Escola, como também

²² ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 165.

²³ DELGADO, Lucília de Almeida Neves, ob. cit., p. 22.

²⁴ POLLAK, Michael, **Memória e identidade social**, **Estudos Históricos**, RJ, vol. 5, n. 10, 1992, p. 204.

²⁵ *Ibidem*.

dos agentes governamentais, que o folguedo do Boi-de-Mamão continue sendo praticado, pois é considerado um Patrimônio por ser, num discurso majoritário, herança dos colonizadores açorianos²⁶.

Também conhecido como Boi-de-Pano, o Boi-de-Mamão fazia parte, tradicionalmente, de um ciclo de festas populares de Natal do litoral catarinense. De acordo com Doralécio Soares, esse ciclo de festas era composto, além do Boi, pelo Terno de Reis e pelos Cacumbis²⁷. No folclore brasileiro existe com diversos nomes: Bumba-meu-Boi, Boi-Bumbá, Boi-Pintadinho, Boi-de-Rei, Boizinho, Boi-da-Cara-Preta, Boi-Calembra.

Inicialmente, em Santa Catarina, a brincadeira era conhecida por Bumba-meu-Boi. Posteriormente, passou a se chamar Boi-de-Pano. Dentre as muitas versões sobre a origem do nome do folguedo, existe a história de que com a pressa de se construir o Boi, foi utilizado um mamão verde para fazer a cabeça. O que levou a brincadeira a se chamar Boi-de-Mamão. Há quem contrarie essa versão, dizendo que o mamão viria de boi que mama. As versões variam e são controversas, mas o tema é sempre o mesmo, qual seja, a morte e ressurreição do boi²⁸.

Na Ilha de Santa Catarina há dúvidas sobre o surgimento da primeira brincadeira de Boi. Alguns atribuem aos nordestinos a vinda do folguedo para a Ilha²⁹. Mas há que diga que a brincadeira veio da Espanha e Portugal³⁰. O primeiro registro sobre o Boi na Ilha foi feita por José Boiteux, em 1871³¹.

Essa pluralidade de versões acerca do surgimento do folguedo do Boi-de-Mamão é perceptível nas entrevistas realizadas. De acordo com o professor Toni, o Boi-de-Mamão é uma cultura completamente brasileira. Para ele, trata-se de uma homenagem que os brasileiros fizeram ao boi, que representava ajuda no trabalho.

²⁶ No entanto, como veremos posteriormente neste trabalho, há uma pluralidade de discursos sobre as “origens” do Boi-de-Mamão na cidade.

²⁷ O tema do Cacumbi será melhor trabalho no capítulo 2.

²⁸ SOARES, Doralécio. **Aspectos do folclore catarinense**. Florianópolis: Ed. do autor, 1970, p. 48.

²⁹ Luís da Câmara Cascudo em seu dicionário sobre o Folclore Brasileiro, publicado em 1956, relaciona o Boi-de-Mamão de Santa Catarina com o Bumba-meu-Boi. “Toma esse nome o auto do Bumba- meu- Boi de Santa Catarina”.

³⁰ O folclorista catarinense Nereu do Vale Pereira, em sua Monografia Versando Cultura Popular em Santa Catarina, publicada no ano de 1996, apresenta tal argumento: “Entendo que a dança folclórica do “Boi- de- Mamão” catarinense tem vinculação tauromáquica e viés ibérico, especialmente Espanha”.

³¹ SOARES, Doralécio, ob. cit., p. 50.

Na sua fala, Toni utiliza um discurso mais acadêmico, citando, inclusive, Darcy Ribeiro³². Nas palavras do entrevistado:

Mas o Boi-de-Mamão é uma cultura completamente brasileira, né. Não se sabe muito bem as origens, mas é algo brasileiro. O Boi-Bumbá, Bumba-meu-Boi. É uma homenagem que os brasileiros fizeram ao boi, que representava e ajudava no trabalho. Pro vaqueiro o boi era o que ia ao trabalho, o Brasil se forma com o boi, é o boi que leva o Brasil para o interior, no processo de ocupação das terras. E essa homenagem ao boi, além de ser uma coisa ancestral, porque o mito do boi que morre e ressuscita é uma coisa milenar, vem de Creta. O próprio deus do teatro, Dionísio, tem muita coisa relacionada ao boi, enfim... é um mito, uma coisa arquetípica. E no Brasil, e bastante aqui no sul, em Santa Catarina, que se vê muito isso. Mas isso eu não tirei da minha cabeça não (risos), quem fala muito disso é o Darcy Ribeiro, que o boi democratiza a terra.³³

Já Roseli utiliza diversas vezes o termo “açoriano”, como fica perceptível na seguinte fala: “Ela [a escola] foi premiada no segundo lugar, principalmente pelas características da nossa benzedeira, que tinha o aspecto açoriano, com a benzedura e tudo mais”. Além disso, a professora não relaciona em nenhum momento a brincadeira com outras culturas, como, por exemplo, a afrodescendente³⁴.

Altair, por sua vez, contando do seu interesse pelo Boi, contesta a origem açoriana:

Eu queria mais pesquisar pra ver, porque existia também a defesa de que ele [o Boi-de-Mamão] tem uma origem açoriana e hoje até os autores já estão mudando essa fala... Nessa formação da Ilha conservando tradições e tudo mais, onde tinham negros indígenas e açorianos, então todo mundo brincava. Ele tem muito uma característica ilhoa, bem da nossa região e não dá pra dizer que ele é só açoriano, que ele é só africano, mas tem que desmistificar essa coisa de que ele tem origem açoriana. E uma das coisas que fez vir pra o Boi-de-Mamão foi isso.³⁵

³² ALANO, Toni. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

³³ Ibidem.

³⁴ PEREIRA, Roseli. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

³⁵ FELIPE, Altair. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lúcia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

Apesar do Boi-de-Mamão ser uma antiga manifestação cultural na Ilha de Santa Catarina – inclusive no bairro da Armação – foi a partir de 1990, com o curso “A festa do Boi, só ama quem conhece”, que o Boi da Armação passou a ser institucionalizado, no sentido de haver um esforço por parte da Escola e do governo municipal em organizar o folguedo, construindo não apenas as cantorias, como também o figurino. O curso tinha como objetivo difundir e valorizar a cultura do Boi-de-Mamão em Florianópolis, e era ministrado aos professores de arte da rede municipal de Ensino, pela Universidade Federal de Santa Catarina, com apoio da Fundação Pró-Turismo de Florianópolis. A proposta do curso incluía a adesão dos professores na construção de um Boi-de-Mamão nas escolas de origem e a posterior participação num concurso de Bois promovido pela Fundação Franklin Cascaes³⁶.

Na Escola, o projeto era, inicialmente, orientado por Nei Batista de Souza, e foi motivado pela professora Marliese Vincenzi. Alunos e alunas criaram e modelaram em argila as bases para a confecção das máscaras dos personagens. Enquanto isso, outro grupo construía as armações em madeira do Boi, do Cavalinho, da Cabra, da Bernúncia e da Maricota. Os tecidos das roupas dos bichos foram doados por mães, professores e pela comunidade³⁷. Esse é um aspecto muito relevante, que evidencia a maneira como o bairro é envolvido com o folguedo do Boi.

Os professores foram orientados no curso a adicionar aos personagens do Boi um bicho que representasse a fauna local. Foi escolhido o jacaré, animal que tinha seu habitat na Lagoa do Peri, e que na época acreditava estar extinto. A escolha tinha o objetivo de conscientizar a preservação da fauna e ecossistemas da região³⁸.

Um ano depois, foi realizado um concurso de Bois-de-Mamão em frente à Catedral de Florianópolis, que contou com a presença de diferentes escolas municipais. O Boi-de-Mamão da Armação conseguiu a terceira colocação. Foi o primeiro grupo na Ilha a colocar em cena a figura da bruxa açoriana³⁹, em homenagem ao professor e pesquisador Franklin Cascaes.

³⁶ Essas informações foram retiradas de um texto não publicado disponibilizado por Altair L. Felipe e pelas entrevistas realizadas ao longo da pesquisa.

³⁷ Idem.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Nas apresentações que observamos, percebemos a ausência da personagem bruxa açoriana.

É interessante perceber que, apesar do folguedo ter a mesma denominação, ou seja, “Boi-de-Mamão”, há variações dependendo da região onde é praticado. Inclusive, dentro de uma mesma cidade, como é o caso de Florianópolis. Por exemplo, o Boi-de-Mamão da Armação tem uma característica singular: a personagem Maricota é negra, fato que está ausente em outros Bois. Durante a entrevista, Altair relatou que a Maricota negra foi uma homenagem a ela.

A nossa Maricota é uma Maricota que eles fizeram até mais em homenagem pra mim. Que a Maricota é um personagem que até dizem que ela veio daí de Blumenau, uma coisa assim, e aí a nossa Maricota é negra.⁴⁰



Figura 8: A Maricota negra, nos ensaios da Oficina do Boi-de-Mamão.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

As cantorias que embalam a apresentação do Boi-de-Mamão também remetem para essas particularidades culturais locais. Como é possível observar na seguinte letra da música do Boi da Armação, “Jacaré, Urso e Macaco”:

*“Na lagoa do Peri, tinha muito jacaré
Homem veio e matou
Reclamar pra quem seu Zé*

⁴⁰ FELIPE, Altair. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lúcia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

*E o amigo macaco
Que no Peri já habitou
Veio brincar com a gente
E a gente se alegrou.*⁴¹

Da mesma forma, Roseli afirma que

A nossa música não tem em todo o município, nem no estado de Santa Catarina. É uma música totalmente diferente, porque cada comunidade também faz adaptação da sua música conforme a comunidade. (...) Nós queremos incluir a baleia, porque aqui tem uma história muito forte vinculada à baleia, e às armações, vamos ver se dá certo.⁴²

A partir desse concurso, o grupo Boi-de-Mamão da Armação passou a se apresentar em diversos eventos em várias partes do estado. Desde então, a Escola mantém o Boi como atividade extra-curricular. Hoje, a Oficina do Boi-de-Mamão é oferecida às crianças e adolescentes no Programa *Escola Aberta*, que funciona nos finais de semana na Escola Professora Dilma Lúcia dos Santos.

O Patrimônio Cultural, atualmente, é estudado a partir de seu caráter "construído" ou "inventado". Cada nação, grupo, família, cada instituição constrói, no presente, o seu patrimônio, com o objetivo de articular e expressar sua identidade e sua memória⁴³. É neste sentido que, a partir de uma convivência no bairro e da experiência de pesquisa, percebemos que a Escola atua como um agente de produção e construção do Patrimônio Cultural, ao desenvolver a Oficina de Boi-de-Mamão.

As cantorias do Boi-de-Mamão da Armação são um exemplo interessante do quanto um determinado Patrimônio é construído. Todas as letras foram elaboradas por um grupo, em um local e em um período específico, no caso, na Escola no curso de 1990. Roseli conta que foi realizada uma pesquisa voltada para a comunidade, dessa forma, toda música fala da vivência das pessoas do bairro. E nas palavras dela: “essas músicas foram todas construídas através desse primeiro Projeto e, a partir disso, ela é a música oficial do nosso Boi-de-Mamão”⁴⁴.

⁴¹ As letras estão disponíveis no blog: <http://boidemamaoebmarmacao.blogspot.com.br>.

⁴² PEREIRA, Roseli. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

⁴³ GONÇALVES, José R. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15 – 36, jan./jun, 2005.

⁴⁴ PEREIRA, Roseli. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

Como aponta Gonçalves, é preciso que os objetos que compõem um Patrimônio encontrem "ressonância" junto a seu público. Ou seja, há situações em que determinados bens culturais não encontram respaldo ou reconhecimento junto a setores da população. Isso significa que a construção de um Patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência do Estado, e muito menos de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou de grupos⁴⁵.

Com idas a campo, e durante todo o período do Estágio Docência, percebemos que o Boi-de-Mamão possui uma estreita relação com o bairro da Armação. No Estágio Supervisionado de História II⁴⁶ trabalhamos com o tema e podemos perceber que vários alunos e alunas já tinham participado da Oficina do Boi, não apenas no bairro na Armação, mas fora dele também. José Reginaldo Gonçalves ressalta que o passado é de interesse cultural apenas quando ele está ainda presente e pode tornar-se futuro. E continua:

Esse aspecto está relacionado com a categoria "patrimônio", e se articula com a dimensão da subjetividade, uma vez que esta pressupõe sempre alguma forma específica de continuidade entre o passado, o presente e o futuro.⁴⁷

Se explorarmos outras dimensões do Patrimônio, é possível encontrar formas de patrimônio cultural no mundo contemporâneo que estejam fortemente ligadas à experiência⁴⁸. Durante as entrevistas, percebemos que os responsáveis pela Oficina possuem alguma ligação com o bairro, e são envolvidos com o Boi-de-Mamão antes mesmo da Oficina na Escola existir. E como afirma Roseli:

Muitos que estão aqui hoje, essas crianças [que participam da Oficina], são filhos de outras pessoas que já participaram do Boi-de-Mamão. Eu acho importante trabalhar a questão da cultura do Boi pela questão do fortalecimento da nossa identidade cultural, das nossas raízes, o nosso folclore, pra que isso não acabe, e pra que passe de geração a geração.⁴⁹

Da mesma forma, quando o oficinairo Toni é questionado sobre a relevância da Oficina para o bairro, ele coloca que é importante

⁴⁵ GONÇALVES, Reginaldo, ob. cit.

⁴⁶ Maiores informações no capítulo 2 e 3.

⁴⁷ GONÇALVES, Reginaldo, op. cit.

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ PEREIRA, Roseli. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

Pra própria identidade da escola e da comunidade que tem a ver com o Boi-de-Mamão. Os pais já conhecem desde pequenos, os avós... Sempre quando a gente se apresenta é um grande sucesso, as pessoas se identificam mesmo. E, para quem faz, tem muito a ver com a auto-estima.⁵⁰

De acordo com Toni, a Oficina além de colocar os jovens do bairro em contato com esse folgado, faz com que os estudantes criem vínculos com a brincadeira:

Com o tempo eles vão criando identidade com os bichos. Começam a querer ser donos dos bichos. E quando eles chegam lá pelos 15, 16, 17 anos, eles começam a ter uma crise, e começam a ir embora⁵¹.

Isso mostra que um determinado Patrimônio Cultural nunca é um dado “natural”. Ou seja, as crianças podem até criar um vínculo com a brincadeira a partir da Oficina, mas isso só ocorre porque houve um esforço da Escola e da prefeitura que essa relação fosse criada.

Além disso, há uma questão muito importante na Oficina do Boi-de-Mamão que é o fator social. Nas entrevistas com a Altair e o Toni, percebemos o quanto a Oficina contribui com a auto-estima dos estudantes, levando em consideração que os alunos e alunas que participam estão ali por vontade própria. Diferente da maioria dos trabalhos escolares desenvolvidos, que estimulam a produção individual, a Oficina desenvolve o trabalho coletivo, a discussão e a relação entre os estudantes. Também é preciso lembrar que a Oficina não leva em conta o desempenho do aluno ou aluna em sala de aula.

Através dos projetos desenvolvidos no espaço escolar que pesquisamos, percebemos que a Escola Dilma Lúcia dos Santos também atua como um centro cultural no bairro da Armação, porque é utilizada pelos estudantes e pela comunidade além do horário de aulas. Por meio dos projetos analisados, mais especificamente do Boi-de-Mamão, observamos que há uma relação estreita entre a comunidade e a Escola. Talvez pela ausência de um centro comunitário, a Escola supre essa falta da infra-estrutura do bairro. No entanto, ainda que houvesse um centro cultural e comunitário adequado, acreditamos que todas as escolas

⁵⁰ ALANO, Toni. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

⁵¹ Ibidem.

deveriam cumprir essa função, e oferecer diversificados projetos além do horário de aula.

No entanto, como afirmou Altair em entrevista, a Escola só pode ter essa função quando a educação e o currículo escolar estão vinculados com a cultura popular. Apesar disso, Altair afirma que, cada vez mais, assiste uma ruptura entre a cultura de base da comunidade e a Escola. Uma festa como a Festa da Diversidade, realizada pela Escola, contribui para o fortalecimento da relação entre a Escola e a comunidade.

A pesquisa de campo foi muito interessante, porque conhecemos de perto a comunidade, e percebemos que há uma grande diversidade cultural no bairro. Estar consciente do ritmo do bairro e da relação deste com a Escola foi fundamental para o Estágio Docência II, porque evidenciou a relação que os alunos possuem com o espaço escolar. Apesar das discussões atuais que considera o Patrimônio Cultural uma construção – e concordamos com ela –, concluímos que o folguedo do Boi-de-Mamão não é apenas uma manifestação cultural instituída pela Escola ou pelos agentes governamentais, mas encontra respaldo e retorno da própria comunidade.

2. PROJETO DE ENSINO: DESTERRO E O BAIRRO DA ARMAÇÃO A PARTIR DE FESTAS E CELEBRAÇÕES

No processo de planejamento e de construção de nossas aulas, alguns referenciais teóricos e metodológicos foram utilizados. Neste capítulo, iremos nos ater em discutir essas questões, os caminhos que tomamos na pesquisa realizada durante o Estágio, nossas escolhas teórico-metodológicas e também nossa proposta em Educação Patrimonial.

Todas as nossas aulas na Escola Municipal Dilma Lúcia dos Santos foram desenvolvidas a partir de um eixo temático, que tinha como tema *práticas culturais*, mais especificamente, *festas e celebrações*. De acordo com Maria Auxiliadora Schmidt, o eixo temático deve mediar a análise de determinadas questões, que permitem um ir e vir entre passado e presente, entre o local, o regional, o nacional e o universal. Isso gera condições para superar uma perspectiva tradicional e linear da História. Dessa forma, o objeto do conhecimento histórico, de acordo com Schmidt, é a contemporaneidade, que deve ser abordada numa perspectiva problematizadora, fazendo uma articulação entre a história vivida dos alunos e dos professores⁵².

Nossa concepção de como deve ser o tratamento dos conteúdos dos eixos temáticos vai ao encontro do que propõe Schmidt, ou seja, que a experiência do aluno seja o ponto de partida. A experiência do aluno é o elemento articulador entre o conhecimento particular e universal, entre o absoluto e o relativo, entre o passado, o presente e o futuro histórico⁵³.

Dentre as festas e celebrações do bairro da Armação – onde está situada a Escola – escolhemos problematizar o Boi-de-Mamão. Folguedo o qual estamos familiarizadas, já que, durante o Estágio Supervisionado I, desenvolvemos uma pesquisa sobre a oficina do Boi-de-Mamão, oferecida pelo Programa *Escola Aberta*, tema trabalhado no capítulo I. Um aspecto que contribuiu para a escolha de problematizar o Boi-de-Mamão foi que ele nos possibilitaria uma abordagem de História Local em sala de aula. Ainda de acordo com Schimidt,

a História Local pode ser vista como uma “estratégia pedagógica” (Ossana, 1994). Trata-se de uma forma de

⁵² SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História. In: **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2007, p. 206.

⁵³ Ibidem, p. 207.

abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico a partir de proposições que tenham a ver com os interesses dos alunos, suas aproximações cognitivas, sua vivência cultural, com a possibilidade de desenvolver atividades vinculadas diretamente com a vida cotidiana entendida, como expressão concreta de problemas mais amplos.⁵⁴

Durante o Estágio I percebemos que diversos alunos da Escola Dilma Lúcia dos Santos haviam participado da Oficina do Boi-de-Mamão. Assim sendo, este foi outro motivo que nos levou a escolher esse folguedo para trabalhar em sala de aula, pois faz parte de nossa concepção de Ensino de História abordar os conteúdos a partir da vivência cultural e do cotidiano dos estudantes, tal como afirma Schmidt.

Nossa proposta em Educação Patrimonial está fundamentada na problematização de seu objeto, ou seja, é preciso, durante as aulas, historicizar e desnaturalizar a prática cultural do Boi-de-Mamão. Dessa forma, este é um dos objetivos das nossas aulas, qual seja, desconstruir a ideia de que determinadas práticas culturais – nesse caso, o Boi-de-Mamão – são um acontecimento natural e, sim, percebê-las enquanto uma construção histórica.

Ao trabalhar com práticas culturais, é preciso ir além do tripé “conhecer, preservar e difundir”, como alerta Andrea Ferreira Delgado e Ilse de Oliveira: “Tanto o trabalho com os bens culturais em sala de aula quanto à visita a monumentos, museus e cidades históricas devem compreender a investigação da sua produção pelos agentes oficiais encarregados de instituir a memória coletiva”⁵⁵.

Um aspecto muito importante é que a Oficina do Boi-de-Mamão nos possibilitaria uma discussão sobre Patrimônio Imaterial, que é o cerne da nossa proposta em Educação Patrimonial. De acordo com Luana Silva Boamorte de Matos, construir uma educação para o Patrimônio é um exercício importante àqueles que atuam em sala de aula. Desafios motivados pela novidade da metodologia da Educação Patrimonial no país, e pela necessidade em construir um currículo que privilegie ações centradas na valorização do Patrimônio Cultural, se

⁵⁴ Ibidem, p. 213.

⁵⁵ DELGADO, Andrea; OLIVEIRA, Ilse. Educação patrimonial como experiência interdisciplinar: patrimônio e memória na cidade de Goiás. **Revista Solta Voz**, v. 19, n. 2, p. 138.

apresentam como importantes pontos a serem considerados pelos docentes que pretendem fazer uso desta prática educativa⁵⁶. Além disso,

É saber notório que o Patrimônio Cultural, entendido como todos os bens de natureza material e imaterial portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da nossa realidade, é um promissor instrumento pedagógico ao exercício da cidadania.⁵⁷

É preciso lembrar que foi estabelecido em 4 de agosto de 2000 o Decreto 3551, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o Patrimônio Cultural brasileiro. É criado, então, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, dotando o Estado de meios jurídicos para inventariar, proteger e divulgar os bens culturais de natureza imaterial ou intangível⁵⁸.

Os bens selecionados para o registro são inscritos em livros denominados: *Livro dos registros dos saberes* (para o registro de conhecimentos e modos de fazer); *Livro das celebrações* (para as festas, os rituais e os folguedos); *Livro das formas de expressões* (para inscrição de manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas); *Livro de lugares* (para inscrição de espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas)⁵⁹.

No Brasil, a noção de Patrimônio Cultural tomou diferentes formas e teve concepções distintas ao longo da história. Andréa Ferreira Delgado afirma que a constituição do campo do Patrimônio no país resulta de estratégias discursivas e não discursivas do Instituto Histórico e Artístico Nacional, o Iphan. Ao realizar o trabalho de produção, gestão e imposição de determinados bens como integrantes de uma memória nacional, este mesmo órgão inventou a noção de Patrimônio Nacional. Delgado afirma que a nomeação oficial de um bem como patrimônio da nação, sob guarda do Estado, ocorre através do registro nos Livros do Tombo, e que, nesse processo

o IPHAN não resgata valores intrínsecos ou pré-existentes, nem descobre o valor estético ou histórico desse bem; pelo

⁵⁶ MATOS, Luana S. B. Desafios às ações de Educação Patrimonial nas escolas. **IV Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**, Laranjeiras – SE – Brasil, 2010.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ SANT’ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Brasília, 1996, p. 48 e 49.

⁵⁹ Ibidem.

contrário, instaura esses valores ao inscrevê-los na rede discursiva do patrimônio, à medida que o tecido da linguagem lhes atribui significados que os torna símbolos da memória nacional.⁶⁰

A única manifestação cultural que utiliza a figura do boi e é registrada pelo IPHAN como Patrimônio Imaterial é o Bumba-meu-Boi do Maranhão⁶¹. Um dos objetivos em nossas aulas é a identificação de diferentes manifestações culturais que possuem o boi como principal personagem. Utilizar o Bumba-meu-Boi como exemplo foi uma forma encontrada para que os alunos conseguissem perceber que o Boi-de-Mamão da Armação, também se constitui num Patrimônio Imaterial. Além disso, destacamos que existem diferentes brincadeiras pelo Brasil na quais o Boi é o principal personagem, cada uma com suas especificidades.

Partimos do pressuposto que não podemos ensinar História como um passado real, pronto e acabado, e que não existe apenas uma História verdadeira e definitiva, mas que, ao contrário, o conhecimento histórico é também uma construção de alunos e professores⁶². Sendo assim, em nossas aulas identificaremos as diferentes visões sobre as origens do Boi-de-Mamão. E, através dessas visões, mostramos que a História da cidade e do bairro é formada por uma pluralidade de práticas culturais de diferentes etnias. Com isso, o nosso objetivo é que os conteúdos fossem percebidos como versões historicamente produzidas e, portanto, provisórias, como sugerem Andréa Delgado e Monica Martins⁶³.

Sobre a origem do Boi-de-Mamão em Santa Catarina, existe uma série de versões. Essas diferentes visões serão problematizadas na sala de aula, através de diferentes documentos históricos, como relatos de folcloristas e auxílio de audiovisual. Para trabalhar com essas fontes históricas foi preciso incorporar a crítica ao conceito de documento histórico, que deve ser visto como um monumento, ou seja, é um rastro deixado pelo passado, que foi construído intencionalmente pelos homens, e pelas circunstâncias históricas das gerações anteriores. É preciso encarar o documento/monumento como um instrumento de

⁶⁰ DELGADO, Andréa Ferreira. Configuração do campo do patrimônio no Brasil. In: BARRETO, Euder et alli. **Patrimônio Cultural e Educação**: artigos e resultados. Goiânia, 2008, p. 97 e 98.

⁶¹ Mais informações: www.iphan.gov.br.

⁶² SCHMIDT, Maria Auxiliadora, ob. cit., p. 208.

⁶³ DELGADO, Andréa; MARTINS, Monica; SAMPAIO, Segismunda. Projeto de Ensino de História do CEPAE: itinerários para a prática pedagógica. **Revista Solta a Voz**, v. 20, n. 2, p. 259.

poder político⁶⁴. Os documentos são construções, onde uma determinada imagem é criada para as gerações futuras. De acordo com Jacques LeGoff:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica que dura, é o testemunho, um ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado, desmistificando-lhe o seu significado aparente.⁶⁵

O trabalho em sala de aula com documentos, como aponta Nilton Pereira e Fernando Seffner,

pode ser pensado na ótica de criar e recriar o que somos, dando um sentido original para o Ensino de História, em conexão com a formação da identidade dos alunos, situados em um determinado contexto histórico, que necessita ser entendido.⁶⁶

Nosso objetivo ao trabalhar com documentos históricos em sala de aula é de levantar questões que permitiam aos alunos identificar as relações de passado e presente, incitar discussões e debates, estimular a pesquisa por parte do aluno, e promover a articulação entre temas e conteúdos problematizando alguns aspectos da sociedade atual. Juntamente com a análise de diferentes interpretações dos fatos estudados, trabalhar diferentes documentos históricos também possibilita a compreensão por parte do aluno dos procedimentos do ofício do historiador. Como afirmam Andrea Delgado e Monica Martins:

Por um lado, discutem-se as fontes históricas utilizadas na produção de diferentes possibilidades de interpretação realizadas pelos historiadores. Por outro lado, considerando que o ensino-aprendizagem fundamenta-se na construção ativa do conhecimento histórico realizada pelo aluno, com a mediação do(a) professor(a), realizam-se atividades de interpretação de um conjunto diversificado de documentos históricos visuais, escritos, materiais e orais.⁶⁷

⁶⁴ LE GOFF, Jacques. Documento/monumento, In. **Historia e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525-539.

⁶⁵ Ibidem, p. 547 e 548.

⁶⁶ PEREIRA, Nilton; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes em sala de aula. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, 2008, p. 115.

⁶⁷ DELGADO, Andrea; MARTINS, Monica; SAMPAIO, Segismunda, op. cit., p. 259.

Por essa razão, diversificamos as fontes históricas em sala de aula: audiovisual, fotografias, pinturas, músicas, relatos de viajantes, periódicos e mapas. Trabalhar com materiais diversificados permite a verificação de vários pontos de vista a respeito de um fato, uma vez que todo e qualquer material é fruto de um posicionamento político dentro da sociedade.

O audiovisual se mostrou uma importante ferramenta utilizada para instigar a participação dos alunos na aula. Porém é preciso ressaltar que o filme, assim como qualquer outra forma de linguagem, não está isento do que foi dito acima: ele sempre será fruto de uma posição adotada, sempre representará apenas uma versão a respeito dos fatos⁶⁸. Por exemplo, o audiovisual utilizado em sala de aula, “O Nosso Boi-de-Mamão”⁶⁹, apesar de sua tentativa de dar conta de uma prática comum na região litorânea de Santa Catarina, não contempla as especificidades dos diferentes grupos de Boi-de-Mamão que existem no estado. Além do mais, as músicas que embalam o vídeo são do Grupo Folclórico Infante-Juvenil do Porto da Lagoa.

O Boi-de-Mamão praticado em Santa Catarina fazia parte, como dito no capítulo anterior, de um ciclo de festas populares de Natal no litoral catarinense, que se estendiam até as vésperas do Carnaval. Esse ciclo de festas era composto, além do Boi, pelo Terno de Reis, que se iniciava entre as noites de 24 de dezembro a 15 de janeiro, e os Cacumbis⁷⁰. O Cacumbi é uma manifestação ligada aos descendentes de africanos no Brasil. Era conhecido como o Natal Negro, porque, de acordo com Patrícia Teixeira de Souza, os negros da comunidade só podiam comemorar o Natal no dia 26, depois do Natal dos brancos. Ainda segundo Souza, o Cacumbi tem origem luso-afro-brasileira: o catolicismo de Portugal forneceu os elementos europeus da devoção à Senhora do Rosário e a igreja no Brasil reforçou essa crença. Os negros, com estes ingredientes deram forma à festa e ao culto⁷¹.

⁶⁸ DIAS, Rodrigo Francisco. Cinema e Ensino de História: possibilidades e limites. **VII Encontro Nacional: Perspectivas do Ensino de História**. Comunicação Oral. UFU, Uberlândia, Minas Gerais, 2009.

⁶⁹ “O Nosso Boi- de- Mamão” foi produzido pelo Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS) da Universidade Federal de Santa Catarina, feito por alunos através da disciplina “Oficina de vídeo História” entre o ano de 2001 a 2002. No vídeo são apresentados os principais personagens que compõem o Boi- de- Mamão.

⁷⁰ MELO, Osvaldo. **O boi-de-mamão catarinense**. [s/e], 1949, p. 5.

⁷¹ SOUZA, Patrícia Teixeira. **Cacumbi, Catumbi, Quicumbi, Ticumbi**: uma análise dos elementos teatrais contidos nesta manifestação afro-brasileira de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Cênicas – UDESC, Florianópolis, 2006, p. 31.

Segundo o historiador José Jaime, o Cacumbi acontece de norte a sul do Brasil e é também conhecido como Catumbi ou Quicumbi, o qual sempre apresentou características semelhantes em suas trovas, bandeiras, roupagens, tambores e espadas, instrumentos presentes na dança. O objetivo era realizar a coroação de seu rei e de sua rainha e homenagear com trovas e procissões Nossa Senhora do Rosário e São Benedito⁷².

Nossas aulas do Estágio foram planejadas a partir do eixo temático *práticas culturais*; com o tema *festas e celebrações*, fizemos a relação presente-passado-presente. Dessa forma, através do Cacumbi, introduzimos a questão das festas de africanos e de seus descendentes em Desterro, na primeira metade do século XIX. Duas manifestações de africanos e seus descendentes foram problematizadas: as Coroações de Reis Negros e o Batuque.

Durante o Estágio Docência, é preciso destacar, estamos inseridas no Projeto de Extensão *Santa Afro Catarina*, cujo objetivo é valorizar a cultura afro-brasileira e promover a difusão do Patrimônio Cultural associado à presença de africanos e afrodescendentes em Santa Catarina.

Nosso objetivo ao trabalhar a questão das festas de africanos em Desterro foi evidenciar que a escravidão vai além da relação com o trabalho. Os escravos constituíam suas redes de sociabilidade, sendo as festas, uma delas. As festas de africanos e afrodescendentes aconteciam regularmente e eram muito populares. Por meio das festas é possível perceber o modo de vida de escravos e seus descendentes⁷³.

É preciso estar ciente que *festas* são um fato político, religioso e simbólico. Dessa forma, se constituem como acontecimentos importantes para analisar como se tornavam públicas as diferenças sociais⁷⁴. Além disso, como coloca Norberto Guarinello, o termo *festa* não é neutro, e sua definição mexe com nossos valores, com nossa visão de mundo⁷⁵. É importante lembrar que as festas são laboriosamente e materialmente preparadas, custeadas, planejadas, segundo

⁷² JOSÉ, Jaime. **Danças, tambores e festejos**: Aspectos da cultura popular negra em Florianópolis do final do século XIX ao século XX. seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/downloadSuppFile/38/10.

⁷³ JOSÉ, Jaime. Entre as diversões e as proibições: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. VIDAL, Joseane Zimmermann (Orgs.). **História Diversa**: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina (No prelo).

⁷⁴ DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2000, p. 10.

⁷⁵ GUARINELLO, Noberto Luiz. Festa, trabalho e cultura. **Festa**: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Editora da USP, 2001, p. 971.

regras específicas, aparecem como uma interrupção do tempo social, e, acima de tudo, festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais quanto simbólicos. Segundo Guarinello:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais, cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.⁷⁶

O Batuque, com toda a repressão que sofreu ao longo da história do Brasil, ainda está presente na sociedade atual – o maior exemplo é o samba de terreiro e, como já foi mencionado, o Candomblé. É fundamental que se discuta a questão da repressão e da resistência da cultura afro-brasileira, sendo este um dos nossos objetivos.

Segundo Beatriz Mamigonian, devido às pesquisas, principalmente, de Oswaldo Cabral, Walter Piazza e Fernando Henrique Cardoso têm-se, no senso comum, que a escravidão africana em Santa Catarina foi diferente do resto do país. Para esses autores, a ocupação efetiva da Ilha de Santa Catarina e litoral adjacente, em meados do século XVIII, por política expressa da Coroa Portuguesa, implicou na fortificação da Ilha e na vinda de casais açorianos como colonos, e estaria restrita a interesses militares estratégicos. Com isso, esses autores defendiam que a escravidão na Ilha e no litoral adjacente foi sempre menos importante do que em outras regiões do país, tirando o sentido de colonização. Dessa forma, através desta corrente historiográfica, criou-se uma imagem de que na região houve, predominantemente, povoação de europeus, o que escondeu a presença histórica de africanos e seus descendentes⁷⁷.

No entanto, novos estudos buscam outro olhar para como se constituiu a escravidão na Ilha de Santa Catarina, quebrando esta visão hegemônica. Levar para sala de aula essa nova perspectiva sobre a escravidão em Desterro constitui um dos objetivos das nossas aulas. Desconstruir o senso comum de que a escravidão em Santa Catarina foi insignificante tanto econômica, quanto

⁷⁶ Ibidem, p. 972.

⁷⁷ MAMIGONIAN, Beatriz. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750 – 1850) In: FRAGOSO, João (org). **Nas rotas do Império**: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. Lisboa: Edufes, 2006, p. 615.

culturamente foi fundamental para perceber a presença africana na cultura da cidade e do bairro.

Todo conhecimento sistematizado é, antes de tudo, uma seleção marcada por interesses de classe, bem como por interesses de grupos sociais associados a questões como raça e gênero⁷⁸. Pensando nisso, além de historicizar o folgado do Boi-de-Mamão, iremos problematizar a questão da seleção cultural, ou seja, por que o Boi se mantém vivo atualmente, e o Cacumbi é considerada uma prática extinta?

Como se vê, os conteúdos que trabalhamos em sala de aula procuraram superar uma organização baseada em conteúdos fixos ou seqüências obrigatórias, e buscaram estar vinculados à realidade social dos alunos, como sugere Schmidt⁷⁹. Apesar do conteúdo se basear num conhecimento produzido na academia, o conhecimento escolar não se trata apenas da reconstrução de conhecimentos científicos / eruditos. Trata-se de um conjunto de conhecimentos múltiplos, de origens diversas, fruto de reconstruções diversas⁸⁰. De acordo com Forquin:

O conhecimento escolar se constitui no embate de diversos saberes sociais. A escola seleciona saberes, dentro os que são passíveis de serem selecionados, a partir da cultura social mais ampla, e promove sua reorganização, reestruturação e recontextualização. É através desses processos que emergem configurações cognitivas, tipicamente escolares, compondo uma *cultura escolar sui generis*, com marcas capazes de transcenderem os limites da escola.⁸¹

Ao preparar os materiais didáticos e durante todo o planejamento e replanejamento das aulas, ciente de que o conhecimento escolar se constitui por diversos saberes sociais, temos como preocupação fazer uma aula participativa, construindo o conhecimento junto com os estudantes. No tema do Boi-de-Mamão, procuramos trazer as experiências e as relações que os alunos estabeleciam com essa prática cultural.

O conhecimento escolar é um conhecimento selecionado a partir de uma cultura social mais ampla, que está associado ao que se entende como

⁷⁸ LOPES, Alice. Conhecimento escolar: processos de seleção cultural e mediação didática. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 1, n. 22, jun. 1997b, p. 105.

⁷⁹ SCHMIDT, Maria Auxiliadora, op. cit., p. 206.

⁸⁰ LOPES, Alice, op. cit., p. 106.

⁸¹ FORQUIN, Jean-Claude. Apud: LOPES, Alice, op. cit., p. 106.

conhecimento válido em nossa sociedade. Esse conhecimento passa por um processo de mediação didática na escola e é disciplinarizado. Além do mais, esse conhecimento se constitui no embate com os demais saberes sociais, especialmente os conhecimentos cotidianos e os conhecimentos científicos, diferenciando-se dos mesmos⁸². O termo “mediação didática” representa esse processo de reconstrução de saberes na instituição escolar. Entendemos por mediação, o sugerido por Lopes, “em seu sentido dialético: um processo de constituição de uma realidade através de mediações contraditórias, de relações complexas, não imediatas, com um profundo sentido de dialogia”⁸³.

Outro aspecto muito importante, que está intrinsecamente relacionado com nossa proposta de Educação Patrimonial, é desenvolver uma atividade onde os alunos deveriam ser os pesquisadores. Dessa forma, os estudantes realizarão entrevistas sobre o Boi-de-Mamão com diferentes pessoas do bairro. Essa atividade deve ser o ponto de partida para outras perguntas, gerando novas problematizações.

Todas as tarefas desenvolvidas no Estágio foram avaliadas, a avaliação dos estudantes não foi feita apenas por uma única prova final. A avaliação é encarada enquanto um processo, caracterizada por um acompanhamento diagnóstico e contínuo da aprendizagem dos alunos, identificando, ao longo do processo, os avanços e as dificuldades individuais e coletivas. Nós, enquanto estagiárias/professoras, devemos orientar o trabalho de pesquisa e o processo de aprendizagem⁸⁴. Utilizamos os critérios de avaliação sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de História:

No processo de avaliação é importante considerar o conhecimento prévio, as hipóteses e os domínios dos alunos e relacioná-los com as mudanças que ocorrem no processo de ensino e aprendizagem. [Através da avaliação] o educador deve avaliar seu próprio desempenho como docente, refletindo sobre as intervenções didáticas e outras possibilidades de como atuar no processo de aprendizagem dos alunos⁸⁵.

⁸² LOPES, Alice. Conhecimento escolar: interrelação com conhecimento científico e cotidiano. **Contexto e Educação**. Ijuí, v. 11, n. 45, 1997a, p. 42.

⁸³ FORQUIN, op. cit., p. 106.

⁸⁴ MONTELLATO, Andrea; CABRINI, Conceição. A História como janela para o mundo. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Set. de 2006, p. 85.

⁸⁵ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – História**. Brasília: MEC, 1998, p. 62.

Ainda com base nos PCNs, tivemos como objetivos gerais das nossas aulas, que os alunos conseguissem identificar relações sociais no seu próprio grupo de convívio, na localidade, na região e no país, e outras manifestações estabelecidas em outros tempos e espaços; compreender que histórias individuais fazem parte de histórias coletivas; e que os estudantes valorizem o patrimônio sociocultural, assim como a diversidade social⁸⁶.

⁸⁶ Ibidem, p. 43.

3. PRODUZINDO MATERIAIS DIDÁTICOS: O BOI-DE-MAMÃO E AS FESTAS DE AFRICANOS E AFRODESCENDENTES EM SALA DE AULA

Durante o Estágio Docência II produzimos uma série de materiais didáticos – entre textos e atividades – sobre o tema do Patrimônio Cultural, Boi-de-Mamão, Escravidão, Festas e Celebrações de Africanos e Afrodescendentes em Desterro. A produção dos materiais didáticos foi marcada por constantes orientações, discussões e revisões, sob orientação da professora Andréa Ferreira Delgado. Dessa forma, este capítulo apresenta o planejamento dos Planos de Aula e das atividades desenvolvidas.

Vale ressaltar que para chegar ao resultado de um texto didático, antes era necessária a produção do plano de aula o qual serviria para guiar a aula. Este também foi feito em conjunto e teve várias versões até chegar à versão final, assim como os materiais didáticos. Cada versão apresentada era debatida pela dupla juntamente com a professora Andréa.

Tal como já explicamos, como já tínhamos desenvolvido uma pesquisa anterior sobre o Boi-de-Mamão do bairro da Armação, optamos por levar para a sala de aula esse objeto de estudo para trabalhar o eixo temático “Festas e celebrações”. Nossa intenção era problematizar a permanência do folguedo do Boi de Mamão como um referencial cultural do estado de Santa Catarina, mais especificamente Florianópolis, enquanto que pouco ou nada se conhece sobre o Cacumbi, ligado aos escravos africanos e seus descendentes, e que também compunha um ciclo de festas populares de Natal no litoral catarinense.

Para tanto, planejamos iniciar a aula com o vídeo “O Nosso Boi-de-Mamão” produzido pelo LAPIS⁸⁷. No acervo do LAPIS há muitos vídeos produzidos por alunos da disciplina de Laboratório de Ensino de História - Oficina de Vídeo. Sendo assim, numa pesquisa de arquivo, descobrimos a existência deste vídeo que abordava o tema do Boi-de-Mamão. A escolha foi no intuito de diversificar as linguagens trabalhadas em sala. Optamos por iniciar a aula com o vídeo sobre o Boi-de-Mamão e analisá-lo em conjunto com os alunos.

A partir da análise do vídeo planejamos listar e apresentar as personagens mais conhecidas que compõem o Boi-de-Mamão, além de problematizar a ideia de

⁸⁷ DENOVAR, Adriano da S., STARLING, Daniel N., PITTHAN, Daniel P., TEIXEIRA, José Umberto. **O Nosso Boi de Mamão**, disponível em Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS). Ano: 2001/2002.

preservação e construção do Boi-de-Mamão enquanto parte da cultura da cidade e da memória do bairro. No entanto, é necessário, e faz parte do objetivo, organizar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o Boi-de-Mamão, além de diferenciar o Boi-de-Mamão da Armação do exposto no vídeo, e assim, juntamente com os estudantes, construir a narrativa do Boi-de-Mamão.

Além de explicar como e por quem foi produzido o vídeo é indispensável explicar a técnica utilizada na produção: a técnica de *Stop Motion*, que consiste em o animador trabalhar fotografando objetos, fotograma por fotograma, ou seja, quadro a quadro. Entre um fotograma e outro, o animador muda um pouco a posição dos objetos. Quando o filme é projetado a 24 fotogramas por segundo, temos a ilusão de que os objetos estão se movimentando⁸⁸. A aula toda foi pensada e planejada para estimular a participação dos alunos.

Só reproduzir o vídeo em sala não dá conta dos objetivos que propomos. Então elaboramos uma atividade, uma ficha de análise do vídeo⁸⁹. Para preenchê-la vamos reproduzir mais uma vez o vídeo, só que dessa vez pausadamente, para que assim possamos preencher juntos com os alunos a ficha. Ao todo serão oito pausas durante a apresentação de cada personagem e analisaremos os seguintes elementos: ambiente, personagem, música e narrativa.

Além da atividade descrita acima, preparamos uma segunda atividade⁹⁰ que consiste, num primeiro momento, na elaboração de uma lista de diferenças e semelhanças entre o Boi-de-Mamão do vídeo e o do bairro da Armação. Vamos auxiliá-los na construção da resposta, porém o restante da atividade será para casa. Na primeira questão é necessário que expliquem cada uma das diferenças e semelhanças entre o Boi-de-Mamão do vídeo e o do bairro da Armação. A atividade visa também compreender a relação dos alunos com o Boi-de-Mamão, questionando qual personagem consideram principal e solicitando que expliquem o enredo do Boi-de-Mamão.

Programamos para as aulas posteriores os seguintes conteúdos: o Boi-de-Mamão como prática cultural, diferentes versões para a origem do folguedo e o Boi-de-Mamão na Armação. Nossos objetivos são: perceber a preservação do Boi-de-Mamão como fruto de uma seleção cultural, problematizar as diferentes versões

⁸⁸ Disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/midiaarte/quadroaquadro/stop/princip1.htm>. Acessado em 10/10/12.

⁸⁹ Ver anexos.

⁹⁰ Ibidem.

de origem do Boi-de-Mamão e analisar as características do Boi-de-Mamão da Armação.

Elaboramos então um texto didático com o nome de “O Boi-de-Mamão”⁹¹. No texto é abordada a história do Boi-de-Mamão, a história do Boi-de-Mamão da Armação e as diferentes versões dadas para a origem do folguedo. Para analisar esse último item construímos um box no qual foram transcritas três diferentes versões para a origem do folguedo. Sobre a origem do Boi-de-Mamão em Santa Catarina, existe uma série de versões. Nereu do Vale Pereira defende a ideia de que a Boi veio da região ibérica, especialmente da Espanha⁹². Doralécio Soares, baseado em informações de José Boiteux – que foi o primeiro a registrar a brincadeira do Boi na Ilha, em 1871 – acredita que a brincadeira foi trazida por imigrantes da região nordeste do país⁹³. Câmara Cascudo, por sua vez, relaciona o Boi-de-Mamão em Santa Catarina, com o Bumba-meu-Boi do Maranhão.

A intenção é problematizar as diferentes versões, além de mostrar como é complexo e conflituoso esse campo e desconstruir a prática deste folguedo como algo “natural”, como uma continuidade de práticas culturais de outras gerações.

Para analisar a construção do Boi-de-Mamão da Armação é necessário estudar suas canções, para tanto selecionamos duas letras de músicas do Boi-de-Mamão da Armação para serem analisadas e também planejamos reservar um momento para a apresentação da atividade de pesquisa final. Como objetivos temos o de organizar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o Boi-de-Mamão, relembrar as músicas do Boi-de-Mamão da Armação e relacionar com as características do bairro da Armação, além de refletir sobre o conteúdo das músicas, com destaque para a preservação ambiental e cultural.

Contemplando esses objetivos, vamos entregar para cada aluno duas letras de músicas transcritas do Boi-de-Mamão da Armação. Músicas que falam de características do bairro e/ou personagens que são representativos para o bairro. As letras escolhidas foram a da “Maricota” e “Jacaré, urso e macaco”. Abaixo segue um trecho da música “Maricota”:

Olha a Dona Maricota

⁹¹ Ibidem.

⁹² PEREIRA, Nereu do Vale. **O Boi-de-Mamão: suas raízes e origens**. Florianópolis: Ed. do autor, 1996, p. 4.

⁹³ SOARES, Doralécio. **Aspectos do folclore catarinense**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1970, p. 48.

Ela come peixe assado
Peixe assado com pirão
Com molhinho de limão
Ela é uma rapariga
Rapariga da Armação...⁹⁴

A intenção é a de analisar características do bairro e a figura da Maricota que, como já dito antes, é negra e diferente das demais Maricotas de outros Bois-de-Mamão. Já a letra da música “Jacaré, urso e macaco”:

Na Lagoa do Peri,
Tinha muito Jacaré,
Homem veio e matou

Reclamar pra quem, Seu Zé

Aí e nosso amigo Urso
Que na Brincadeira entrou
E já trouxe a alegria

E o Povo se mostrou

E o amigo Macaco
Que no Peri já habitou
Veio brincar com a gente

E a gente se alegrou

Pra Lagoa do Peri
Ai, eu agora vou pra lá
Mas a nossa bicharada

Já não pode viver lá
Reclamar pra quem, Seu Zé⁹⁵

Nesta letra queremos diferenciar os bichos que existem ou existiram na região dos bichos que são ficcionais, além de atentá-los para a questão da preservação ambiental da Lagoa do Peri.

A principal atividade que elaboramos, a qual foi eixo de nossa proposta de Educação Patrimonial, é uma atividade onde os estudantes devem ser os pesquisadores. Dedicamos um tempo para explicação desta atividade final na qual propomos para os alunos à realização de entrevistas, que serão analisadas e transcritas as partes que os alunos julgam serem mais interessantes. As perguntas

⁹⁴ Disponível em: <http://boidemamaoebmarmacao.blogspot.com.br/>.

⁹⁵ Ibidem.

serão baseadas nas aulas anteriores em que abordamos o tema do Boi-de-Mamão e suas diferentes versões de origem, onde percebemos que não existe uma versão definitiva sobre a origem desse folguedo. O objetivo da pesquisa é o de despertar o interesse dos alunos para a realização de entrevistas e analisá-las, e assim comparar em conjunto às respostas dos demais colegas.

Para adentrarmos no tema do Patrimônio, os conteúdos a serem abordados são: as diversas definições ao longo do tempo para a palavra patrimônio; a preservação e a valorização da História através do patrimônio; patrimônio Cultural Material e Imaterial; o Estado e suas políticas de preservação; Análise de fotografias e apresentar outras duas manifestações culturais no Brasil que tem o Boi como principal personagem.

Elaboramos um texto didático chamado “O Patrimônio Histórico Cultural”⁹⁶ que, com o auxílio dos Boxes, nos ajudará a introduzir o tema. Nossos objetivos estão focados em compreender os diferentes significados da palavra patrimônio; problematizar as práticas do Estado para selecionar, manter e preservar os bens considerados como patrimônio e diferenciar os conceitos de Patrimônio Cultural Material e Imaterial.

Planejamos identificar e apresentar, além do Boi-de-Mamão em Santa Catarina, outras duas principais manifestações culturais que tem o Boi como principal personagem. Selecionamos um mapa que identifica as seguintes celebrações:

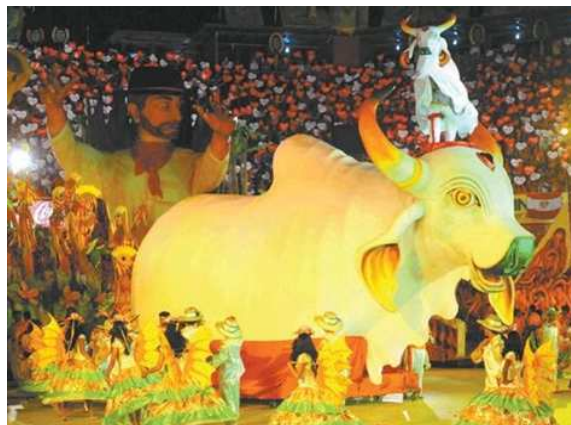


Figura 9: Boi-Bumbá no Amazonas.
Fonte: Google Imagens.

⁹⁶ Em Anexo.



Figura 10: Bumba-meu-Boi no Maranhão.
Fonte: Google Imagens.

A intenção com a discussão do texto didático é que os alunos possam compreender o que é Patrimônio Material e Imaterial e em seguida apresentar outras manifestações culturais no Brasil cujo Boi é o principal personagem, assim como no Boi-de-Mamão, e que, dentre os exemplos citados, o Bumba-meu-Boi é registrado como Patrimônio Imaterial pelo IPHAN⁹⁷, órgão federal responsável pelas diretrizes das políticas de criação e preservação do Patrimônio brasileiro.

Pensando em recuperar e organizar os conhecimentos acerca das definições de Patrimônio, selecionamos algumas fotografias familiares ao cotidiano dos alunos e em cada uma delas propomos reconhecer juntos, o que seria Patrimônio Material e Imaterial, ou se poderia ser os dois.

Para nos auxiliar na explicação do que é Patrimônio Material e o Imaterial escolhemos trabalhar com as seguintes fotografias, que foram apresentadas em forma de *slides*:



Figura 11: Pescador fazendo sua tarrafa na Lagoa da Conceição.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

⁹⁷Mais informações: www.iphan.gov.br.



**Figura 12: Ostras no bairro do Sambaqui.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.**



**Figura 13: Procissão Nosso Senhor dos Passos, Centro de Florianópolis.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.**



**Figura 14: Rendeira no bairro de Jurerê Interacional.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.**



**Figura 15: Ilha do Campeche.
Fonte: Google Imagens.**



Figura 16: Igreja do Ribeirão da Ilha.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

E por último um *slide* com as três maiores fortalezas de Florianópolis:



Fortaleza de Santo Antônio de Ratonés.



Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim.



Figura 17: Fortaleza de São José da Ponta Grossa.
Fonte: Projeto Fortalezas.

Estas fotografias serviram como recurso para analisar e reconhecer o Patrimônio Cultural Material e Imaterial.

Para as próximas aulas, preparamos uma introdução sobre a escravidão em Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis). Nossos objetivos estavam focados em identificar a presença escrava em Desterro; conhecer as diferentes fases da escravidão em Desterro; realizar o trabalho de localização espaço-temporal com relação a Desterro e a presença negra em Desterro.

Desenvolvemos, então, um material didático. O material didático é composto por um conjunto de recursos didáticos: 01) mapa de Florianópolis e seus distritos; 02) box sobre a Vila de Desterro e suas freguesias; 03) Freguesia Nossa Senhora

da Lapa do Ribeirão; 04) linha do tempo; 05) tabela de registro de escravidão em Desterro; 06) box sobre as armações baleeiras; 07) o cacumbi. Todos os itens foram numerados para orientar o uso dos recursos durante o desenvolvimento da aula.

O mapa de Florianópolis utilizado era um mapa atual e propomos o trabalho de intervenção, marcando as freguesias da vila de Desterro com lápis de cor. Pela dificuldade de encontrar um mapa correspondente ao período estudado, optamos por utilizar um mapa atual de Florianópolis, com a representação dos distritos.

O que norteará o desenvolvimento das aulas será a linha do tempo. Os marcos da linha do tempo foram os seguintes: fundação da Vila de Desterro; vinda dos açorianos; marcos da presença de escravos africanos e afrodescendentes, pontuando as diferentes fases em Desterro; organização da Armação baleeira no local onde hoje é o bairro da Armação; Independência do Brasil e abolição da escravatura.

Esse foi o momento onde pudemos apresentar o Cacumbi, que como já dissemos antes fazia parte de um ciclo de festas populares de Natal no litoral catarinense, que se estendiam até as vésperas do Carnaval. Esse ciclo de festas era composto, além do Boi, pelo Terno de Reis, e os Cacumbis. O Cacumbi é uma manifestação ligada aos descendentes de africanos no Brasil. É chamado de Natal Negro, porque, de acordo com Patrícia Teixeira de Souza, os negros da comunidade só podiam comemorar o Natal no dia 26, depois do Natal dos brancos. Ainda segundo Souza, o Cacumbi tem origem luso-afro-brasileira: o catolicismo de Portugal forneceu os elementos europeus da devoção à Senhora do Rosário e a igreja no Brasil reforçou essa crença. Os negros, com estes ingredientes deram forma à festa e ao culto⁹⁸.

Segundo o historiador José Jaime, o Cacumbi acontece de norte a sul do Brasil e é também conhecido como Catumbi ou Quicumbi, o qual sempre apresentou características semelhantes em suas trovas, bandeiras, roupagens, tambores e espadas, instrumentos presentes na dança. O objetivo era realizar a coroação de seu rei e de sua rainha e homenagear com trovas e procissões Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Os primeiros registros da coroação de reis e

⁹⁸SOUZA, Patrícia Teixeira. **Cacumbi, Catumbi, Quicumbi, Ticumbi**: uma análise dos elementos teatrais contidos nesta manifestação afro-brasileira de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Cênicas – UDESC, Florianópolis, 2006, p. 31.

rainhas são de 1674 em Recife⁹⁹. Ainda de acordo com Jaime, as festas de coroação de reis e rainhas em Florianópolis não possuem o termo Cacumbi em seus documentos. Este nome era dado pelos próprios negros, que pelo desconhecimento das autoridades representavam as coroações por festas e batuques¹⁰⁰. Há poucas fontes a respeito do tema, mas percebe-se hoje com novos estudos a respeito da cultura negra em Santa Catarina a possibilidade de uma pesquisa mais aprofundada em relação aos festejos negros e sua relação com a sociedade. O que se pode perceber é que esses festejos, muitas vezes visto como algo incivilizado em diferentes épocas é hoje uma manifestação que desempenhou e desempenha uma função social de grande importância.

A dança era realizada todos os anos para homenagear Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A coreografia era composta por duas alas de homens vestidos de marinheiros e uma mulher que carregava a bandeira. Sempre preservando em suas trovas termos africanos, que no passado serviam como estratégia de comunicação entre os negros africanos e uma maneira de preservar suas crenças trazidas da África. No século XX em Florianópolis a prática do Cacumbi é mais conhecida com o “Cacumbi do Capitão Amaro”, que foi constituído em torno do seu “capitão” que se chamava Amaro, o Cacumbi representava uma manifestação desta população de negros que se localizavam no Morro da Caixa. A ocupação deste local realizou-se em 1930, num período marcado pela imigração de negros da região e de outros estados do país. Porém em Florianópolis por falta do apoio da Igreja este grupo resistiu com a dança até a década de 1950. Somente na década de 1970, com o apoio do folclorista Doralécio Soares, ele volta a se apresentar. No entanto agora como um grupo “folclórico” nos festivais, em troca de pagamento para preservar o grupo¹⁰¹.

No intuito de que os alunos conhecessem mais sobre o Cacumbi, colocamos no material didático uma letra de uma cantiga do Cacumbi e a pintura abaixo de Willy Alfredo Zumblick:

⁹⁹ JOSÉ, Jaime. **Danças, tambores e festejos**: Aspectos da cultura popular negra em Florianópolis do final do século XIX ao século XX. seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/downloadSuppFile/38/10

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ Ibidem.



Figura 18: Dançando o Cacumbi-Festa do Cacumbi em Itapocu - Óleo sobre tela.
Fonte: <http://www.zumblick.com.br>.

Escolhemos trabalhar com o Cacumbi, como registramos anteriormente, porque este fazia parte de um ciclo de festas, sendo assim problematizamos com os alunos essa seleção cultural, já que Florianópolis é conhecida por sua imigração açoriana e quase nada se falava sobre os escravos que aqui viviam, o que no caso contribuiu para o esquecimento dessa prática cultural que é o Cacumbi. Em tempos atuais sabemos que a maioria das pessoas desconhece o Cacumbi, porém reconhecem o Boi-de-Mamão e o Terno de Reis como parte da herança cultural dos açorianos em Florianópolis.

Foi de extrema importância dividir em fases os períodos de escravidão em Desterro. Trabalhar em sala com recentes pesquisas sobre o tema da escravidão se faz necessário para desmistificar de que na região houve, predominantemente, povoação de europeus, o que escondeu a presença histórica de africanos e seus descendentes.

Sendo assim os boxes do texto didático abordam as seguintes fases: primeira fase de ocupação da Ilha de Santa Catarina e do litoral adjacente, nos séculos XVII e XVIII, havia escravos indígenas e de origem africana. E os portugueses instalaram-se dependendo do apoio de índios aldeados, e poucos escravos africanos, para reconhecer e explorar o potencial do território¹⁰². Já nessa primeira fase podemos desmistificar de que a escravidão era algo ligado somente a escravos e seus descendentes.

Segundo Mamigonian, a segunda fase de chegada de africanos no litoral de Santa Catarina ocorreu na segunda metade do século XVIII. Isso porque, desde o começo do século XVIII, o litoral catarinense começou a produzir em grande quantidade óleo de baleia. Entre 1746 e 1798, foram fundadas seis armações

¹⁰² MAMIGONIAN, Beatriz. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750 – 1850) In: FRAGOSO, João (org.). **Nas rotas do Império**: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. Lisboa: Edufes, 2006, p. 615.

baleeiras no litoral catarinense. O período de grande afluxo de escravos para a Ilha de Santa Catarina, entre as duas últimas décadas do século XVIII e as duas primeiras do XIX coincide com a inserção no mercado colonial de alimentos, quando as lavouras catarinenses passaram a ofertar diversos produtos para ajudar a suprir as demandas das áreas do Centro-Sul e Nordeste. O principal produto produzido e exportado pelos ilhéus era, sem dúvida, a farinha de mandioca¹⁰³. Esta fase também se mostra importante para compreender que o desenvolvimento econômico desse período esteve marcado pela presença de mão de obra escrava.

A terceira fase inicia-se por volta de 1830, com o início de uma política imperial de colonização por europeus e a diminuição da importação de africanos¹⁰⁴.

Como já foi mencionado, nossas aulas do Estágio foram abordadas a partir do eixo temático *práticas culturais*; e com o tema *festas e celebrações*, realizamos a relação passado-presente. Dessa forma, através do Cacumbi, introduzimos a questão da presença africana em Desterro, por meio das festas de africanos e de seus descendentes, na primeira metade do século XIX.

Assim que definimos que o conteúdo seria abordado através do eixo temático *festas e celebrações*, o próximo passo era decidir quais festas de africanos e afrodescendentes seriam trabalhadas em sala. Depois de uma pesquisa bibliográfica, que contou com a ajuda de um dos módulos do Programa *Santa Afro Catarina*¹⁰⁵, intitulado “Devoção ao Rosário e Festas de Africanos”, duas manifestações foram escolhidas: as Coroações de Reis Negros e o Batuque.

Nosso objetivo ao trabalhar a questão das festas de africanos em Desterro era evidenciar que a escravidão vai além da relação com o trabalho. Os escravos constituíam suas redes de sociabilidade, sendo as festas, uma delas. As festas de africanos e afrodescendentes aconteciam regularmente e eram muito populares. Por meio das festas é possível perceber o modo de vida de escravos e seus descendentes¹⁰⁶, tema que já que já foi mencionado no capítulo 2 deste Relatório.

No entanto, antes de partir para o tema das festas de africanos e afrodescendentes, é fundamental uma problematização inicial sobre o tema *festas*.

¹⁰³ Ibidem.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ REIS, Felipe A., SILVA, Jaime, St-ONGE, Marie Eve. **Devoção ao Rosário e Festas de Africanos**. Programa de Extensão *Santa Afro Catarina*. Florianópolis, 2011.

¹⁰⁶ JOSÉ, Jaime. Entre as diversões e as proibições: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. VIDAL, Joseane Zimmermann (Orgs.). **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. (No prelo).

Essa problematização será realizada através da exibição de três fotografias: uma de um casamento, outra de um aniversário de criança, e a última, de um velório:



Figura 19: Casamento.
Fonte: Google Imagens.



Figura 20: Festa de aniversário de criança.
Fonte: Google Imagens.



Figura 21: Velório.
Fonte: Google Imagens.

No momento em que cada uma das imagens acima forem projetadas, planejamos questionar: 1º) O que se comemora nessa imagem? 2º) Quais elementos presentes nessa imagem nos permite saber que se trata de um

casamento/aniversário/velório? Neste momento, a atividade de observação das fotografias será realizada oralmente. Os títulos das fotografias serão construídos juntamente com os alunos, sintetizando as conclusões sobre os elementos de cada uma das celebrações.

A partir dessa análise das fotografias, explanaremos oralmente que festas são fatos políticos e sociais, e que podem nos dizer muito sobre a sociedade que vivemos. Diferentes festas exigem posturas diferentes (vestuário, música, o que se celebra, comportamento corporal) e por isso têm diferentes significados; que, apesar de ser um local de descontração e diversão (com exceção no velório, na nossa cultura), as festas possuem normas que devem ser seguidas. Por todas essas razões, as festas são objetos de estudos de historiadores. Essa atividade tem como objetivo que os alunos compreendam que *festas* têm muito a informar sobre a sociedade que vivemos.

Nesta mesma aula, planejamos exibir um trecho do filme *Viagem a Darjeeling*¹⁰⁷, que mostra as personagens do filme participando de um velório, na Índia. Essa atividade objetiva refletir sobre celebrações em um mesmo tempo, ou seja, século XXI, mas em espaços diferentes. Depois da exibição, realizaremos uma atividade oral em que os alunos devem comparar os elementos do velório indiano, mostrado no filme, e o velório na cultura ocidental atualmente. O objetivo da atividade é mostrar que culturas diferentes realizam rituais e celebrações de maneiras distintas.

O tema *festas de africanos e de seus descendentes em Desterro do século XIX* será iniciado por meio de uma atividade. Exibiremos no *data-show* a litografia presente no relato do viajante europeu Tilesius:

¹⁰⁷ Sinopse: Francis (Owen Wilson), Peter (Adrien Brody) e Jack (Jason Schwartzman) são irmãos, mas não se falam há um ano. Eles, decidem realizar uma viagem de trem pela Índia, na intenção de acabar com a barreira existente entre eles e também para auto-conhecimento. Entretanto, devido a incidentes envolvendo a compra de analgésicos sem prescrição médica, o uso de xarope para tosse indiano e um spray de pimenta, a viagem logo muda de rumo e faz com que o trio fique perdido no meio do deserto, tendo apenas 11 malas, uma impressora e uma máquina plastificadora. Ano: 2007, EUA. Informações retiradas do site: <adorocinema.com.br> Acessado dia 08 de fevereiro de 2013.

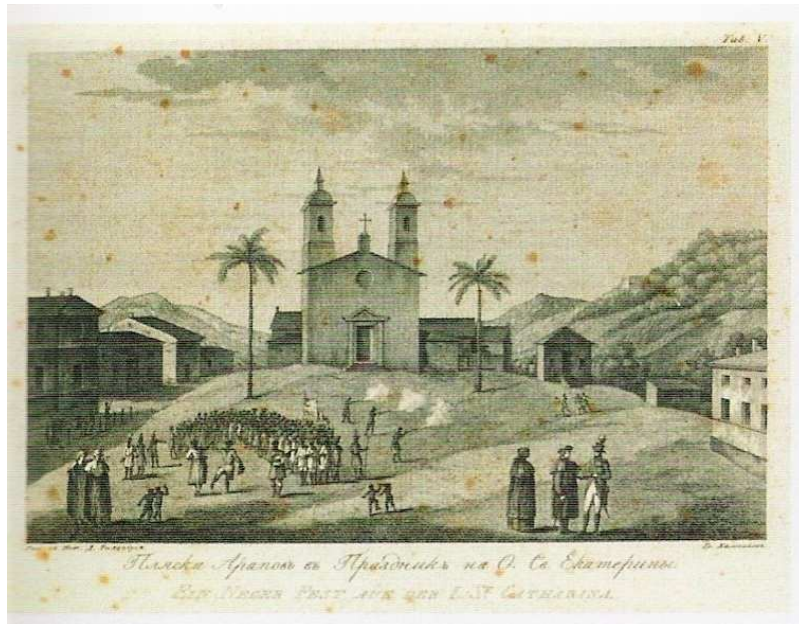


Figura 22: W. G. von TILESIIUS. Uma festa negra na Ilha.

Fonte: KRUSENSTERN, Adamm J. von. *Atlas sur Reise um die Wealtunternammenauf Befehl Seiner Kaiserlichem Majestat Alexander der Ernfenauf de Comanmodo*. Acervo particular de Ilmar Correa Neto.

Enquanto os alunos observam litografia, distribuiremos o texto didático “Os relatos de viajantes europeus e as festas de africanos em Desterro no século XIX” e os tópicos de análise da litografia. O texto didático sobre viajantes europeus foi desenvolvido para introduzir a análise e contextualizar a litografia, e o conteúdo consistia em expor: 1) quem eram os viajantes europeus; 2) por que eles vinham ao Brasil; 3) o que é uma litografia; 4) qual a importância desses relatos. Em todos os textos didáticos desenvolvidos procuramos ter uma linguagem bastante didática, colocando o conteúdo a partir de perguntas ao leitor. Além disso, um recurso muito importante foi a utilização de *boxes* com conteúdos extras. No caso desse texto sobre os viajantes, foi desenvolvido um *box* sobre o que são os documentos históricos:

Você sabe o que é um documento histórico? A **HISTÓRIA** escrita pelos historiadores, ou seja, o **CONHECIMENTO HISTÓRICO**, se constrói através da análise e da interpretação de **FONTES**, que são os **DOCUMENTOS HISTÓRICOS**. Os **DOCUMENTOS HISTÓRICOS** são qualquer tipo de produção humana, feita em algum período da história. Ou seja, pode ser uma carta, uma lei, uma obra de arte, um diário, um fóssil, um brinquedo de criança, um jornal, uma entrevista, enfim, tudo que foi produzido por homens e mulheres em determinado período pode ser analisado como um documento histórico pelos historiadores.

Depois de explorar o texto didático, faremos a análise da litografia, oralmente junto com os estudantes. Para que a análise da litografia seja realizada de maneira mais organizada e de fácil compreensão para os estudantes, desenvolvemos uma “Ficha de Análise do Documento Histórico”. Ao final da análise, os estudantes vão elaborar uma atividade de descrição de uma festa em que participaram:

FICHA DE ANÁLISE DO DOCUMENTO HISTÓRICO

1. Observe atentamente a imagem. Descreva detalhadamente essa imagem.
2. Qual é o cenário da imagem? Você consegue identificar em qual espaço da cidade de Desterro as personagens estão?
3. Identifique as personagens da litografia, destacando elementos como:
 - 1) Sexo masculino ou feminino
 - 2) Roupas
 - 3) Cor da pele
4. O que as diferentes personagens estão fazendo? Ou seja, quais são as diferentes ações que estão registradas na imagem?
5. Assim como os viajantes europeus do século XIX, descreva uma festa em que você participou e observou. Imagine que você irá enviar essa descrição para um amigo que mora num país muito distante, e que ele nunca conheceu o Brasil. Por essa razão, a descrição tem que ser bem detalhada, e deve conter os seguintes aspectos: Localização da festa; Quem estava na festa; Como as pessoas estavam vestidas; Qual música estava tocando; Qual o horário de duração da festa; O que as pessoas conversaram.

O principal evento promovido pela Irmandade de “homens pretos”, a Irmandade do Rosário, era a Coroação de Reis Negros. A Coroação de Reis e Rainhas Negros, de acordo com Marina de Melo e Souza, era uma procissão ou um desfile realizada por Irmandades de africanos e afrodescendentes, relacionados com os santos do catolicismo e que reunia elementos das tradições africanas dos povos de Angola e Congo, atualmente países africanos. Esses desfiles eram animados com muita dança música e cantoria. No final da cerimônia era realizada a coroação de um Rei. A eleição de “reis” por comunidades de africanos e seus descendentes foi um costume amplamente disseminado no Brasil colonial¹⁰⁸.

¹⁰⁸ SOUZA, Marina de Mello. História, Mito e Identidade nas festas de reis negros no Brasil – séculos XVIII e XIX. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa**: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. Volume I. São Paulo: Editora da USP, 2001, pp. 249 – 260.

Apesar de serem realizadas por escravos, é interessante observar que essas festas eram vistas como algo positivo pela sociedade branca, já que os escravos estavam convertidos ao catolicismo e realizando a cerimônia associadas às Irmandades. Por essa razão, essas celebrações negras eram, até certo ponto, “permitidas”. No entanto, essa festa criada pelas comunidades negras na sociedade escravista, apesar de adotar padrões e normas católicas, reforçavam laços com a África, continente de origem dos escravos¹⁰⁹.

Segundo José Jaime, as festas de Coroações de Reis Negros, realizada pela Irmandade do Rosário dos Homens Pretos possuíam dupla função e significado: para os africanos e seus descendentes, era o momento de afirmar que eram portadores de cultura e histórias próprias; para os senhores e autoridades coloniais, trazia a segurança de que escravos e libertos estavam praticando o cristianismo, mesmo que com danças e instrumentos característicos de culturas de origens africanas¹¹⁰. Estas festas não serviram apenas para os negros expressarem suas tradições religiosas e estéticas, mas também como um instrumento de dominação por parte dos brancos, através do ensinamento social e político¹¹¹.

Através da Coroação de Reis Negros, cantorias e coreografias, o negro aprendia que sua posição hierárquica era sempre inferior. Suas possibilidades de poder, de ser rei ou rainha, se limitavam a esses momentos simbólicos, que ocorriam fora da realidade, na festa. As festas não são apenas organizações sociais, mas também um fato político, religioso e simbólico. Dessa forma, como ressalta Mary Del Priori, se constituem como acontecimentos importantes para analisar como se tornavam públicas as diferenças sociais¹¹².

Para desenvolver este conteúdo, primeiro, será explorado o tema das Irmandades em Desterro do século XIX, a partir do texto didático “As Irmandades em Desterro do século XIX e as festas de africanos e seus descendentes”. O conteúdo do texto abordava os seguintes temas: 1) o que eram as Irmandades; 2) quais as funções das Irmandades; 3) como eram organizadas; 4) africanos e seus descendentes também possuíam Irmandades; 5) diferença entre pretos/pardos/crioulos; 6) quais Igrejas em Desterro possuíam uma Irmandade de

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ JAIME, José, op. cit..

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2000, p. 10.

negros; 7) o que eram as Coroações de Reis Negros; 8) por que as festas de Coroações eram permitidas.

Este texto didático procurava evidenciar que a escravidão ia além da relação com o trabalho: os escravos constituíam lugares de sociabilidade, sendo as Irmandades e as festas uma delas. Além disso, pretendia relacionar as Irmandades com a questão da estratificação social e étnica presente na sociedade do período, e que festas realizadas dentro das Irmandades eram festas de africanos, até certo ponto, permitidas na sociedade.

Durante a leitura do texto, utilizaremos diferentes recursos e materiais, por meio da projeção no *datashow*: dois documentos históricos sobre aluguel de escravos da Irmandade do Rosário; mapas da África, um mostrando onde ficam Angola e Congo, e outro mostrando quais as principais regiões do continente africano que vinham os escravos. Acreditamos que a exploração do conteúdo dos textos didáticos devem ser acompanhada por outros recursos, tanto para facilitar a compreensão do conteúdo, quanto para tornar a leitura dos textos mais dinâmicas, contribuindo para que os alunos mantenham-se atentos à aula.

Outro objetivo presente no conteúdo sobre as Irmandades de Desterro no século XIX era que os alunos identificassem, no espaço da cidade, onde estavam localizadas algumas das Irmandades. Para tanto, fotografias atuais das Igrejas serão exibidas, uma de cada vez e nessa seqüência: Catedral Metropolitana de Florianópolis; Igreja Nossa Senhora do Parto; Igreja Nossa Senhora do Rosário; e Igreja da Nossa Senhora da Conceição. A atividade consiste num exercício de reconhecimento do espaço urbano de Florianópolis, por meio das Igrejas onde estavam localizadas as Irmandades.

Enquanto as Coroações de Reis Negros eram, até certo ponto, bem vistas pela sociedade – já que eram realizadas através de uma Irmandade – a manifestação conhecida por Batuque era considerada, segundo Paulo Dias, como uma diversão “desonesta”. Essas festas possuíam muitos mais elementos da cultura africana e, freqüentemente, sofriam repressão das autoridades. Como não podiam ser praticadas abertamente, geralmente ocorriam no período noturno. Isso contribuía ainda mais para que o Batuque não fosse visto com bons olhos pela sociedade branca colonial. Além disso, as autoridades não gostavam da junção de escravos e forros, pois acreditavam que podia favorecer a organização de

desordens ou revoltas. Alguns autores afirmam que esses encontros constituem o começo das comunidades de culto conhecidas por Candomblé¹¹³.

Durante o Estágio, objetivamos diferenciar e compreender as diferenças entre essas duas festas. Pretendemos, com isso, que os estudantes percebam que a manifestação da cultura africana no Brasil é plural e diversificada. Por essa razão, foi desenvolvido o texto didático “Festas de africanos e seus descendentes: as Coroações e os Batuques”. O texto, além de retomar pontos estratégicos das aulas anteriores, introduz o tema *Batuque*.

Depois da exploração do texto, desenvolveremos uma atividade de análise do relato do viajante Langsdorff, sobre uma manifestação negra na Ilha:

Encontrei com facilidade o terreiro de danças no centro da vila. Pois o som da música e os gritos dos dançantes ecoava a distância; digo música, mesmo que não ouvisse um só dos nossos instrumentos europeus de som ou de corda.

Negros e negras, como foi dito, circundavam seu chefe e, conforme as habilidades, dançavam no centro do círculo, fazendo movimentos dos mais estranhos e peculiares; outros cantavam, ou melhor, emitiam alguns gritos africanos que eram incompreensíveis.

Eles gingavam de uma maneira incomparável os quadris, girando-os horizontalmente em forma de círculo, enquanto que a parte superior do corpo permanecia quase que imóvel, equilibrando-se nas pernas que se movimentavam velozmente; assim, também sacudiam os músculos do pescoço, dos ombros, das costas, de uma maneira tão indescritível que pareciam dominar cada um destes músculos.

Georg Langsdorff. 31 de dezembro de 1803. Referência: HARO, Martim Afonso Palma de (org.). **Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX.** Florianópolis: Editora da UFSC/Editora Lunardi, 1996, 4ª Ed, p.108.

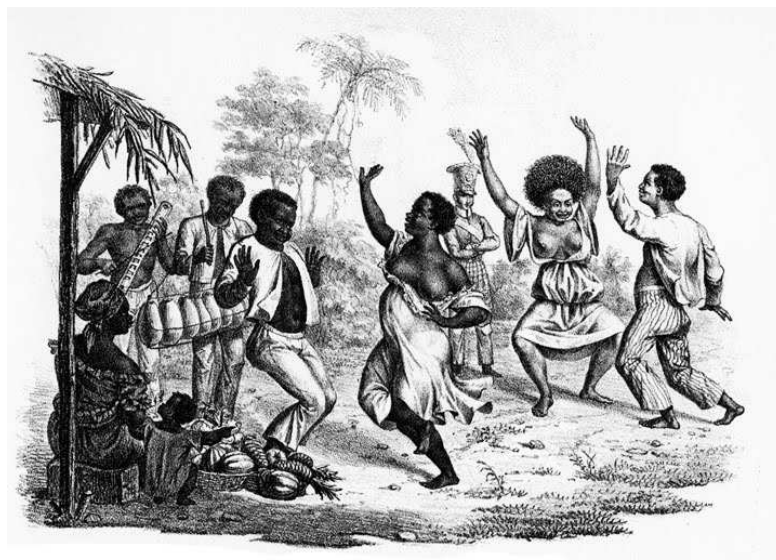
Para analisar o documento histórico estipulamos os seguintes passos: primeiro, realizar a identificação do documento, ou seja, autor e data. Depois, exibir trechos desse relato na forma de *slides*, no *datashow*. Cada parte destacada do relato será refletida por meio de questões lançadas aos alunos/as. Esta é a parte de interpretação. Utilizaremos a estratégia de solicitar aos alunos que assinalassem alguns trechos que eles consideram importante para interpretar o documento. Feito isso, vamos responder em conjunto oralmente as questões de análise do documento, que também estarão disponíveis nos *slides*:

¹¹³ DIAS, Paulo. A outra festa negra. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa.** Volume II. São Paulo: Editora da USP, 2001, pp. 859 – 888.

- Leia atentamente esse relato do viajante europeu, junto com seus colegas e a professora estagiária. Assim, você poderá responder as seguintes questões sobre o documento:

1. Cite as características, os elementos que compõe a festa conhecida como Batuque, através do relato que acabamos de ler.
2. A partir de trechos do documento, aponte a visão do viajante sobre o Batuque.

Depois que o tema Batuque já foi explorado através do texto didático e do relato do viajante europeu Langsdorff, é o momento de analisar dois documentos iconográficos: um representando o Batuque e outro a Congada. A intenção é que os alunos percebam, visualmente, as diferenças entre essas duas manifestações negras, e também pretende fixar o conteúdo abordado.



**Figura 23: SPIX, Johan Baptist Von. “Viajar para o Brasil nos anos 1817 – 1820”.
Fonte: <http://hitchcock.itc.virginia.edu>.**



Figura 24: JULIÃO, Carlos. Coroação de um rei negro no festejo de Reis no Rio de Janeiro, 1776.

Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. A travessia da calunga grande. Três séculos de imagens sobre o negro no Brasil. São Paulo, Edusp, 2000, p. 299.

A análise das iconografias será realizada através da “Ficha de Análise de Obra de Arte”, que desenvolvemos em forma de tabela, para facilitar visualmente a organização da análise. Na Ficha, destacamos os seguintes pontos das pinturas: identificação do documento; personagens (gênero e cor da pele); vestimentas; objetos que seguram nas mãos; como estão distribuídos na cena; ação das personagens. Os alunos devem levantar, oralmente, a maior quantidade de elementos em cada pintura, ao mesmo tempo em que a “Ficha de Análise da Obra de Arte é completada” em conjunto.

No final da atividade, os alunos deveriam responder as seguintes questões problematizadoras:

Depois que completamos a tabela dessas belas imagens sobre festas de africanos no século XIX, vamos refletir as seguintes questões:

1. Quais elementos das festas mais despertaram sua atenção e curiosidade?
2. Estabeleça as diferenças e semelhanças entre as duas festas: Congada e Batuque.

Pensando que o Batuque, com toda a repressão que sofreu ao longo da história do Brasil, ainda está presente na sociedade atual – o maior exemplo é o samba de terreiro e, como já foi mencionado, o Candomblé – é fundamental que se discuta a questão da repressão e da resistência da cultura afro-brasileira.

Para refletir essas questões foi elaborado o material didático “Repressão das festas de africanos e afrodescendentes no século XIX”. A abordagem do tema iniciará a partir de dois documentos históricos que compõem a parte I do material didático: um aviso presente no jornal “O Argos”, de 1856; e um trecho do Código de Posturas de Desterro, de 1845:

DOCUMENTO HISTÓRICO 1

AVISO

Sendo proibidos os ajuntamentos de escravos nos armazéns, tabernas e em quaisquer lugares que costumam reunir-se, a polícia tem ordens terminantes para fazer dispersar os escravos, que em qualquer hora do dia, ou noite, forem encontrados em tais ajuntamentos, prendendo aos que deixarem de submeter-se imediatamente às advertências da Polícia.

Desterro 27 de novembro de 1856. Luiz de Souza Fagundes. Subdelegado em exercício.

Biblioteca Publica do Estadual/SC. *O Argos* – Cidade de Desterro. Primeiro ano. N.94. Sexta feria 28 de novembro de 1856.

DOCUMENTO HISTÓRICO 2

Toda a pessoa que em sua casa fizer ajuntamentos de escravos, ou vadios para danças, ou ainda mesmo que consinta ahí de noite, desamparando os primeiros, por esta forma, a de seus senhores, incorrerá na pena de quinze dias de cadea, e 8\$000 reis de multa.

Desterro, **Código de Posturas**. Artigo 44 da Lei n. 222 de 10 de maio de 1845.

As questões propostas para a análise dos documentos são as seguintes: 1) Quando (data) e onde (local) o documento histórico foi escrito? 2) Quem escreveu o documento? 3) Qual o objetivo da escrita do documento histórico?

No final da leitura e identificação dos documentos históricos, será questionado oralmente, e registrado no quadro: por que as festas de africanos e afrodescendentes passaram a ser reprimidas ao longo do século XIX? Para responder, será realizada a leitura do texto didático, que contextualiza os documentos lidos, presente na parte II do material. Essa leitura será realizada juntamente com os alunos.

O texto didático “Repressão das festas de africanos e afrodescendentes no século XIX” procura mostrar que as festas de africanos e seus descendentes sofreram repressão ao longo do século XIX, por serem encaradas como uma ameaça a ordem social, e por não representarem o modelo civilizatório que pretendiam instituir na nova Nação brasileira, a partir de 1822. Apesar da

repressão, a cultura com influência africana resistiu ao longo dos anos no país, como podemos perceber com a capoeira e o samba, temas que são problematizados no texto, através do recurso do *box*.

O texto didático busca concluir e finalizar o tema das manifestações culturais africanas no Brasil, mostrando que, apesar de estarmos abordando festas com influência africana, estamos, antes de tudo, refletindo acerca da cultura brasileira:

À medida que o africano se integrou na sociedade brasileira, se tornou um afro-brasileiro e, mais do que isso, um brasileiro. O termo “afro-brasileiro” é usado para indicar os produtos das mestiçagens entre africanos e lusitanos, com alguns elementos indígenas. No entanto, toda essa miscigenação é, acima de tudo, manifestações brasileiras.¹¹⁴

Como se vê, os conteúdos das nossas aulas serão sempre desenvolvidos a partir de textos didáticos. Acreditamos que a escola, mais especificamente a disciplina História, deve ser o espaço onde os alunos devem praticar tanto a leitura, quanto a escrita, o máximo possível. Não há como aprender História se não for por intermédio de leituras. Todos os materiais didáticos foram construídos através de leituras sobre o tema, criatividade e muita orientação com a professora responsável pelo Estágio, Andréa Ferreira Delgado.

¹¹⁴ Trecho do texto didático “Repressão das festas de africanos e afrodescendentes no século XIX”.

4. O CURRÍCULO EM AÇÃO: O BOI-DE-MAMÃO, AS FESTAS DE AFRICANOS E AFRODESCENDENTES E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Neste capítulo será abordado o resultado de todo nosso trabalho no Estágio Docência, e como as atividades planejadas se efetivaram em sala de aula. Para a construção deste capítulo trabalhamos com as atividades feitas pelos alunos, avaliações dos alunos sobre o estágio, nossas recordações das aulas e reuniões e os Diários de Classe, este último foi uma importante ferramenta durante o período de regência, pois nele podíamos escrever sobre a aula, como nos sentíamos, sobre alunos e nossas impressões sobre nosso desempenho em sala de aula.

4.1. A proposta de Educação Patrimonial e o Boi-de-Mamão em Sala de aula

Como já foi comentado nos capítulos anteriores, nossa intenção foi de problematizar a permanência do folgado do Boi-de-Mamão como um referencial cultural do estado de Santa Catarina, mais especificamente Florianópolis, enquanto que pouco se conhece ou não nada se conhece sobre o Cacumbi, ligado aos escravos africanos e seus descendentes.

4.1.1. O uso de audiovisual em sala de aula

Iniciamos o estágio com a proposta de trabalhar com vídeo em sala de aula. O trabalho de planejar e desenvolver atividades para esta aula nos colocou pré-conceitos de como seria visto o uso desse recurso pelos alunos. Já fomos pensando que o vídeo poderia dispersá-los e que os alunos poderiam caçoar das técnicas utilizadas.

Porém, para a nossa surpresa, tudo aconteceu de maneira diferente. Exibimos uma primeira vez sem pausas, explicamos as técnicas utilizadas e perguntamos sobre a primeira impressão que tiveram do vídeo. Esse foi o momento de ouvi-los e quebrar com qualquer pré-conceito, já que prestaram bastante atenção e se comportaram bem na aula. Tínhamos planejado oito pausas no total, as pausas seriam as seguintes:



1ª pausa: Reconhecer o Ambiente. 2ª pausa: Apresentação do Boi. 3ª pausa: Vaqueirinho.



4ª pausa: Cabra.

5ª pausa: Morte do Boi.

6ª pausa: Ressurreição do Boi.



7ª pausa: Maricota.



8ª pausa: Bernunça.

Logo após esse momento, planejamos a atividade de avaliação do vídeo em conjunto com os alunos. A atividade consistia num “Quadro de análise”, onde em cada pausa do vídeo avaliaríamos o ambiente, o personagem, a música e a narrativa.

Atividade I

1. O vídeo analisado, "O Nosso Boi-de-Mamão" foi produzido pelo Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS) da Universidade Federal de Santa Catarina, fruto por alguns alunos da disciplina "Oficina de vídeo História" entre o ano de 2001 a 2002. No vídeo são apresentados os principais personagens que compõem o Boi-de-Mamão. Agora veremos cada uma das pausas, as que passaremos, para que você possa preencher essas folhas de análise (cada pausa, para isso será necessário que escreva atentamente as informações da atividade).

| | Ambiente | Personagens | Música | Narrativa |
|----------|----------|-------------|--------|-----------|
| 1ª pausa | | | | |
| 2ª pausa | | | | |
| 3ª pausa | | | | |
| 4ª pausa | | | | |

| | | | | |
|----------|--|--|--|--|
| 5ª pausa | | | | |
| 6ª pausa | | | | |
| 7ª pausa | | | | |
| 8ª pausa | | | | |

Figura 25: "Quadro de análise" do vídeo *Nosso Boi-de-Mamão*.

Para auxiliá-los desenhamos no quadro uma tabela igual e juntos completamos alguns quadro da atividade. Em cada pausa, construíamos as respostas junto com os alunos. Porém, no fim da aula quando recolhemos as atividades percebemos que os momentos que não escrevemos as respostas no quadro, alguns alunos deixavam em branco. Enquanto uns respondiam com suas próprias palavras, sem copiar as repostas, outros copiavam exatamente como estava escrito no quadro.

No fim, apenas um aluno entregou a atividade totalmente em branco. Mas ele acompanhou toda a aula e nos intrigou o fato dele não ter escrito nada. Então numa conversa fora da sala de aula com ele e a professora da turma, o aluno justificou que não gostava do tema do Boi-de-Mamão e achava que o tema não estava relacionado com o ensino de História e muito menos com o conteúdo que os alunos estavam estudando antes do nosso início das aulas com professoras estagiárias. Esse foi o primeiro momento que percebemos certa recusa pelo tema por parte dos alunos.

4.1.2. As relações dos alunos com o Boi-de-Mamão

Terminada a análise do vídeo entregamos uma nova atividade para os alunos, esta num primeiro momento estava prevista para ser iniciada em sala e finalizada em casa. A primeira questão seria a que faríamos juntos, pois construiríamos juntos uma lista de semelhanças e diferenças entre o Boi-de-Mamão do vídeo e o do bairro da Armação. Contudo, depois da nossa reunião de replanejamento, decidimos que seria melhor fazer essa atividade em sala de aula e, caso não desse tempo de terminá-la em sala de aula, seria para finalizá-la em casa.

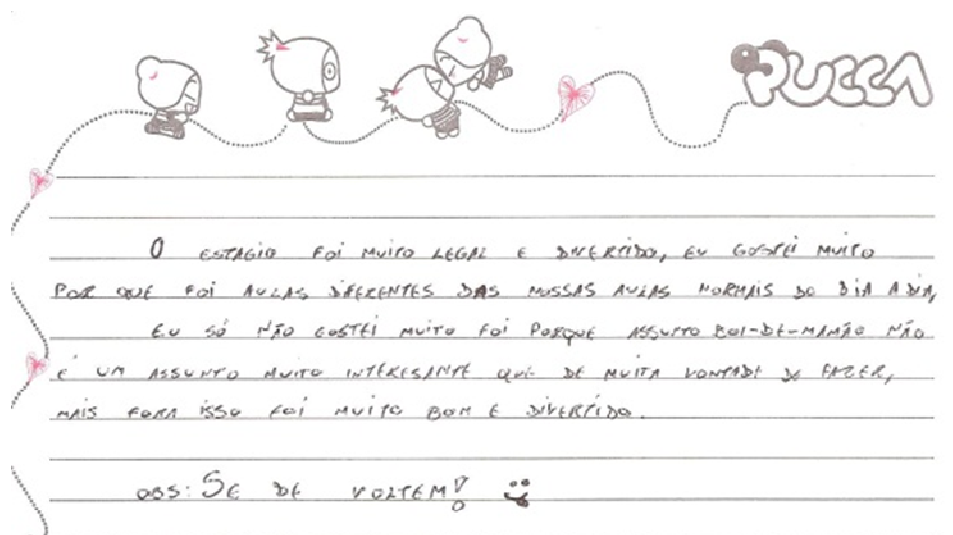
Queríamos com essa primeira questão despertar a atenção dos alunos para as particularidades do Boi-de-Mamão da Armação, nas suas músicas, nos personagens e nas suas narrativas. Por não conhecermos tanto o Boi-de-Mamão do bairro, o resultado foi bastante positivo, pois os alunos participaram bastante na construção dessa lista de diferenças e semelhança entre o Boi-de-Mamão do vídeo e o do bairro. O objetivo estava focado em compreender, por exemplo, a inserção de alguns bichos como o jacaré e o macaco que está ligado à preservação da Lagoa do Peri, lugar onde esses animais já quase não habitam devido a intervenção humana e também ao fato da Maricota ser negra o que os difere e muito dos demais Bois-de-Mamão da cidade de Florianópolis - o fato da Maricota ser negra é uma homenagem a professora Altair, militante do movimento negro.

As demais questões eram um pouco mais subjetivas e com elas pretendíamos explorar a escrita e as próprias opiniões e relações dos alunos com o Boi-de-Mamão. Sendo assim, podemos perceber que por ser uma atividade que

exigia a escrita dos alunos nem todos a entregaram na data que pedimos, alguns entregaram depois e outros nem entregaram atividade. Percebemos então o grande descomprometimento dos alunos em entregar trabalhos e atividades na data marcada. Muitos se esqueciam das tarefas, outros perdiam a folha que entregávamos, era uma confusão no meio de alguns poucos alunos que entregavam em dia seus trabalhos e atividades.

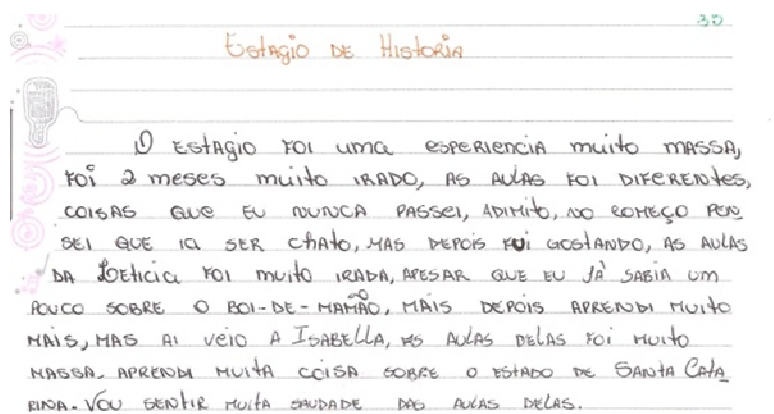
Durante as aulas e em conversas com os alunos, descobrimos que vários deles, em algum momento de suas vidas, participaram do Boi-de-Mamão da Armação ou em outros bairros. Então, pensamos que seria fácil trabalhar tal tema em sala de aula, porém nos enganamos. Compreendemos que os alunos não gostam muito de falar de suas experiências no Boi-de-Mamão já que agora são adolescentes e, em conversas com os alunos fora da sala de aula, percebemos que os alunos consideram o Boi-de-Mamão como algo infantil. No final do estágio, propomos a realização de uma avaliação sobre todo esse período que passamos em sala. Como podemos ver em alguns depoimentos abaixo, alguns alunos não associavam o Boi-de-Mamão ao Ensino de História e quiçá não compreenderam nossa temática do estágio:

Avaliação 1¹¹⁵:



¹¹⁵ Figura 1: “O estágio foi muito legal e divertido, eu gostei muito por que foi aulas diferentes das nossas do dia a dia. Eu só não gostei muito porque assunto boi-de-mamão não é um assunto muito interessante que de muita vontade de fazer, mais fora isso foi muito bom e divertido. Obs: Se de voltem!

Avaliação 2¹¹⁶:

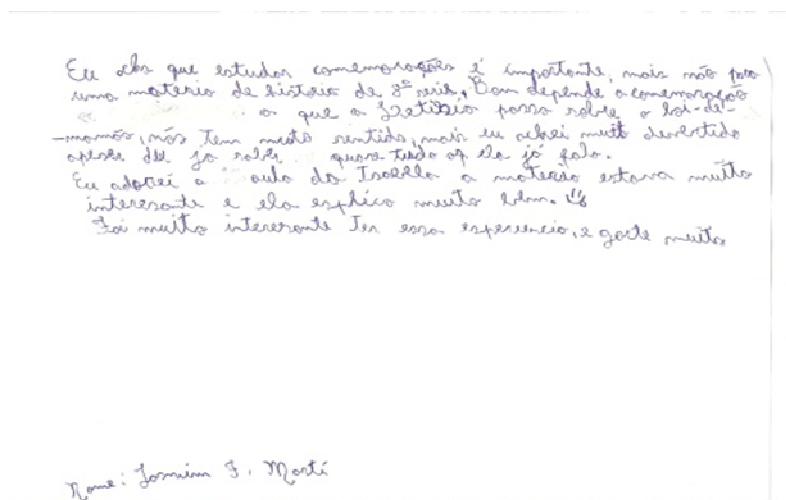


30

Estágio de História

O estágio foi uma experiência muito massa, foi 2 meses muito irado, as aulas foi diferentes, coisas que eu nunca passei, admito, no começo pensei que ia ser chato, mas depois foi gostando, as aulas da Letícia foi muito irada, apesar que eu já sabia um pouco sobre o boi-de-mamão, mais depois aprendi muito mais, mais aí veio a Isabella, as aulas delas foi muito massa, aprendi muita coisa sobre o estado de Santa Catarina. Vou sentir muita saudade das aulas delas.

Figura 3¹¹⁷:



Eu acho que estudar comemorações é importante, mais não para uma matéria de história da 8ª série, bom depende a comemoração que a Letícia passou sobre o boi-de-mamão, não tem muito sentido mais eu achei muito divertido apesar de já saber quase tudo o que ela já falou. Eu adorei a aula da Isabella a matéria estava muito interessante e ela explicou muito bem. Foi muito interessante ter essa experiência, e gostei muito.

Nome: Jomian S. Monti

Figura 26: Exemplos da avaliação realizada pelos alunos sobre as aulas do Estágio Docência e a resistência em se trabalhar a temática do Boi-de-Mamão.

As opiniões registradas sobre o tema trabalhado nas avaliações talvez explique o fato de alguns alunos não terem entregado esta atividade de cunho mais subjetivo e as demais ao longo do período de estágio.

¹¹⁶ Figura 2: O estágio foi uma experiência (sic) muito massa, foi dois meses muito irado, as aulas foi diferentes, coisas que nunca passei, admito, no começo pensei que ia ser chato, mas depois fui gostando, as aulas da Letícia foi muito irada, apesar que eu já sabia um pouco sobre o boi-de-mamão, mais depois aprendi muito mais, mais aí veio a Isabella as aulas foi muito massa, aprendi muita coisa sobre o estado de Santa Catarina, vou sentir muitas saudades das aulas delas.

¹¹⁷ Figura 3: Eu acho que estudar comemorações é muito importante, mais não para uma matéria de história da oitava série, bom depende da comemoração, o que a Letícia passou sobre o boi-de-mamão, não tem muito sentido mais eu achei muito divertido apesar de já saber quase tudo o que ela já falou. Eu adorei a aula da Isabella a matéria estava muito interessante e ela explicou (sic) muito bem. Foi muito interessante ter essa experiência (sic), e gostei muito.

4.1.3. Trabalhando diferentes visões sobre a origem do Boi-de-Mamão

Para nos auxiliar nas aulas optamos por escrever textos didáticos para os alunos. O primeiro texto que elaboramos foi “O Boi-de-Mamão” que abordava a história do folgado, as personagens, um pouco da história do Boi-de-Mamão da Armação e versões controversas sobre a origem deste folgado.

A questão de trabalhar as diferentes versões sobre a origem deste folgado esteve presente em quase toda essa primeira parte do estágio, tal como percebemos na atividade que analisamos no item 1.2 e também nesse texto didático. Escolhemos trabalhar com diferentes versões sobre a origem do Boi foi importante porque queríamos problematizar as diferentes versões, e também mostrar como é complexo e conflituoso esse campo e queríamos desconstruir a ideia de que a prática deste folgado é algo natural.

O texto foi bem aceito pelos alunos que nos auxiliaram na leitura do mesmo, mas diferente do que estava previsto levamos duas aulas para finalizá-lo. A princípio optamos deixar que os alunos se oferecessem para iniciar a leitura, faríamos parágrafo por parágrafo, sempre trocando o leitor, porém em sala percebemos que quase nenhum dos alunos queria ler o texto, então começamos a escolher quem leria o que nem sempre funcionou, sendo assim voltamos a pedir para que quem tivesse interesse que lesse em voz alta, esse método acabou gerando a repetição dos leitores. Esse foi outro momento em que percebemos o descomprometimento dos alunos, porque assim que iniciamos a aula pedimos para que colassem no caderno o texto e na segunda aula que continuaríamos o texto percebemos que muitos deles já não tinham mais o texto em mãos.

4.1.4. O uso de imagens para auxiliar no reconhecimento do Patrimônio Cultural Material e Imaterial

Como a proposta do nosso estágio era realizar uma experiência de Educação Patrimonial, consideramos fundamental trabalhar sobre o que era patrimônio e para isso escrevemos um texto didático que explicava os vários significados e definições da palavra, um pouco da história do patrimônio cultural, a criação do IPHAN, o patrimônio material e o imaterial, como eram reconhecidos

pelo estado, se através de registro ou tombamento, e por fim, duas diferentes manifestações culturais brasileiras que também têm o boi como principal personagem.

Contudo, em nosso planejamento estava previsto que iríamos trabalhar primeiramente com o texto, depois iríamos conhecer um pouco mais sobre essas duas outras manifestações e por fim identificar nas demais fotografias o que era patrimônio material e o que era patrimônio imaterial e se a forma de reconhecimento seria através do tombamento ou do registro. Porém, como se tratava de um texto maior, levamos três aulas para finalizar a leitura. Ao replanejar a aula, decidimos inverter a ordem de apresentação dos *slides*, começando então pela identificação do que era patrimônio material e imaterial.

Selecionamos então sete fotos, as quais estão expostas no capítulo III. Fotos conhecidas do cotidiano dos alunos e então começamos o processo de reconhecimento de cada foto. A experiência foi bastante positiva, pois os alunos se animavam a cada foto, que além de fazerem o reconhecimento do patrimônio, também contavam um pouco de sua relação com cada lugar e/ou prática presente na foto. Igualmente foi um momento de descontração, pois saímos da leitura de um texto denso e cheio de informações e as fotos auxiliaram no processo de aprendizagem dos conceitos apresentados.

Finalizada a análise dessas fotos partimos para o momento em que apresentamos as outras duas manifestações culturais brasileiras cujo boi é o principal personagem, cada uma com suas especificidades. Como exemplo, focamos no “Complexo Cultural Bumba-meu-Boi” do Maranhão, Patrimônio Imaterial registrado pelo IPHAN, a única manifestação cultural que utiliza a figura do boi como principal personagem e é registrada pelo IPHAN como patrimônio imaterial. Utilizar o Bumba-meu-Boi como exemplo foi uma forma encontrada para que os alunos conseguissem perceber que o Boi-de-Mamão da Armação também se constitui num Patrimônio Imaterial mesmo não sendo registrado.

Enquanto apresentávamos o Bumba-meu-Boi e o Boi-Bumbá os alunos sinalizavam que já conheciam tais manifestações, porém podemos perceber que não associavam essas manifestações com a do Boi-de-Mamão, talvez por acreditarem numa origem açoriana do Boi. Com essa apresentação e explicação os alunos puderam ampliar seus olhares para diferentes manifestações culturais.

4.1.5. Multiplicidade de materiais didáticos como recurso didático

Além de trabalhar com Educação Patrimonial, também abordamos a questão da escravidão africana e seus descendentes. Com isso, como já tratamos no capítulo anterior, escolhemos trabalhar com o Boi-de-Mamão que fazia parte de um ciclo de festas populares de Natal no litoral catarinense, que se estendiam até as vésperas do Carnaval. Esse ciclo de festas era composto, além do Boi, pelo Terno de Reis e os Cacumbis.

Para ajudar na explicação, elaboramos um conjunto de materiais didáticos. Composto por 01) mapa atual de Florianópolis e seus distritos; 02) box sobre a Vila de Desterro e suas freguesias; 03) Freguesia Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão; 04) linha do tempo; 05) tabela de registro de escravidão negra em Desterro; 06) box sobre as armações baleeiras; 07) o Cacumbi. Todos os itens estavam numerados para orientar o uso dos recursos durante o desenvolvimento da aula.

Propomos o trabalho de intervenção, marcando as freguesias da vila de Desterro com lápis de cor. Pela dificuldade de encontrar um mapa correspondente ao período estudado, optamos por utilizar um mapa atual de Florianópolis, com a representação dos distritos. Entregamos para cada aluno lápis de cor para que pudessem colorir cada freguesia, para ajudá-los reproduzimos o mapa com as freguesias já identificadas. Durante esse momento auxiliamos cada aluno nesse processo de identificação que demorou praticamente a aula toda.

O que norteou o tempo todo o desenvolvimento das aulas foi a linha do tempo. Os marcos da linha do tempo foram os seguintes: fundação da Vila de Desterro; vinda dos açorianos; marcos da presença de escravos africanos e afrodescendentes, pontuando as diferentes fases em Desterro; organização da Armação baleeira no local onde hoje é o bairro da Armação; Independência do Brasil e abolição da escravatura. Cada marco foi explicado cuidadosamente. Foi nesse momento que pudemos apresentar o Cacumbi e refletir a cerca dele como produto de uma seleção cultural. Pelo fato do Cacumbi junto com o Boi-de-Mamão e o Terno de Reis fazerem parte de um ciclo de festas, problematizamos o fato de quase não se ter conhecimento sobre o Cacumbi em Florianópolis, já que Florianópolis é conhecida por sua imigração açoriana e quase nada se fala sobre os escravos que aqui viviam o que no caso contribuiu para esse esquecimento

dessa prática cultural que é o Cacumbi. Podemos perceber que fora e dentro da sala de aula a maioria das pessoas desconhece o Cacumbi, porém reconhecem o Boi-de-Mamão e o Terno de Reis como parte da herança cultural dos açorianos em Florianópolis.

No intuito de que os alunos conhecessem mais sobre o Cacumbi, colocamos no material didático uma letra de uma cantiga do Cacumbi que não podemos analisá-la devido a falta de tempo já que deveríamos começar o tema da escravidão.

4.1.6. Atividade de pesquisa e a Educação Patrimonial

Nossa proposta em Educação Patrimonial está fundamentada na problematização de seu objeto, ou seja, durante as aulas, nossa tentativa foi de historicizar e desnaturalizar a prática cultural do Boi-de-Mamão. Dessa forma, este é um dos objetivos desta pesquisa, qual seja, desconstruir a ideia de que determinadas práticas culturais – nesse caso, o Boi-de-Mamão – são um acontecimento natural e, sim, percebê-las enquanto uma construção histórica.

Sendo assim, durante o estágio, propomos a realização de uma atividade a qual previa a realização de entrevistas pelos alunos. Elas seriam analisadas e transcritas as partes que achavam mais interessantes. As perguntas foram baseadas nas aulas anteriores em que abordamos o tema do Boi-de-Mamão e suas diferentes versões de origem, onde percebemos que não existe uma versão definitiva sobre a origem desse folguedo. O objetivo da pesquisa foi de despertar o interesse dos alunos para a realização de entrevistas e para analisá-las, e assim comparar em conjunto as respostas dos demais colegas, além de atentá-los mais uma vez para a complexidade e multiplicidades das diferentes versões sobre a origem do Boi-de-Mamão.

Escolhemos que a pesquisa deveria ser realizada em dupla. Cada dupla no total tinham quatro “Fichas de entrevistas” como esta:

FICHA DE ENTREVISTA: AS DIFERENTES VISÕES SOBRE O BOI-DE-MAMÃO

| | |
|---|--|
| NOME DOS ENTREVISTADORES/AS (NOME DA EQUIPA) | Patrícia - Giannini |
| NOME DO ENTREVISTADO | Manoel Antônio |
| IDADE: | 13 anos |
| ONDE NASCEU: | Fátima SC |
| ONDE MORAVA (BAIRRO) | Costa de Dourado |
| QUANTO TEMPO MORAVA NO BAIRRO: | 13 anos |
| VOCE CONHECE A BRINCADERA DO BOI-DE-MAMÃO? | Conhece a Brincadeira |
| JÁ PARTICIPOU SE SIM, QUANDO? | Já participou, era o personagem (Luzia) quando visitava na Escola de seu Bairro. |
| NA SUA OPINIÃO, COMO SURTIU A BRINCADERA DO BOI-DE-MAMÃO NO BAIRRO OU NA CIDADE DE FLOBIANÓPOLES? | Ela surgiu quando os portugueses colonizaram o Brasil, as cidades foram adotando como cultura. |
| NA SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DO BOI-DE-MAMÃO PARA O BAIRRO? | É importante porque mostra a cultura Brasileira para os turistas. |

Figura 27: Exemplo de “Ficha de entrevista” preenchida pelos alunos.

Estava previsto tratar sobre atividade de pesquisa na quarta aula e lá pelas aulas dezesseis, dezessete e dezoito começariam as apresentações das pesquisas. Queríamos fazer um mural com partes das entrevistas e desenhos do Boi-de-Mamão.

Porém, devido a falta de tempo e das demais aulas terem durado um pouco mais do que estava previsto, algumas coisas, como a apresentação do resultado de cada pesquisa, acabaram não acontecendo por falta de tempo. E ainda mais uma vez, a falta de comprometimento por parte dos alunos também prejudicou o andamento da pesquisa, já que muitos não entregaram e outros não apareceram no último dia de aula para ajudar a construir o mural.

Refletindo depois sobre as questões desta atividade de pesquisa podemos perceber que estas estavam muito diretas e mais em forma de enquete, do que em forma de entrevista que permitisse que o entrevistado pudesse falar um pouco mais sobre sua relação com o Boi-de-Mamão. Mas, outro importante fator era o interesse dos alunos em não só apenas deixar que o entrevistado respondesse apenas “sim” ou “não” e explorasse mais seus conhecimentos e relações com o Boi-de-Mamão.

No dia dedicado para entrega da pesquisa e confecção do mural, poucos alunos estavam presentes, mas o resultado foi bastante positivo, pois conseguimos fazer o mural com partes das entrevistas transcritas e alguns alunos também fizeram desenhos do Boi-de-Mamão. Segue abaixo a foto do mural:



Figura 28: Mural sobre o Boi-de-Mamão desenvolvido pelos alunos, a partir da atividade de pesquisa.

4.2. A abordagem temática sobre a presença de africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina

Quando informamos que o tema das próximas aulas seria escravidão em Desterro, e que trabalharíamos esse conteúdo a partir das festas que eram realizadas pelos africanos e seus descendentes, percebemos que os alunos não compreenderam como seria possível estudar História a partir de festas. Alguns alunos comentaram: “Opa, festa eu gosto!”, “Ah, professora, então nós vamos festejar?”. Esse estranhamento por parte dos estudantes pode evidenciar uma concepção de História que tem sido desenvolvida dentro da Escola. Apesar da renovação na historiografia sobre escravidão em Santa Catarina, é possível que o tema seja abordado apenas ou principalmente por um viés econômico e de trabalho. Talvez isso evidencie a necessidade de um diálogo maior entre a produção realizada dentro das universidades e o espaço escolar.

Os alunos também ficaram muito surpresos quando perceberam que havia escravos em Desterro, através da análise de um documento histórico que proibia ajuntamento de escravos em espaços da cidade. Essa atividade será analisada em maiores detalhes a seguir. Essa questão merece atenção porque demonstra a importância de se trabalhar com História Local em sala de aula. Além de

estabelecer uma nova relação e um novo olhar para a cidade em que vivem, ajuda a diminuir algumas concepções já superadas da História.

A seguir, será abordada a forma como algumas atividades que envolveram o tema da escravidão em Desterro se efetivaram em sala de aula.

4.2.1. Escravidão em Desterro no século XIX através de documentos iconográficos

Uma das maneiras que escolhemos para abordar o tema da escravidão na Ilha de Santa Catarina, durante o século XIX, foi a utilização de imagens: fotografias, pinturas e litografia. A partir da análise desses documentos iconográficos iniciamos ou concluímos os conteúdos. Essa estratégia foi utilizada em quatro das seis aulas sobre o tema da escravidão. Sendo esta uma das principais características das nossas aulas, é preciso tecer algumas reflexões acerca de como foi trabalhar os documentos iconográficos em sala de aula.

Na aula número 12 trouxemos para sala de aula uma litografia, do viajante Tilesius, no início do século XIX.

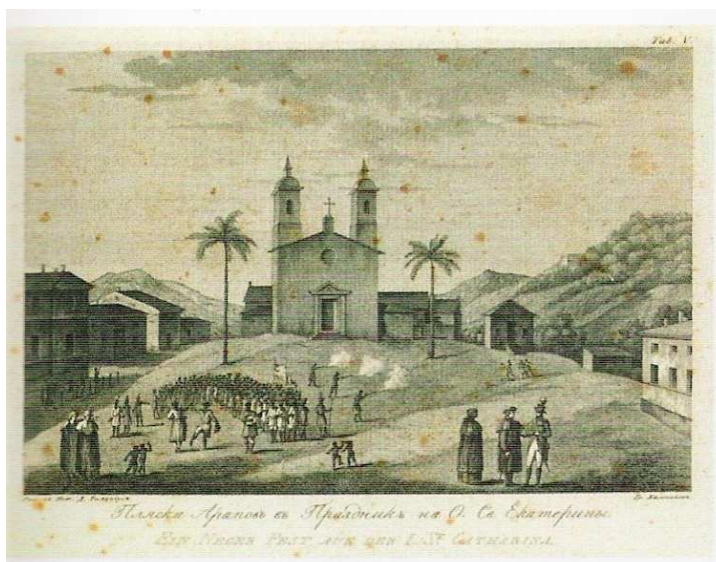


Figura 29: W. G. von TILESIIUS. Uma festa negra na Ilha.
Fonte: KRUSENSTERN, Adamm J. von. *Atlas sur Reise um die Wealtunternammen auf Befehl Seiner Kaiserlichen Majestat Alexander der Ernfenauf de Comanmodo.*
Acervo particular de Ilmar Correa Neto.

Como foi visto no Capítulo III, a análise e interpretação dessa fonte histórica foi realizada através de uma Ficha de Análise de Documento Histórico, que foi distribuída aos alunos. Uma das estratégias para analisar a imagem, que

contribuiu para que isso ocorresse, sem dúvidas, foi a marcação das personagens, como pode ser observado acima.

A marcação é um recurso interessante porque estabelece uma dinâmica para a aula, focando a atenção dos alunos para aquele ponto específico que está destacado. Além disso, é conveniente também para o professor porque, dessa forma, não corre o risco de esquecer algum elemento na obra. Analisar uma imagem, em uma turma de quase 40 alunos, sendo que se tratava de uma turma bastante agitada, é um desafio, porque os riscos da turma dispersar são muito grandes. No entanto, a marcação das obras iconográficas se mostrou uma intervenção interessante, pois contribuiu para a análise da fonte.

Trabalhar o conteúdo histórico a partir de documentos iconográficos foi muito positivo em dois aspectos. O primeiro é que, no caso específico da Escola em que estagiamos, o *datashow* era pouco utilizado em sala de aula, principalmente nas aulas História – ao menos nas aulas que observamos no Estágio I e II. Assim sendo, a utilização desse recurso tecnológico constituiu, de certa forma, uma novidade, e contribuiu muito para prender a atenção dos alunos, facilitando a abordagem dos conteúdos.

O segundo aspecto positivo é que a imagem – no caso, a litografia – foi usada como ferramenta para relembrar o conteúdo trabalhado em aulas posteriores. Por exemplo, na aula sobre as Irmandades em Desterro no século XIX, a litografia foi retomada para mencionar que festas de africanos e afrodescendentes ocorriam em Desterro: “Lembram dessa imagem que analisamos na aula passada? Então, era uma festa de africanos e afrodescendentes, provavelmente realizada por intermédio de uma Irmandade de irmãos pretos”.

Outra questão relevante foi quando chegamos no ponto número 2 da “Ficha de Análise do Documento Histórico”¹¹⁹, que perguntava se os alunos conseguiam perceber qual o espaço da cidade que foi retratado na litografia. Depois de um longo tempo de observação da imagem e de vários palpites, um aluno mencionou que poderia ser a atual Igreja Matriz. A informação surpreendeu grande parte dos estudantes. Através dessa imagem é possível refletir e perceber as transformações e permanências no espaço urbano de Florianópolis. Os alunos tiveram dificuldade em perceber que se tratava do centro de Florianópolis, porque

¹¹⁹ Ponto número 2 da “Ficha de Análise de Documento Histórico”: Qual o cenário da imagem? Você consegue identificar em qual espaço da cidade de Desterro as personagens estão?

até mesmo a Igreja Matriz passou por uma série de mudanças em sua estrutura. A consciência das modificações que ocorrem no meio urbano pode gerar um olhar diferenciado para o espaço da cidade, valorizando-a.

Na aula de número 14 e 15 trabalhamos com mais dois documentos iconográficos: uma imagem que representava um Batuque, e outra imagem que representava uma Coroação de Rei Negros.

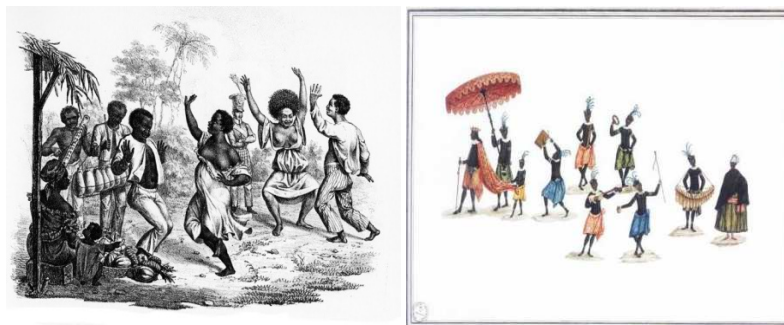
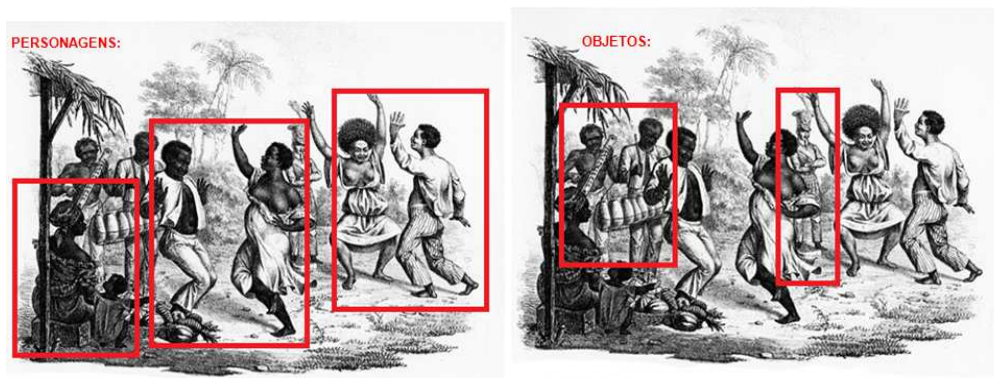


Figura 31: Imagem de um batuque. Fonte SPIX, Johan Baptist Von. “Viajar para o Brasil nos anos 1817 – 1820”.

Figura 32: Imagem de uma Coroação de Rei negro.

Fonte: JULIÃO, Carlos. Coroação de um rei negro no festejo de Reis no Rio de Janeiro, 1776.

Diferente da atividade da litografia, que foi utilizada para iniciar o conteúdo, as duas imagens mostradas acima foram utilizadas para concluir o conteúdo sobre festas de africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina no século XIX. A atividade consistia em comparar os dois documentos, através da “Ficha de Análise de Obra de Arte”, como mencionado no Capítulo III. Novamente, no momento de replanejamento da aula, foi feita uma intervenção nas obras de arte através do recurso da marcação.



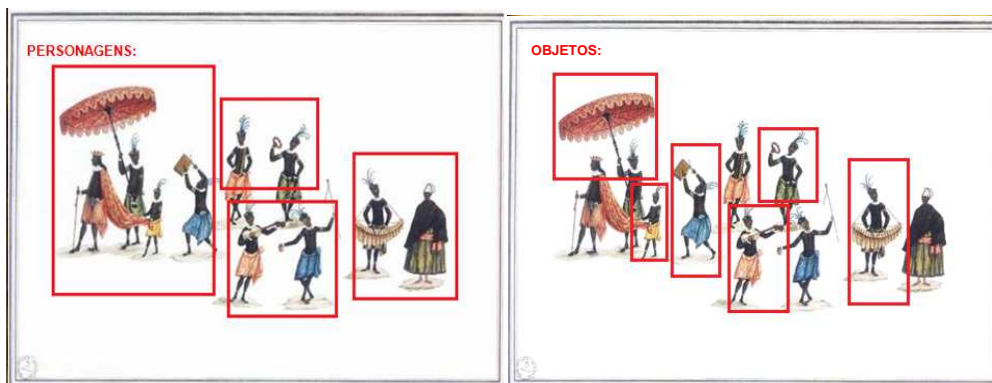


Figura 33: Algumas das intervenções realizadas nas imagens – marcação dos elementos. Fonte: desenvolvido pelas autoras.

Nessa atividade, foi mais fácil desenvolver a análise dos documentos iconográficos. Acreditamos que isso ocorreu porque uma atividade semelhante já tinha sido desenvolvida, a da litografia, o que treinou o olhar dos estudantes para perceber os diferentes elementos e ações da obra. Além disso, o fato de serem imagens com mais movimento – no caso da imagem que representa o Batuque – e com mais cores – no caso da imagem da Coroação – também pode ter contribuído para prender a atenção dos alunos, o que gerou maior participação da turma.

A “Ficha de Análise da Obra de Arte” foi um recurso muito útil porque mantinha o aluno concentrado na análise das imagens durante toda a aula, além de desenvolver a prática da escrita. Todos os 26 alunos que estavam presentes na sala de aula, no dia da análise dessas imagens, nos entregaram a “Ficha de Análise”. Desses 26 alunos, 21 receberam o conceito “Muito Bom”, e cinco, “Bom”. Como se vê, o resultado da utilização da Ficha foi muito satisfatório, levando em consideração que se tratava de uma turma com alguns sérios problemas de responsabilidade, onde muitos não entregavam e não faziam as tarefas solicitadas. Vale lembrar que a Ficha foi preenchida juntamente com os estudantes, no quadro.

ANÁLISE DE DOCUMENTO ICONOGRÁFICO

DOCUMENTO HISTÓRICO Nº 1



SPIX, Johan Baptista Fern. "Viagem para o Brasil nos anos 1817-1820".
 Fonte: <http://libbook.ueg.br/engraçado>

DOCUMENTO HISTÓRICO Nº 2



SHILAO, Carlos. Descrição de um rei negro no festejo do Rei na Rio de Janeiro, 1776.
 Fonte: Carlos Eugênio Hamann. Os Negros e a Transição do Alinhamento. Folia Alinhada
 do Anjoquã Joby e negro na Brasil. São Paulo, Edusp, 2006, p. 294.

FICHA DE ANÁLISE DAS OBRAS DE ARTES

Vamos analisar essas lindas e interessantes obras de arte em conjunto! Por isso: COMPLETE A TABELA E ENTREGUE NO FINAL DA AULA!

| | DOCUMENTO 1 | DOCUMENTO 2 |
|--------------------------------------|--|---|
| 1. IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO | Imagens do Brasil nos anos 1817-1820 e Spix, Johan Baptista Fern. | Descrição de um rei negro no festejo do Rei RJ, 1776 Shilao, Carlos. |
| 2. PERSONAGENS (GÊNERO, COR DA PELE) | Homens, mulheres, crianças e negros, sem qualquer brancos. | Homens e negros e crianças, mulheres adultos. |
| 3. VESTIMENTAS | Roupas simples de cores brancas. | Roupas e mulheres enfite nos cabelos, coroa, capa, saia, colarinho. |

| | | |
|------------------------------------|--|--|
| 4. OBJETOS QUE SEGUAM NAS MÃOS | Instrumentos musicais, e os que estão dançando nos ternos nada nas mãos. | Quando os rei, um rei um instrumento parecido, capa, violão, Balação, um livro que pode ser um Bíblia. |
| 5. COMO ESTÃO DISTRIBUÍDOS NA CENA | Estão dançando em duplas/tríadas | Estão em uma organização como se fosse um desfile |
| 6. AÇÃO DOS PERSONAGENS | Estão dançando com os negros para cima, estão tocando instrumentos, e quando estão observando, estão cuidando da comida. | Estão dançando, e tocando instrumentos, observando o rei. |

Depois que completamos a tabela dessas belas imagens sobre festas de africanos no século XIX, vamos refletir as seguintes questões:

1. Quais elementos das festas mais despertaram sua atenção e curiosidade?
2. Estabeleça as diferenças e semelhanças entre as duas festas: Congada e Batuque.

Figura 34: Exemplo de “Ficha de Análise de Obra de Arte” preenchida pelos alunos.

A resposta dos alunos na “Ficha de Análise de Obra de Arte” incidia sobre os elementos presentes na pintura, como objetos, vestimentas e ações realizadas pelas personagens das imagens. Foi interessante porque, em sua maioria, os alunos escreveram em detalhes esses elementos da obra.

Essas imagens foram úteis também para lembrar e retomar os elementos principais que foram abordados nos textos didáticos das aulas anteriores. Por exemplo, no texto sobre as Irmandades em Desterro no século XIX, foi mencionado que as Coroações eram festas, até certo ponto, permitidas na sociedade, porque eram realizadas através de uma Irmandade. Por essa razão, eram festas que dispunham de maiores recursos. Diferentemente dos Batuques, que eram celebrações mal vistas pela sociedade colonial¹²⁰.

Nas imagens foi possível retomar esse ponto analisando as vestimentas e os objetos que as personagens das duas obras possuíam. Facilmente os estudantes perceberam essa questão, ao identificar que, no caso do Batuque, as personagens usavam roupas simples e não portavam objetos. Já na Coroação havia uma série de objetos, como guarda-sol, colares, coroas, além de roupas com adornos e enfeites.

Outro exemplo com relação a isso é no texto chamado “Festas de africanos e afrodescendentes: as Coroações e os Batuques”, onde foi mencionado que os Batuques possuíam muito mais elementos da cultura africana, o que contribuía para a sua repressão. Diferente das Coroações que, por serem realizadas dentro da Igreja Católica, continham vários elementos da cultura europeia, apesar de haver aspectos da cultura africana também. Os alunos puderam perceber isso ao observar a forma como as personagens dançavam na imagem do Batuque: em círculos, com grande movimentação dos corpos. Ao contrário da imagem da Coroação, onde os gestos eram muito mais comedidos, e as personagens estavam dispostas em uma fileira. Outro elemento que evidenciava essa diferença das festas, eram os instrumentos musicais retratados nas duas obras: na imagem do Batuque, havia apenas instrumentos de origem africana; na imagem da Coroação, instrumentos africanos dividiam espaço com instrumentos de origem europeia.

A utilização de documentos iconográficos foi uma interessante estratégia para iniciar ou para concluir os conteúdos, porque dava certa visualidade para o que foi trabalhado, mantendo os alunos interessados. É importante destacar que, ao iniciar o trabalho com as imagens, chamamos atenção para o fato que toda a imagem é uma construção do autor ou do artista.

Na nossa turma havia uma aluna que trabalhava como modelo fotográfica. Aproveitamos isso para exemplificar a questão da construção de imagens: uma

¹²⁰ Para maiores informações sobre Coroações e Batuques: Capítulo III.

modelo, como a aluna Marcela, passa por todo um procedimento antes de bater a foto, faz o cabelo, a maquiagem, há um longo processo para a escolha da roupa. O cenário onde ela irá posar, da mesma forma, é preparado, e determinados elementos são escolhidos para fazer parte do fundo. No momento que a modelo vai posar, o fotógrafo sugere que a modelo fica em determinada posição, com determinada expressão facial. Ou seja, as imagens que trabalhamos não são dados naturais, e sim, construções dos artistas, como no caso das fotografias realizadas por modelos profissionais.

4.2.2. Trabalhando textos didáticos sobre escravidão em Desterro em sala de aula

Além de desenvolver o conteúdo através da análise de documentos iconográficos, outro recurso utilizado foi a construção de textos didáticos, que basearam todas as nossas aulas. No caso específico do tema escravidão em Desterro no século XIX, foram desenvolvidos ao todo quatro textos¹²¹. Neste momento, iremos refletir sobre como foi a experiência de leitura e a exploração dos textos didáticos na sala de aula. Serão analisados neste relatório “As Irmandades em Desterro no século XIX” e “Repressão e festas de africanos e afrodescendentes em Desterro no século XIX”.

O texto “As Irmandades em Desterro no século XIX” foi desenvolvido para compor a aula de número 13, e estava previsto que fosse lido e discutido inteiramente em apenas uma aula. No entanto, a leitura demorou mais do que o previsto, levando duas aulas para finalizá-lo. Na primeira aula, não obtivemos um resultado satisfatório da exploração do texto. Os alunos estavam muito dispersos, não prestaram atenção, não demonstraram interesse nem na leitura, nem a exposição do conteúdo. Como se tratava de um texto longo, e com muito conteúdo, percebemos que era necessário a criação de novas estratégias que auxiliassem a leitura do texto.

A primeira estratégia que desenvolvemos no momento do replanejamento da segunda aula de leitura do texto “As Irmandades em Desterro no século XIX” foi

¹²¹ Os textos eram: “Viajantes europeus no século XIX e as festas de africanos e afrodescendentes”; “As Irmandades em Desterro no século XIX”; “Batuque e Coroação de Reis Negros”; e “Repressão e festas de africanos e afrodescendentes em Desterro no século XIX”.

distribuir, para cada aluno, um lápis de cor. Os alunos deveriam grifar com os lápis coloridos as partes que consideravam importantes para compreender o conteúdo. Essa intervenção do aluno no texto foi muito positiva porque prendia atenção do estudante durante a leitura. Além disso, esse recurso tornava mais fácil de questionar se o aluno havia compreendido o conteúdo o texto: “Aluno fulano, o que você marcou? Por que você achou que essa parte é importante? Explica essa frase com as suas palavras”. No entanto, podemos afirmar que apenas metade da turma utilizou o lápis de cor como havia sido solicitado. Alguns alunos utilizaram o lápis de cor para desenhar figuras aleatórias no texto, que nada tinham a ver com o conteúdo. O recurso de grifar o texto com lápis é interessante, mas também pode dispersar alguns alunos.

A segunda estratégia foi trazer informações que não estavam presentes no texto didático, utilizando o recurso do *datashow*. Na parte do texto em que explicava como eram captados os recursos financeiros para que as Irmandades pudessem existir, trouxemos dois documentos históricos sobre aluguéis de escravos que pertenciam à Irmandade do Rosário:

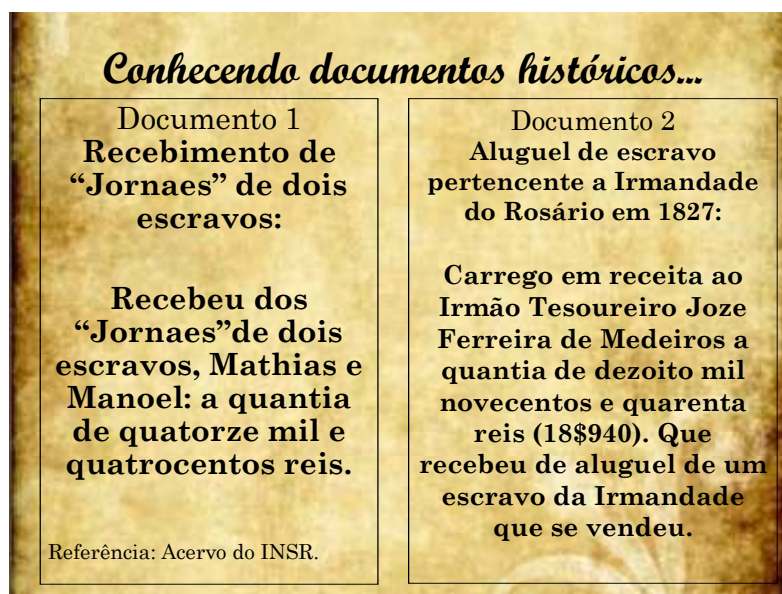


Figura 35: Documentos históricos em PowerPoint como estratégia para leitura de textos.
Fonte: desenvolvido pelas autoras.

Trazer esses documentos foi um recurso muito interessante, porque foi possível retomar o tema “fontes históricas”, abordado na primeira aula. A leitura dos documentos foi realizada juntamente com os alunos, e foi chamada atenção que a forma como se escreve o Português também foi modificada ao longo do tempo. Assim que a leitura do texto foi finalizada, perguntamos aos alunos o que

eles tinham entendido do documento histórico. Muitos alunos participaram, mostraram interesse, e ficaram surpresos que escravos eram alugados em Desterro. Dessa forma, a análise de documentos históricos tornou a leitura do texto mais agradável, tornando a aula mais dinâmica e leve. O uso desses documentos históricos também foi uma forma de aproximar os alunos da sociedade em estudo.

No *datashow* também exibimos dois mapas da África. Um destacando os países Angola e Congo, porque as Corações de Reis Negros possuíam muitos elementos da cultura desses povos. Outro mapa apontando as principais regiões africanas aonde vinham os escravos para o Brasil: Costa da Mina, também chamado de Golfo do Benin; Porto de Ajudá, região que hoje equivale a Gana, Togo, Benin e Nigéria; e Angola.

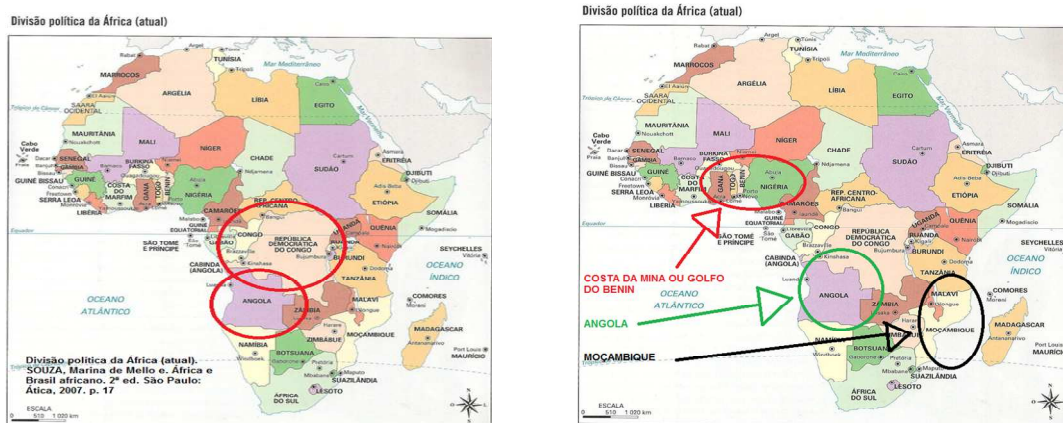


Figura 36: Mapas do continente africano, com intervenções.
Fonte: mapa retirado do Google Imagens. Intervenções realizadas pelas autoras.

Assim que exibimos o mapa, perguntamos se os alunos sabiam qual era o continente que estava sendo mostrado. Demorou alguns minutos, mas logo uma aluna se manifestou, falando que se tratava da África. Percebemos que os alunos facilmente reconheceram o mapa do continente africano. O trabalho com mapa evidencia a quantidade de países e de culturas diferentes existentes no continente africano. Muitas vezes, “África” é pensada como um bloco homogêneo. Foi interessante porque levantamos a questão que, por exemplo, Congos e Moçambiques eram etnias tradicionalmente rivais, e que pessoas desses dois povos se encontravam aqui no Brasil. Infelizmente, não tivemos tempo para abordar com maiores detalhes esse assunto, mas serviu como uma reflexão inicial.

Na aula de número 14 planejamos, além da leitura do texto didático “Repressão das festas de africanos e afrodescendentes em Desterro no século

XIX”, uma atividade extra, que consistia na análise de dois documentos históricos. Como não tivemos tempo suficiente para fazer a análise separada da leitura do texto, no replanejamento, incorporamos os dois documentos históricos durante a exploração do texto didático, como já tínhamos realizado na leitura do texto sobre as Irmandades. Os documentos históricos foram exibidos no *datashow*.

DOCUMENTO HISTÓRICO 1

Toda a pessoa que em sua casa fizer ajuntamentos de escravos, ou vadios para danças, ou ainda mesmo que consinta ahi de noite, desamparando os primeiros, por esta forma, a de seus senhores, incorrerá na pena de quinze dias de cadea, e 8\$000 reis de multa.

Desterro, **Código de Posturas**. Artigo 44 da Lei n. 222 de 10 de maio de 1845.

DOCUMENTO HISTÓRICO 2

AVISO

Sendo proibidos os ajuntamentos de escravos nos armazéns, tabernas e em quaisquer lugares que costumam reunir-se, a polícia tem ordens terminantes para fazer dispersar os escravos, que em qualquer hora do dia, ou noite, forem encontrados em tais ajuntamentos, prendendo aos que deixarem de submeter-se imediatamente às advertências da Polícia.

Desterro 27 de novembro de 1856. Luiz de Souza Fagundes. Subdelegado em exercício.

Biblioteca Publica do Estadual/SC. **O Argos** - Cidade de Desterro. Primeiro ano. N.94. Sexta feria 28 de novembro de 1856.

Novamente, pausar a leitura do texto para analisar documentos históricos foi muito positivo, deixando a aula mais dinâmica e interessante. Os alunos se surpreenderam ao ver que ocorria ajuntamentos e encontros de escravos na cidade em que vivem. Inclusive, durante a análise do documento, um aluno questionou: “Nossa, isso realmente acontecia aqui? Nunca pensei que isso poderia ocorrer aqui”. Como já foi dito anteriormente, essa é uma das vantagens de trabalhar com História Local, porque desenvolve um novo olhar para a cidade em que vivem, e também para o conteúdo histórico.

Neste texto, sobre repressão e resistência em relação às festas negras, queríamos problematizar manifestações culturais de origem africana que estão presentes em nossa sociedade atual. Escolhemos abordar o samba e a capoeira.

Talvez por se tratar de manifestações que fazem mais parte do cotidiano, os alunos demonstraram interesse. Alguns se surpreenderam quando comentamos que até a década de 1930, a prática de capoeira era proibida no Brasil. Uma aluna comentou que era proibido porque era praticado por escravos e descendentes, assim como o Batuque, que também era reprimido. Esse comentário foi muito feliz porque demonstrou que a relação passado-presente desenvolvida em sala foi compreensível.

Como o semestre 2012/1 já estava acabando, e precisávamos finalizar o estágio – que demorou mais aulas do que o previsto inicialmente – infelizmente, tivemos que desenvolver rapidamente esse texto. No entanto, com toda certeza, esse texto didático traz elementos interessantes que gerariam muitas discussões sobre cultura brasileira e sobre nossa sociedade.

Por fim, acreditamos que nossos objetivos no Estágio Docência foram cumpridos em sua maioria. Um problema em nossas aulas foi que os alunos não conseguiram compreender porque passamos do tema Boi-de-Mamão ao tema Escravidão em Desterro. Apesar de não ter sido nossa intenção, nossas aulas ficaram divididas em dois grandes blocos de conteúdo. Esse aspecto ficou evidente nas avaliações que foi realizada pelos alunos sobre nossas aulas. Os estudantes sempre mencionavam o tema “escravidão” e “Boi-de-mamão”, mas não sobre o eixo temático *festas e celebrações*, que era o eixo temático que unia os dois temas. Como, por exemplo, na seguinte avaliação em que um aluno diz que “as aulas foram muito interessantes, sobre o Boi-de-mamão, escravidão e batuque”.

Talvez a relação entre esses dois temas devesse ter sido mais bem elaborada. Uma sugestão é deixar mais claro o *link* entre esses dois temas: o Cacumbi, que fazia parte do ciclo de festas, juntamente com o Boi-de-Mamão e o Terno de Reis. Uma alternativa é trabalhar mais detalhadamente o Cacumbi, problematizando-o.

Apesar disso, a abordagem do conteúdo do Boi-de-Mamão e de Escravidão em Desterro foi muito satisfatória, porque apesar dos percalços, acreditamos que foi possível desenvolver nos alunos um novo olhar e novas reflexões sobre o cotidiano e a cidade em que vivem.

5. AS IMPRESSÕES DA PRÁTICA DOCENTE POR MEIO DAS MEMÓRIAS DAS ESTAGIÁRIAS

5.1. Estagiária: Letícia da Silva Gondim

A experiência de estágio foi bastante positiva, tanto no sentido pessoal quanto no profissional. O nervosismo não foi tão grande pelo fato de já conhecer a Escola, o fato de ter três professoras dentro da sala avaliando cada aula foi o que me deixou mais apreensiva.

Moro no bairro do Rio Vermelho no norte da ilha, eu já sabia que para frequentar a Escola da Armação seria necessário muito esforço e compreensão da minha parte e da minha dupla de estágio, que gentilmente cedia sua casa todas as terças e quintas à noite pra que pudéssemos ir juntas (de carona ou ônibus) para a Armação. Quando eu não ficava por lá, ficava na casa do meu namorado no Campeche. Ficar em casa durante esse período de estágio foi luxo pra mim, confesso também que não é nada fácil andar cheia de coisas, porque cada dia você dorme em um lugar diferente. Mas também por outro lado foi bom, já que em casa só havia problemas.

O Diário de Aula foi bastante importante pra mim durante esse período, considero que foi um período doloroso pela dificuldade de elaborar os materiais e preparar as aulas e pelo fato de ter muito problemas por fora. Por isso fiz do Diário um companheiro para escrever sobre minhas angústias. Ainda que eu tenha me podado bastante para não só falar do meu lado pessoal.

Durante esse período de regência pude perceber o quanto sou séria quando estou dando aula, me incomodava constantemente com os alunos conversando, que não sentavam direito e mais ainda quando olhava para eles e não percebia nenhum interesse na aula. A falta de interesse me desconcertava muito e por vezes eu perdia o fio da meada quando me deparava com essa situação. O meu maior receio era que eles não gostassem de mim, mas no contato no ônibus ou até no intervalo, percebia que eles não tinham nenhum problema comigo, alguns até falavam que não gostavam mesmo era do conteúdo.

Senti-me bastante insegura quanto ao conteúdo, por não dominá-lo 100%, por nunca ter dado aula e mais ainda por achar que não seria do interesse dos alunos. Tanto que em algumas aulas consegui me sair bem e outras já nem tanto.

Gostaria de ter tido a experiência de dar uma aula sobre o conteúdo que eles estavam estudando, porque escutei bastante eles falarem que não gostaram do tema, porque não se encaixou no que estavam estudando. Mas ao mesmo tempo foi importante dar uma aula assim para que eles quebrem esse conceito de uma história linear marcada por grandes datas e nomes. E para que vejam também que o que acontece dia a dia ali no bairro também é história, e que de alguma maneira tudo tem influência e alguma relação com outros fatos.

O convívio com os alunos pra mim foi a parte mais rica do estágio. Ser chamada de Professora me deixou bastante feliz, o que me fez dar conta da responsabilidade que é cuidar de uma sala de aula. Tenho muita vontade de voltar lá para visitá-los e se possível acompanhá-los nessa passagem do ensino fundamental ao médio e a busca por uma vaga na universidade, se for do interesse deles. Mas como também tenho minhas escolhas a fazer e meu caminho a seguir, venho mantendo contato com eles apenas *online*.

Conversando com alguns pude perceber o interesse em continuar os estudos. A Rafaela foi uma aluna que me surpreendeu bastante, conversei com ela algumas vezes e numa dessas ela me contou que adorava aprender idiomas e que gostaria de estudar letras. Fiquei encantada com a vontade dela e a independência como falava. A Naiara foi a que mais me preocupou na sala, porque o tempo todo me questionei sobre a tal da inclusão e não a via incluída em nada, nem no recreio, nem na sala de aula e muito menos a semana de meio ambiente. Eu me envolvi demais com a história dela e gostaria de poder fazer mais. Acredito que ela também necessitava de um acompanhamento como a Rafaela, ela tem muitas dificuldades, mal sabe escrever e ler. Também penso que não é só papel da Escola desenvolver essas habilidades dela, acredito que em casa também é necessário. Acho que faria muito bem pra ela conviver e conhecer outras histórias de pessoas com Síndrome de Down.

O espaço físico da Escola é muito bom e seus projetos são excelentes. Gostei muito de estar por lá e sempre falo das minhas boas experiências na Escola. Porém acredito que em alguns pontos (como já falei na parte da inclusão), é necessário melhorar. Não pude estar presente em todos os eventos da Escola durante o período que estivemos por lá, mas os poucos que fui gostei bastante. É uma maneira de conhecer melhor os alunos sem estar naquela formalidade de ser professor e estar sendo avaliado.

O convívio também com os demais professores é bastante importante. Ainda que muito rápido, encontrá-los (na sala dos professores ou estar presente ajudando na organização de evento) é um ponto muito positivo, porque assim podemos escutar suas impressões sobre os alunos, saber qual conteúdo está lecionando e ainda escutar suas experiências.

Não sei como será minha experiência à parte do estágio, mas o estágio foi bastante importante para conhecer a rotina de uma escola e estar dentro da sala de aula. E as orientações, que por vezes desgastaram e foram bastante pesadas, ajudaram e muito no desenvolver da prática. Ser professor não é fácil e exige bastante dedicação tanto com os conteúdos para com os alunos.

Cuidar e ajudar o outro faz parte da minha personalidade, a sala de aula foi um dos ambientes onde mais exercitei essa minha característica. Principalmente pelo fato de ter em sala duas alunas que necessitavam de uma atenção mais especial. Como tudo que se quer na vida necessita de esforço, com estágio não foi diferente e o saldo nada mais foi do que positivo!

5.2. Estagiária: Isabella Cristina de Souza

Do conjunto de Planos de Aula elaborados para o Estágio Docência na Escola Municipal Dilma Lúcia dos Santos, as minhas aulas abordaram, em sua maioria, o tema da escravidão, focando Desterro no século XIX. Um dos objetivos dessas aulas, como já foi mencionado, era refletir a cultura afro-brasileira, pensando a cidade de Florianópolis, onde durante muitos anos predominou um discurso em que a colonização da Ilha e litoral adjacente fora realizado apenas por açorianos, ignorando a influência cultural de outras etnias.

Quase dois meses depois que a regência na Escola foi finalizada, é aprovada a nova Lei de Cotas – PLC 180/2008 – que obriga todas as universidades e institutos tecnológicos federais a destinarem 50% de suas vagas a estudantes de escolas públicas e, dentro disso, 25% a candidatos pretos, pardos e índios. A Lei tem gerado muita polêmica entre a população, e dividido opiniões, facilmente perceptível nos diversos meios de comunicação de massa.

Em meio a esses debates, é preciso lembrar, como sugere Marc Bloch, que o historiador deve ter a sensibilidade de perceber as questões do presente, através de uma análise crítica das suas raízes, ou seja, “na apreensão do que é vivo é que

reside efetivamente a qualidade fundamental do historiador”¹²². É neste sentido que, ainda que o tema das cotas não tenha sido trabalhado diretamente nas nossas aulas, acredito que ter problematizado o conteúdo sobre escravidão no Brasil pôde contribuir para criar uma consciência nos alunos e alunas sobre os debates que esta nova Lei tem gerado. Não é novidade para nós, historiadores e historiadoras, que as conseqüências da escravidão ainda são sentidas na sociedade atual, e que grande parte das nossas raízes culturais são também africanas. Ter trabalhado com alunos de 8ª série esse tema tão atual e necessário foi um dos motivos pelo qual o Estágio tornou-se uma experiência tão interessante.

Ter focado o tema da escravidão, a partir da história local, da cidade de Desterro, foi outro ponto muito positivo. Ter levado para sala de aula algumas fontes históricas locais – por exemplo, uma notícia de um jornal de Desterro, que falava sobre a proibição de festas de africanos e afrodescendentes – geraram interesse por parte dos alunos. Isso fez com eu me sentisse mais segura ao longo da regência, o que me motivou muito. Diversos alunos participaram das análises das fontes históricas, o que facilitou o andamento das aulas.

Além disso, ao longo do Estágio, deixei de enxergar “alunos” enquanto um bloco homogêneo, e passei a perceber e identificar os diferentes sujeitos dentro da sala de aula. Isso foi extremamente positivo. A relação que tanto eu quanto minha dupla construímos com os alunos da turma 82 foi muito boa. A conversa com os alunos e alunas ultrapassou o espaço escolar, e logo estabelecemos contato nas redes sociais, dialogando sobre diversos assuntos.

Percebi que os estudantes compreenderam que nós, estagiárias, éramos alunas como eles, e que também estávamos sendo avaliadas. Essa identificação provavelmente deve ter colaborado no rendimento das aulas. Da mesma forma, a turma também reconheceu nosso esforço para que as aulas fossem mais agradáveis. Isso ficou perceptível na avaliação que pedimos para os estudantes realizarem na última aula, onde deveriam escrever sua opinião sobre o Estágio. Por exemplo, um aluno escreveu que “as aulas eram bem distribuídas e pensadas e as professoras se esforçaram muito e se saíram bem”.

De uma maneira geral, o Estágio Docência foi uma experiência muito positiva. O maior ganho foi ter adquirido confiança para trabalhar numa escola

¹²² BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o Ofício do Historiador**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002, p. 43 e 67.

depois que me graduar. Estou ciente de que ser uma boa professora exige muitos anos de prática e estudo, mas agora me sinto segura para iniciar essa longa jornada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Brasília, 1996.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

ALVES, Jucélia. LIMA, Rose Mary de. ALBUQUERQUE, Cleidi (Orgs.). **Cacumbi**: um aspecto da cultura negra em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1990.

CARLAN, Cláudio Umpierre. FUNARI, Pedro Paulo A.. **Patrimônio e colecionismo**: algumas considerações. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO Vol. 1, N°1, ano 2010.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2000.

DELGADO, Andréa Ferreira. Configuração do campo do patrimônio no Brasil. In: BARRETO, Euder et all. **Patrimônio Cultural e Educação**: artigos e resultados. Goiânia, 2008.

DELGADO, Andréa Ferreira. OLIVEIRA, Ilse Leone Borges Chaves de. **Educação patrimonial como experiência interdisciplinar**: patrimônio e memória na Cidade de Goiás. Revista Solta a Voz, v. 19, n. 2.

DELGADO, Andréa Ferreira. CAUME, David José. **Fragmentos de cultura**. Goiânia: Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás. 1999. Mar. Abr. v. 9 n. 2.

DELGADO, Andréa Ferreira; OLIVEIRA, Ilse. Educação patrimonial como experiência interdisciplinar: patrimônio e memória na cidade de Goiás. **Revista Solta Voz**, V. 19, N. 2.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **Historia Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, Rodrigo Francisco. Cinema e Ensino de História: possibilidades e limites. **VII Encontro Nacional: Perspectivas do Ensino de História**. Comunicação Oral. UFU, Uberlândia, Minas Gerais, 2009.

FALCÃO, Joaquim. **Patrimônio Imaterial**: um sistema sustentável de produção. Da Cultura, ano I, N° 2, jul./dez, 2001.

FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. **Topoi Revista de História [online]**, 2002, vol. 1, n. 5, pp. 314-332. Disponível em <<http://www.ppghis.ifcs.ufrj.br/media/topoi5a13.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2009.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Patrimônio Histórico e Cultural - Um Novo Campo de Ação para os Professores. SEE-MG - **Educação Patrimonial**: reflexos e contribuições para a Educação Patrimonial, Coleção Lições de Minas, v. 23.

FILHO, Nelson Quadros Vieira. Patrimônio e Turismo. SEE-MG - **Educação Patrimonial**: reflexos e contribuições para a Educação Patrimonial, Coleção Lições de Minas, v. 23.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Os Espanhóis Conquistam a Ilha de Santa Catarina 1777**. Florianópolis: Editora UFSC, 2004.

FURTADO, Junia Ferreira. **Cultura e Sociedade no Brasil colônia**. São Paulo: Atual, 2000.

GONÇALVES, José R. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15 – 36, jan/jun 2005.

GUIMARÃES, M. S. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma História Nacional. **Revista Estudos Históricos**, n. 1, 1988, pp. 5 – 27.

JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa**: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. Volume II. São Paulo: Editora da USP, 2001.

JOSÉ, Jaime. **Danças, tambores e festejos**: Aspectos da cultura popular negra em Florianópolis do final do século XIX ao século XX. seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/downloadSuppFile/38/10.

KÖHLER, André Fontan. Antes que caia!: **Patrimônio histórico e turismo em Igarassu, Pernambuco**. Dissertação. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Historia e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LOPES, Alice. Conhecimento escolar: processos de seleção cultural e mediação didática. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 1, n. 22, jun. 1997.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. VIDAL, Joseane Zimmermann (Orgs.). **História Diversa**: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina (No prelo).

MAMIGONIAN, Beatriz. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750 – 1850). In: FRAGOSO, João (Org.) **Nas rotas do Império**: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. Vitória: Edufes, Lisboa, 2006.

MATOS, Luana S. B. Desafios às ações de Educação Patrimonial nas escolas. **IV Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**, Laranjeiras – SE – Brasil, 2010.

MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e Educação para o Patrimônio. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n, 47, jun 2008, p. 137.

MELO, Osvaldo. **O boi-de-mamão catarinense**. [s/e], 1949.

PEREIRA, Nereu do Vale. **O Boi de Mamão: suas raízes e origem**. Florianópolis, Monografia Versando a Cultura Popular de Santa Catarina. [s/e], 1996.

POLLAK, Michael, **Memória e identidade social, Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

REIS, Felipe A., SILVA, Jaime, St-ONGE, Marie Eve. **Devoção ao Rosário e Festas de Africanos**. Programa de Extensão *Santa Afro Catarina*. Florianópolis, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História. In: **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2007.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Projeto Político Pedagógico Escola Básica Dilma Lúcia Dos Santos**. Florianópolis, 2010.

SCHVEITZER, Ana Carolina; JUNQUEIRA, Luis Fernando. **Relatório de Pesquisa Estágio Docência em História**. Florianópolis, 2011.

SELA, Eneida Maria Mercadante. **Modos de ser, modos de ver: viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

SILVA, Jaqueline Ribas da. **A música como recurso didático e o processo de aprendizagem em história**. VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, Uberlândia - UFF, 2009.

SOARES, Doralécio. **Aspectos do folclore catarinense**. Florianópolis: Ed. do autor, 1970.

SOUZA, Patrícia Teixeira. **Cacumbi, Catumbi, Quicumbi, Ticumbi: uma análise dos elementos teatrais contidos nesta manifestação afro-brasileira de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Cênicas – UDESC, Florianópolis, 2006.

ANEXOS

PLANO DE AULA N. 1

DURAÇÃO: 45 min.

TEMA: Boi- de- Mamão.

CONTEÚDOS:

- Boi- de- Mamão.
- Análise do vídeo: “O Nosso Boi de Mamão”.

OBJETIVOS:

- Analisar os elementos que compõem o Boi- de- Mamão.
- Problematizar a ideia de preservação e construção do Boi- de- Mamão enquanto parte da cultura da cidade e da memória do bairro.
- Organizar seus conhecimentos prévios sobre o boi-de-mamão.
- Diferenciar o Boi da Armação do exposto no vídeo.
- Construir a narrativa do Boi- de- Mamão.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS:

- Exibir, analisar e discutir o vídeo: “O Nosso Boi de Mamão”.
- * Exibir todo o vídeo.
- * Explicar como e onde foi produzido o vídeo.
- * Usar o quadro para colocar as referências do vídeo: ano de produção, onde e quando foi produzido.
- * Discutir as técnicas utilizadas para elaboração do vídeo.
- * Após exibição, propor a seguinte questão: “quais foram suas impressões em relação ao vídeo?”.

* Utilizar o quadro para escrever as palavras chave.

-Entregar ficha de análise do vídeo (anexo I)

* Explicar cada ponto da atividade.

* Exibir o vídeo, pausando nos momentos de apresentação de cada personagem.

Serão oito pausas no total.

* Em cada um desses momentos construir junto com os alunos as respostas de cada questão da atividade.

-Entregar atividade para casa (anexo II)

* Será entregue para cada aluno a atividade.

* Explicar cada ponto da atividade e informar que é individual.

* Anunciar que é necessária a entrega na próxima aula.

MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS:

- Quadro e giz.

- Audiovisual: O Nosso Boi de Mamão.

- Ficha de identificação do vídeo.

BIBLIOGRAFIA:

DENOVAC, Adriano da S.. STARLING, Daniel N.. PITTHAN, Daniel P.. TEIXEIRA, José Umberto. **O Nosso Boi de Mamão**, disponível em Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS). Ano: 2001/2002.

MELO, Osvaldo. **O boi-de-mamão catarinense**. [s/e], 1949

PEREIRA, Nereu do Vale. **O Boi de Mamão: suas raízes e origem**. Florianópolis, Monografia Versando a Cultura Popular de Santa Catarina. [s/e], 1996.

SOARES, Doralécio. **Aspectos do folclore catarinense**. Florianópolis: Ed. do autor, 1970.

ALANO, Toni. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

PEREIRA, Roseli. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

FELIPE, Altair. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, Nov./2011.

ESCOLA BÁSICA DILMA LÚCIA DOS SANTOS
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI
PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA E LETÍCIA GONDIM

Atividade I

1. O vídeo exibido, “O Nosso Boi- de- Mamão” foi produzido pelo Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS) da Universidade Federal de Santa Catarina, feito por alunos através da disciplina “Oficina de vídeo História” entre o ano de 2001 a 2002.

No vídeo são apresentados os principais personagens que compõem o Boi- de- Mamão. Agora veremos mais uma vez o vídeo, só que pausadamente, para que assim possamos preencher nossa ficha de análise (com atenção, para isso será necessário que escutem atentamente as instruções da atividade).

| | Ambiente | Personagem | Música | Narrativa |
|---------|----------|------------|--------|-----------|
| 1ªPausa | | | | |
| 2ªPausa | | | | |
| 3ªPausa | | | | |
| 4ªPausa | | | | |
| 5ªPausa | | | | |
| 6ªPausa | | | | |
| 7ªPausa | | | | |
| 8ªPausa | | | | |

Anexo II

ESCOLA BÁSICA DILMA LÚCIA DOS SANTOS

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI

PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA E LETÍCIA GONDIM

Atividade II

Na primeira questão construiremos juntos a lista de diferenças e semelhanças, porém em casa você terá que explicar cada uma delas.

É isso aí, agora é com você, em casa responda por escrito as seguintes questões:

1. Vocês reconhecem as diferenças entre o Boi- de- Mamão do vídeo e o da Armação? Vamos construir uma lista de diferenças e semelhanças.

Cite cada uma delas e explique.

2. Escreva sobre a sua relação com o Boi- de- Mamão. (Se já participou, se costuma assistir apresentações)

3. Em sua opinião, qual a personagem central do boi-de-mamão? Justifique sua resposta.

4. De acordo com o que você conhece, conte a história representada pelas diferentes personagens na apresentação do Boi- de –Mamão.

PLANO DE AULA N. 2 e 3

DURAÇÃO: 90 min.

TEMA: Boi- de- Mamão, Boi- de- Mamão da Armação.

CONTEÚDOS:

- O Boi-de-Mamão como prática cultura.
- Diferentes versões para a origem do folguedo.
- O Boi- de- Mamão na Armação.

OBJETIVOS:

- Perceber a preservação do Boi-de-Mamão como fruto de uma seleção cultural.
- Problematizar as diferentes versões de origem do Boi-de-Mamão.
- Analisar as características do Boi- de- Mamão da Armação.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS:

- Recolher a atividade de tarefa para casa.
- * Pedir que os alunos entreguem a atividade desenvolvida em casa.
- * Logo após a entrega, retomar a atividade da aula anterior.

- Finalizar a atividade da aula anterior.
- * Retomar a atividade da aula anterior, contemplando apenas o preenchimento da ficha de análise.

- Leitura do texto didático “O Boi-de-Mamão”.
- * Entrega do texto didático. (anexo III)
- * Escolher um aluno(a) para iniciar a leitura em voz alta.

- * A cada fim de parágrafo, será feita a explicação do conteúdo.
- * 1º e 2º parágrafo: Comentar sobre os diferentes nomes do folguedo até ser conhecido como Boi- de- Mamão.
- * 3º parágrafo: Explicar sobre as diferentes versões da origem do Boi- de- Mamão, com o auxílio dos boxes do texto. Apresentar cada ponto de vista e seus defensores. Introduzir a discussão do Boi- de- Mamão com uma construção.
- * Uso do quadro para anotar nome e referência de cada autor.
- * 4º parágrafo: Explicar que o Boi- de- Mamão fazia parte de um ciclo de festas e que agora devido sua importância já ocorre independente de festa ou data.
- * 5º parágrafo: Comentar sobre alguns Bois- de- Mamão tradicionais na Ilha e introduzir o tema do Boi- de- Mamão da Armação.

MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadro e giz.

Texto Didático: “O Boi- de- Mamão”.

BIBLIOGRAFIA:

MELO, Osvaldo. **O boi-de-mamão catarinense.** [s/e], 1949.

SOARES, Doralécio. **Aspectos do folclore catarinense.** Florianópolis: Ed. do autor, 1970.

TONI. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

PEREIRA, Roseli. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

FELIPE, Altair. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, Nov./2011.

PEREIRA, Nereu do Vale. **O Boi de Mamão: suas raízes e origens.** Florianópolis, Monografia Versando a Cultura Popular de Santa Catarina. [s/e], 1996.

Site: www.wikipedia.com.br

ESCOLA BÁSICA DILMA LÚCIA DOS SANTOS

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI

PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA E LETÍCIA GONDIM

O Boi- de- Mamão

De norte a sul do Brasil a morte do boi é cantada em verso e prosa, cada festa com suas diferenças. Em Santa Catarina nós temos o Boi- de- Mamão, considerado uma das manifestações culturais mais populares do Estado. Inicialmente, em Santa Catarina, a brincadeira era conhecida como Bumba -meu- Boi. Depois, passou a se chamar Boi- de- Pano e logo Boi- de- Mamão.

Por se tratar de uma prática muito antiga, não se sabe o motivo desse nome, porém existem muitas histórias: por exemplo, conta-se que, com a pressa de se construir o boi, foi utilizado um mamão verde para fazer a cabeça e isso levou a brincadeira a se chamar Boi- de- Mamão. Há quem contrarie essa versão, dizendo que o “mamão” viria de boi que mama. As versões variam e são controversas, mas o tema é sempre o mesmo, a morte e ressurreição do boi.

A tradição do Terno de Reis foi trazida para o Brasil pelos colonizadores luso-açorianos e é mantida principalmente no litoral do Brasil e no meio rural. Os grupos formados por cantores e instrumentistas percorrem as casas do início da noite ao amanhecer durante o mês de dezembro até o dia 6 de janeiro. Segundo a cultura popular quem recebe o Terno de Reis em sua casa é abençoado.

Na Ilha de Santa Catarina há dúvidas sobre o surgimento da primeira brincadeira de boi. Inicialmente, atribui-se aos nordestinos sua adaptação para a Ilha. Mas há quem diga que a brincadeira veio da Espanha e Portugal, assim como a origem do nome, o lugar de onde surgiu o Boi- de- Mamão também traz **versões controversas.**

Na maioria das vezes os personagens que compõem a apresentação são: o boi, o vaqueiro, a bernúncia e seu filhote, a Maricota, o Doutor, a Viúva e os urubus. Alguns personagens quando entram em cena são anunciados pelo(a) narrador(a) e sempre interagem com o público. As letras das músicas são curtas e com rimas, tratam de cada personagem e geralmente são

Diferentes versões para a origem do Boi- de- Mamão

“Entendo que a dança folclórica do “Boi- de- Mamão” catarinense tem vinculação tauromáquica e viés ibérico, especialmente Espanha...”.

Folclorista catarinense Nereu do Vale Pereira em sua Monografia Versando Cultura Popular e m Santa Catarina, 1996.

“Toma esse nome o auto do Bumba- meu- Boi de Santa Catarina”.

Luís da Câmara Cascudo, folclorista brasileiro em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, 1954.

“O Boi-de-mamão é uma expressiva manifestação folclórica que ocorre no estado de Santa Catarina, Brasil, sendo encenado principalmente na região litorânea. Com origem nas brincadeiras com o boi feitas nos Açores”.

Wikipedia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/>

conhecidas pelo público.

Junto com o **Terno de Reis** e o Cacumbi, Boi- de- Mamão fazia parte de um tradicional ciclo de festas populares de Natal do litoral catarinense. O “Boi- de- Mamão” que antes se estendia até as vésperas do carnaval, agora é apresentado em diferentes épocas do ano nos mais diversos eventos.

Em alguns bairros de Florianópolis, como na Lagoa da Conceição e Itacorubi, é tradição apresentações do Boi- de- Mamão. O bairro da Armação também tem o seu Boi- de- Mamão. Ele foi criado pela Escola Dilma Lúcia dos Santos e comunidade no ano de 1990, com o curso “A festa do Boi, só ama quem conhece”, que foi ministrado aos professores de arte da rede municipal de Ensino de Florianópolis e pela Universidade Federal de Santa Catarina, com o apoio da Fundação Pró-Turismo de Florianópolis.

Segundo a professora Roseli Pereira, em entrevista concedida no segundo semestre de 2011, os alunos criaram e modelaram em argila as bases para a confecção das máscaras dos personagens. Enquanto isso, outro grupo construía as armações em madeira do Boi-de-mamão, do cavalinho, da cabra, da bernúncia e da Maricota. Os tecidos das roupas dos bichos foram doados por mães, professores e pela comunidade. E as cantorias remetem para as características culturais locais.

A partir disso, o grupo Boi- de- Mamão da Armação passou a se apresentar em diversos eventos em várias partes do estado. Desde então, a Escola mantém o Boi-de-Mamão como atividade extra-curricular. O Boi- de- Mamão da Armação vem sendo construído num esforço que reúne alunos, professores e da comunidade.

PLANO DE AULA N. 4

DURAÇÃO: 45 min.

TEMA: O Boi- de- Mamão da Armação.

CONTEÚDOS:

- O folguedo do Boi-de-Mamão.
- Analisar duas letras de músicas do Boi- de- Mamão da Armação.
- Apresentação da atividade de pesquisa.

OBJETIVOS:

- Organizar os conhecimentos prévios sobre o Boi-de-Mamão.
- Relembrar as músicas do Boi-de-Mamão da Armação e relacionar com as características do bairro da Armação.
- Refletir sobre o conteúdo das músicas, com destaque para a preservação ambiental e cultural.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS:

- Iniciar a aula retomando elementos da aula anterior.
- * Construir oralmente junto com os alunos um breve histórico sobre o Boi- de- Mamão da Armação.
- Analisar músicas.
- *Entregar letra transcrita de duas músicas do Boi- de- Mamão da Armação.
- * Serão entregues para cada aluno duas músicas transcritas do Boi- de- Mamão da Armação (Anexo IV).
- * Trabalhar separadamente cada uma das músicas.
- * O primeiro passo será a identificação da música.
- * Enquanto é entregue a folha com as músicas para os alunos, o quadro será dividido, de um lado será escrito sobre a música I e de outro a música II.

* Cada análise deverá contemplar os seguintes aspectos:

- Características dos personagens do Boi- de- Mamão.

- Identificação das referências ao bairro da Praia da Armação, pedir para que sublinhem.

*Escolher um aluno que inicie a leitura em voz alta da primeira música.

* Primeira música: “Maricota”.

* Abordar a caracterização do personagem anotando palavras- chave no quadro.

*Questão de análise desta música: relacionar com as aulas anteriores, em especial ao vídeo apresentado na primeira aula. Será feita uma comparação entre a Maricota do vídeo e a Maricota do Boi- de- Mamão da Armação.

*Escolher um aluno que inicie a leitura em voz alta da segunda música

* Segunda música: “Jacaré, Urso e Macaco”.

*Diferenciar os bichos que existem ou existiram na região dos bichos que são ficcionais

* Solicitar que os alunos sublinhem a frase que mais se repete na música.

* Questão de análise desta música: questionar os alunos com a seguinte pergunta “O que se quer dizer com a frase Mas a nossa bicharada já não pode viver lá, reclamar pra quem, Seu Zé?”.

* Para sintetizar a aula e a análise das músicas, construir junto com os as respostas das seguintes questões: Quais os elementos do bairro da Armação que são citados nas músicas?Qual sua opinião sobre o uso dos elementos citados acima nas músicas do Boi-de-Mamão da Armação? Qual a mensagem que fica da música do “Jacaré, Urso e Macaco”?

- Apresentar a atividade de pesquisa.

* Será entregue para os alunos a atividade de pesquisa. (Anexo V)

* Explicar ponto por ponto da atividade.

MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS:

- Lousa e Giz.

-Músicas transcritas.

BIBLIOGRAFIA:

<http://boidemamaeobmarmacao.blogspot.com.br>

SILVA, Jaqueline Ribas da. **A música como recurso didático e o processo de aprendizagem em história.** VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, Uberlândia - UFF, 2009.

TONI. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

PEREIRA, Roseli. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

FELIPE, Altair. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, Nov./2011.

ESCOLA BÁSICA DILMA LÚCIA DOS SANTOS
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI
PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA E LETÍCIA GONDIM

Atividade I

Nas aulas anteriores, conhecemos um pouco da história do Boi- de- Mamão da Armação. Na atividade II construímos uma lista de semelhanças e diferenças entre o Boi- de- Mamão com o do vídeo apresentado na primeira aula, agora o nosso trabalho é analisar duas músicas cantadas na apresentação do Boi- de- Mamão da Armação. Escute atentamente as instruções para esta atividade! Para interpretar as músicas, vamos sublinhar alguns trechos com lápis coloridos.

Maricota

*Tava na beira do rio
Torrando minhas pipocas
Ai, ai, ai, ai
E lá de dentro saiu
Uma baita Maricota
Ai, ai, ai, ai
Olha a Dona Maricota
Ei cota, ei cota, ei cota
Vai entrando no salão
Vai arretirando o povo
Vai mostrando animação
Olha a Dona Maricota
Ela é moça bonita
Bonita da Armação
Ela tem namorado
E não qué que diga não
Olha a Dona Maricota
Ela come peixe assado
Peixe assado com pirão
Com molhinho de limão
Ela é uma rapariga
Rapariga da Armação
Vai trazendo alegria
Para o meio do salão
Olha a Dona Maricota
Tá chegando a tua hora
De ir embora, ai sem demora
Meia lua dentro
Meia lua fora
Tá chegando a hora
De ir embora*

Jacaré, Urso e Macaco

*Na Lagoa do Peri,
Tinha muito Jacaré,
Homem veio e matou*

Reclamar pra quem, Seu Zé

*Aí e nosso amigo Urso
Que na Brincadeira entrou
E já trouxe a alegria*

E o Povo se mostrou

*E o amigo Macaco
Que no Peri já habitou
Veio brincar com a gente*

E a gente se alegrou

*Pra Lagoa do Peri
Ai, eu agora vou pra lá
Mas a nossa bicharada*

*Já não pode viver lá
Reclamar pra quem, Seu Zé*

Depois de interpretarmos essas músicas, vamos refletir sobre as seguintes questões:

1. Quais os elementos do bairro da Armação que são citados nas músicas
2. Qual a sua opinião sobre o uso de elementos relacionados com o bairro da Armação nas músicas do Boi-de-Mamão?
3. A música do “Jacaré, Urso e Macaco” nos auxilia a refletir sobre o meio ambiente. Faça um resumo do que discutimos sobre esse assunto ao interpretarmos essa música.

PLANO DE AULA N. 5 E 6

DURAÇÃO: 90 min.

TEMA: Patrimônio Cultural Material e Imaterial

CONTEÚDOS:

- Diversas definições ao longo do tempo para a palavra patrimônio.
- A preservação e a valorização da História através do patrimônio.
- Patrimônio Cultural Material e Imaterial.
- O Estado e suas políticas de preservação.
- Análise de fotografias.
- Apresentar outras duas manifestações culturais no Brasil que tem o Boi como principal personagem.

OBJETIVOS:

- Compreender os diferentes significados da palavra patrimônio.
- Problematizar as práticas do Estado para selecionar, manter e preservar os bens considerados como patrimônio.
- Diferenciar os conceitos de Patrimônio Cultural Material e Imaterial.
- Reconhecer nas fotografias analisadas o Patrimônio Cultural Material e Imaterial.
- Identificar as principais celebrações ao Boi pelo Brasil.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS:

- Leitura do texto didático.
- * Entregar aos alunos o texto didático “O Patrimônio Histórico Cultural”. (Anexo VI)
- * Escolher um aluno(a) para iniciar a leitura em voz alta.
- * A cada fim de parágrafo, será feita a explicação do conteúdo.
- * Uso do quadro para anotar palavras-chave.

*Após a leitura, iniciar perguntando oralmente se eles sabem que existem outras manifestações parecidas com o Boi- de- Mamão fora de Santa Catarina.

- Apresentação de mapa e imagens no Datashow.

*Introduzir o tema das principais manifestações culturais no Brasil que tem o boi como principal personagem.

* Utilizar o Datashow.

* Apresentar slides (Anexo VII) com mapa do Brasil que contém marcado duas outras manifestações culturais fora do estado.

* 1º slide: apresentar o Boi- Bumbá no Amazonas.

* 2º slide: apresentar o Bumba- Meu- Boi no Maranhão.

* 3º slide: explicar que este é tombado como Patrimônio Cultural do Brasil.

MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS:

- Quadro e Giz.

-Texto Didático “O Patrimônio Histórico Cultural”.

-Datashow.

BIBLIOGRAFIA:

DELGADO, Andréa Ferreira. OLIVEIRA, Ilse Leone Borges Chaves de. **Educação patrimonial como experiência interdisciplinar:** patrimônio e memória na Cidade de Goiás. Revista Solta a Voz, v. 19, n. 2.

CARLAN, Cláudio Umpierre. FUNARI, Pedro Paulo A.. **Patrimônio e colecionismo:** algumas considerações. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO Vol. 1, N°1, ano 2010.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Patrimônio Histórico e Cultural - Um Novo Campo de Ação para os Professores. SEE-MG - **Educação Patrimonial:** reflexos e contribuições para a Educação Patrimonial, Coleção Lições de Minas, v. 23.

FILHO, Nelson Quadros Vieira. Patrimônio e Turismo. SEE-MG - **Educação Patrimonial:** reflexos e contribuições para a Educação Patrimonial, Coleção Lições de Minas, v. 23.

<http://www.sescsp.org.br>

KÖHLER, André Fontan. Antesquecaia!: **Patrimônio histórico e turismo em Igarassu, Pernambuco**. São Paulo, 2005. Dissertação. Fundação Getúlio Vargas.

FALCÃO, Joaquim. **Patrimônio Imaterial**: um sistema sustentável de produção. Da Cultura, ano I, Nº 2, JUL/DEZ 2001.

<http://www.alquimidia.org>

<http://www.unesco.org/>

<http://boibumba.com/>

<http://bumba-meu-boi.info/>

<http://portal.iphan.gov.br/>

ESCOLA BÁSICA DILMA LÚCIA DOS SANTOS
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI
PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA E LETÍCIA GONDIM

O Patrimônio Histórico Cultural

Você sabe o que é Patrimônio?

Patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que significava, entre os antigos romanos, tudo o que era de propriedade do pai, pater ou pater familias, pai de família. A família envolvia tudo que estava sob domínio do senhor, até mesmo a mulher e os filhos, os escravos, os bens imóveis e móveis, incluindo os animais. Isso tudo era o *patrimonium*, tudo que podia ser deixado por testamento para os herdeiros.

As palavras com o tempo adquirem outros significados. A definição do que é patrimônio também sofreu alterações ao longo do tempo. Além disso, as palavras que acompanham também ajudam a dar outros significados para a definição de patrimônio. No campo cultural, utilizam-se as palavras “Patrimônio Cultural Material”, “Patrimônio Cultural Imaterial”, cada uma com seu sentido. Você já ouviu falar em Patrimônio Cultural Material e Imaterial?

No século XVIII, pós a Revolução Francesa, a palavra “patrimônio” passou a ser utilizada para nomear o conjunto de bens de valor cultural protegidos legalmente pelo Estado que, em nome do interesse público, devia zelar para que fossem cultuados, preservados e passados para gerações futuras. Um órgão público, ou seja, do Estado ficava responsável por indicar os bens que eram considerados como patrimônio por representar a nação, atribuindo significados para eles. Com isso, esses bens passavam a ser considerados como propriedade de todos os cidadãos.

Podemos, então, pensar sobre a história do patrimônio cultural como a história das práticas do Estado, ao longo do tempo, no esforço de preservar e valorizar a história nacional por meio dos seus registros, monumentos, construções, tradições e forma de organização social. Essa ação de valorização e preservação da própria obra humana se dá principalmente com relação ao passado, mas está ligada a uma preocupação do tempo presente em pensar o futuro. Afinal, preserva-se os bens culturais considerados patrimônio pensando no futuro.

O reconhecimento oficial desse valor se faz pelo **tombamento**, ou seja, por um processo que culmina na inscrição do bem em um (ou em mais de um) dos quatro “Livros de Tombo”: “Arqueológico, etnológico e paisagístico”; “Histórico”; “das Belas-artes” e “das Artes aplicadas”. Com o tombamento, esse bem deve ser preservado e protegido de qualquer dano ou destruição, para ser apreciado no presente e no futuro.

O que é tombamento?
O tombamento é um conjunto de ações realizadas pelo poder público (em nível) para preservar, por meio de legislação específica, bens culturais de valor histórico, cultural, arquitetônicos e ambiental, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. É importante lembrar que somente o Patrimônio Material é que pode ser tombado.

Em 1937, foi criada no Brasil a primeira instituição destinada à preservação do patrimônio: o Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN). Com isso, o Estado brasileiro assumiu, em nome do interesse público, as tarefas de escolher os bens que simbolizam a nação e de exercer a proteção desses bens, que passam a ser propriedade dos cidadãos e devem ser preservados e passados para as gerações futuras. A ênfase exclusiva foi no patrimônio material que representava a elite branca e católica, excluindo os artefatos produzidos pelas classes populares e a heranças das etnias africanas e nativas.

Desse momento em diante, a ação de preservação realizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional não parou. O tema da preservação do patrimônio nacional continua em cena. Porém, ao longo do tempo, as ideias sobre o patrimônio foram sofrendo modificações e, por isso, temos diferentes fases de atuação do IPHAN.

Atualmente, como compreendemos o Patrimônio?

São várias as classificações possíveis para facilitar o entendimento sobre o que é Patrimônio Cultural, a primeira delas está diretamente relacionada à ampliação do conceito de patrimônio.

O que é Patrimônio Cultural Material?

Segundo o site da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) o Patrimônio Cultural Material, compreende em reconhecer a importância de cidades históricas, monumentos, locais de natureza exuberante, entre outros, e principalmente protege-los.

E o Imaterial?

O Patrimônio Cultural Imaterial compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.

Patrimônio Cultural envolve muito mais do que bens materiais, pois refere-se também à passagem do homem pelo mundo: na sua

forma de produzir, de se relacionar, de construir e destruir, de interpretar o que está à sua volta. Essas ações se dão coletivamente, estão relacionadas não apenas ao homem individualmente, mas aos homens inseridos no tempo em determinado espaço.

Atualmente, são consideradas como Patrimônio Cultural a diversidade das manifestações, **materiais** ou **imateriais**.

A Constituição brasileira estabelece que é função da União, do Estado e dos Municípios, com apoio das comunidades, preservar os bens culturais e naturais brasileiros. A Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, estabelece que o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens de natureza material e imaterial, incluídos aí os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira.

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer;

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) é denominado atualmente de

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Esse órgão federal é responsável pelas diretrizes das políticas de preservação Patrimônio histórico e artístico brasileiro.

Desde então, para fazer parte do patrimônio nacional, os bens seguem uma trajetória:

especialistas constroem um estudo detalhado sobre esse bem para justificar seu valor e a importância de conservação.

*Os Patrimônios Imateriais são agrupados por categoria e registrados em livros, classificados em: **Livro de Registro dos Saberes**, para os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; **Livro de Registro de Celebrações**, para os rituais e festas que marcam vivência coletiva, religiosidade, entretenimento e outras práticas da vida social; **Livro de Registros das Formas de Expressão**, para as manifestações artísticas em geral; e **Livro de Registro dos Lugares**, para mercados, feiras, santuários, praças onde são concentradas ou reproduzidas práticas culturais coletivas.*

celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas.

O inventário consiste em uma das primeiras formas para o reconhecimento da importância dos bens culturais e ambientais, por meio do registro de suas características principais.

O Plano Diretor de cada município também pode constituir formas de preservação do patrimônio. Cada município deve planejar e promover o desenvolvimento das cidades sem a destruição do patrimônio. Podem, ainda, criar leis específicas que estabelecem incentivos à preservação.

O tombamento e o **registro** dos bens culturais, além de ser realizada pelo órgão federal, também pode ser feito pelo Governo Estadual, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado; ou pelas administrações municipais. Em Santa Catarina, os órgãos que administram o patrimônio cultural do estado são: Diretoria de Patrimônio Cultural, Gerência de Preservação do Patrimônio Cultural, Gerência de Pesquisa e Tombamento, Fundação Catarinense de Cultura e o Ministério Público.

Com toda essa explicação agora podemos entender os diferentes significados da palavra Patrimônio. E que ele não está ligado apenas a objetos

e monumentos - patrimônio material, mas também a hábitos culinários de determinada comunidade, suas festas, suas formas específicas de organização social, e assim por diante, que constituem o patrimônio Imaterial.

Recordando as aulas anteriores, vimos que o Boi-de-Mamão é uma prática muito comum em Florianópolis, também conhecemos melhor a história do Boi-de-Mamão da Armação.

Mas será que é comum somente em nossa cidade esse culto ao boi?

Agora já sabemos o que é patrimônio cultural material e imaterial podemos ampliar nosso horizonte e conhecer ou traçar duas manifestações culturais em dois estados diferentes do Brasil, que também tem como seu principal personagem, o boi. Na qual uma delas é tombada pelo IPHAN como patrimônio cultural do Brasil.

PLANO DE AULA 7

DURAÇÃO: 45 min.

TEMA: Patrimônio Cultural Material e Imaterial.

CONTEÚDOS:

- Análise de fotografias que representam bens culturais da Ilha de Santa Catarina.
- Apresentação de exemplos de Patrimônio Cultural Material e Patrimônio Cultural Imaterial.

OBJETIVOS:

- Recuperar e organizar os conhecimentos acerca das definições de Patrimônio.
- Identificar nas fotos apresentadas qual o tipo de Patrimônio Cultural.
- Despertar a consciência da importância da preservação da cultura popular.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS:

- Finalização do conteúdo da aula anterior.
- * Caso não tenha terminado a explicação da aula anterior, finalizar nos primeiros momentos desta aula.
- * Anunciar para os alunos que será feito um exercício em conjunto e oral, para identificar os diferentes tipos de Patrimônio Cultural.

- Análise de fotografias
- * Uso do Datashow para apresentar slides com fotografias que representam bens culturais. (Anexo VIII)
- * Cada slide contém imagens de Florianópolis para que seja reconhecido as várias definições de Patrimônio Cultural.
- * Importante lembrar que nem tudo que será apresentado foi tombado ou registrado. Também deve ser ressaltado que essas manifestações culturais ocorrem em muitos outros lugares da Ilha, além do registrado nos referências.
- * Dividir o quadro para que de uma lado possa ficar Patrimônio Material e o outro lado Patrimônio Imaterial.

- * 1º slide: Foto nº 1 de um senhor sentado fazendo sua tarrafa na Lagoa da Conceição.
- * 2º slide: Foto nº2 um prato de Ostras no bairro do Sambaqui.
- * 3º slide: Foto nº3 Procissão do Nosso Senhor dos Passos no centro de Florianópolis. Lembrar que é registrada como Patrimônio Imaterial pelo Estado.
- * 4º slide: Foto de nº4 rendeira no bairro de Jurerê Internacional.
- * 5º slide: Foto de nº5 praia da Armação.
- * 6º slide: Foto de nº6 Igreja do Ribeirão da Ilha. Lembrar que é tombada pelos decreto municipal e estadual.
- * 7º slide: Fotos das principais fortalezas, de Anhatomirim, de Ratonés e São José da Ponta Grossa. Lembrar que é tombada pelo IPHAN como Patrimônio Cultural Nacional.
- * Uso do quadro para anotar palavras-chave de cada fotografia.

MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS:

- Quadro e Giz.
- Datashow.

BIBLIOGRAFIA:

DELGADO, Andréa Ferreira. OLIVEIRA, Ilse Leone Borges Chaves de. **Educação patrimonial como experiência interdisciplinar:** patrimônio e memória na Cidade de Goiás. Revista Solta a Voz, v. 19, n. 2.

CARLAN, Cláudio Umpierre. FUNARI, Pedro Paulo A.. **Patrimônio e colecionismo:** algumas considerações. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO Vol. 1, Nº1, ano 2010.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Patrimônio Histórico e Cultural - **Um Novo Campo de Ação para os Professores.** SEE-MG - Educação Patrimonial: reflexos e contribuições para a Educação Patrimonial, Coleção Lições de Minas, v. 23.

FILHO, Nelson Quadros Vieira. **Patrimônio e Turismo.** SEE-MG - Educação Patrimonial: reflexos e contribuições para a Educação Patrimonial, Coleção Lições de Minas, v. 23.

KÖHLER, André Fontan. **Antes que caia!** : Patrimônio histórico e turismo em Igarassu, Pernambuco. São Paulo, 2005. Dissertação. Fundação Getúlio Vargas.
 FALCÃO, Joaquim. **Patrimônio Imaterial:** um sistema sustentável de produção. Da Cultura, ano I, Nº 2, JUL/DEZ 2001.
<http://www.alquimidia.org>

<http://www.unesco.org/>

<http://boibumba.com/>

<http://bumba-meu-boi.info/>

<http://portal.iphan.gov.br/>

<http://www.fortalezas.ufsc.br/>

PLANO DE AULA 8 e 9

Duração: 90min.

Tema: Introdução sobre escravidão em Nossa Senhora do Desterro.

Conteúdos:

- Localização espaço-temporal de Desterro e introdução do tema “presença africana”.
- Fundação de Desterro.
- Diferentes fases da presença dos africanos e afrodescendentes em Desterro.

Objetivo:

- Identificar a presença escrava em Desterro.
- Conhecer as diferentes fases da escravidão em Desterro.
- Realizar trabalho de localização espaço-temporal com relação a Desterro e a presença negra em Desterro.

Metodologia e Estratégias didáticas:

- Entrega de material didático.

* Será entregue para os alunos o material didático que auxilie na apresentação dos temas. (Anexo IX)

* O material didático será composto por um conjunto de recursos didáticos: 01) mapa de Florianópolis e seus distritos; 02) box sobre a Vila de Desterro e suas freguesias; 03) Freguesia Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão; 04) linha do tempo; 05) tabela de registro de escravidão negra em Desterro; 06) box sobre as armações baleeiras; 07) o cacumbi.

* Todos os itens serão numerados para orientar o uso dos recursos durante o desenvolvimento da aula

- Analisar mapa de Florianópolis atual e fazer trabalho de intervenção, marcando as freguesias da vila de Desterro.

* Pela dificuldade de encontrar um mapa correspondente ao período estudado, optamos por utilizar um mapa atual de Florianópolis, com a representação dos distritos.

* Ressaltar que o mapa é um mapa transformado por meio do acréscimo de informações históricas. Ou seja, é um mapa do período atual que será utilizado para registrar informações históricas.

* Será entregue para cada aluno uma cópia do mapa para que seja iniciada a atividade.

* O mapa também será projetado para auxiliar na explicação.

* O exercício com o mapa será o de localizar as freguesias da Vila de Desterro no mapa que representa os atuais distritos da cidade.

* Serão disponibilizadas várias cores de lápis de cor para que os alunos pintem onde estava localizada cada freguesia.

- Apresentar linha do tempo.

* Por meio de slide, projetar uma linha do tempo (que também será entregue para os alunos no material didático) para que norteie toda a aula.

* Os marcos da linha do tempo serão os seguintes: fundação da Vila de Desterro; vinda dos açorianos; marcos da presença de escravos africanos e afrodescendentes, pontuando as diferentes fases em Desterro; organização da Armação baleeira no local onde hoje é o bairro da Armação; Independência do Brasil e abolição da escravatura.

* Seguindo a linha do tempo, o primeiro tema será a fundação da Vila de Desterro.

* Será introduzido o tema oralmente, junto com o auxílio do mapa que será entregue para os alunos.

* Após reconhecimento no mapa e explicação sobre Desterro, suas freguesias e a freguesia onde estava localizado o bairro da Armação introduzir o tema de escravidão em Desterro.

- Iniciar com a primeira fase de registro de escravidão em Desterro.

Materiais e Recursos didáticos:

- Quadro e Giz.

- Datashow.

- Mapa.

- Material Didático.

Bibliografia:

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Os Espanhóis Conquistam a Ilha de Santa Catarina 1777**. Florianópolis: Editora UFSC, 2004.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. VIDAL, Joseane Zimmermann (Orgs.). **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. (Livro ainda não publicado).

FRAGOSO, João (org). **Nas rotas do Império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português**. Lisboa: Edufes, 2006.

ALVES, Jucélia. LIMA, Rose Mary de. ALBUQUERQUE, Cleidi (Orgs.). **Cacumbi: um aspecto da cultura negra em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1990.

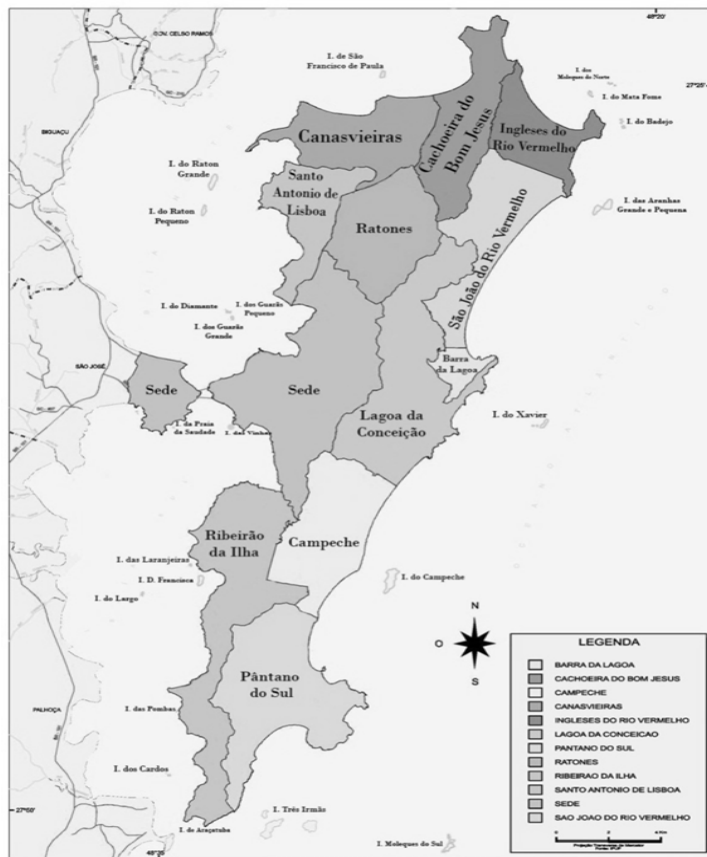
SOUZA, Patrícia Teixeira. **Cacumbi, Catumbi, Quicumbi, Ticumbi: uma análise dos elementos teatrais contidos nesta manifestação afro-brasileira de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Cênicas – UDESC, Florianópolis, 2006.

<http://www.zumblick.com.br/>

ESCOLA BÁSICA DILMA LÚCIA DOS SANTOS
 DISCIPLINA: HISTÓRIA
 PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI
 PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA E LETÍCIA GONDIM

Nas próximas aulas vamos navegar por alguns momentos da história de Florianópolis, para isso vamos usar os seguintes materiais:

01. Mapa dos Distritos Administrativos de Florianópolis:

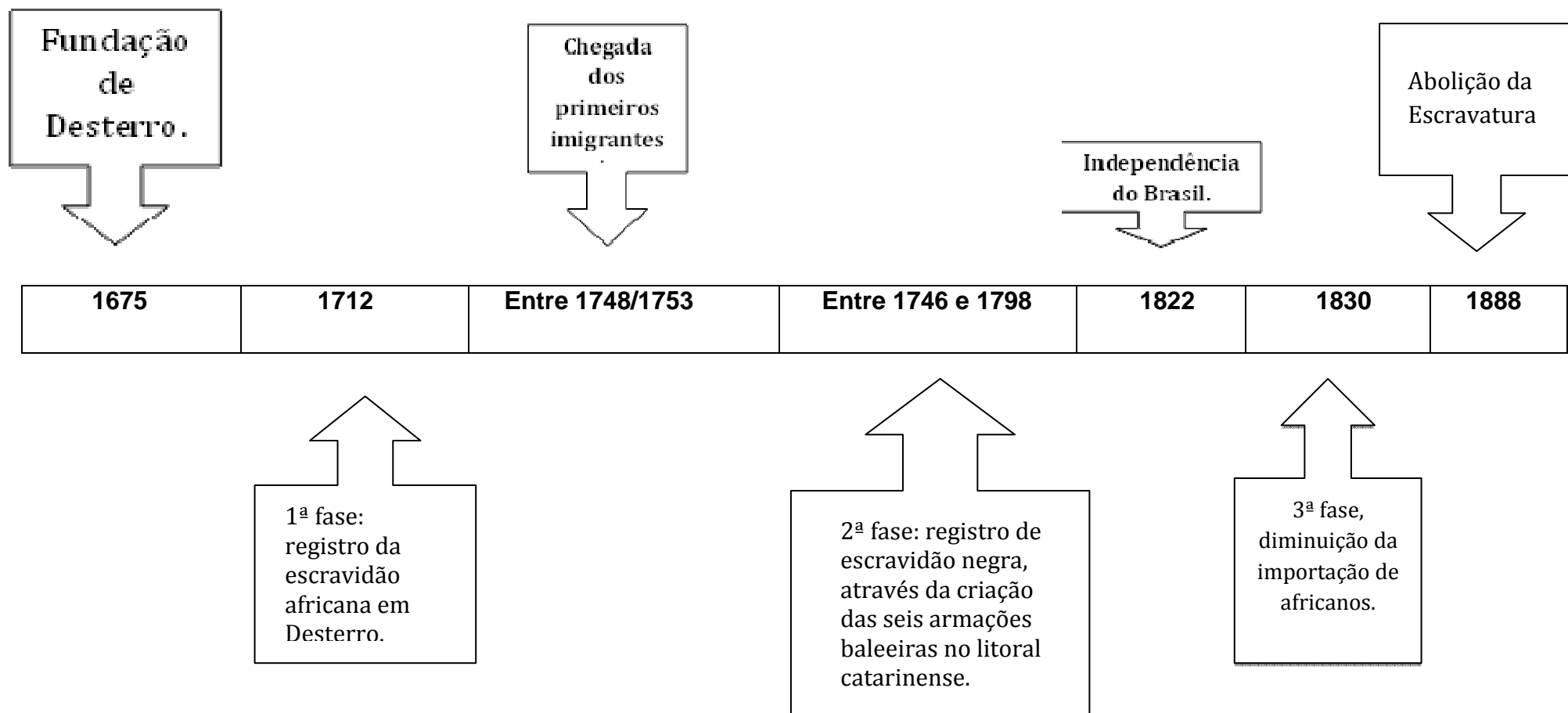


- Legenda das Freguesias
- Nossa Senhora do Desterro
 - Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio
 - Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão
 - Nossa Senhora da Conceição da Lagoa
 - São João Batista do Rio Vermelho
 - Nossa Senhora da Santíssima Trindade de trás do Morro
 - São Francisco de Paula de Canasvieiras
 - São Sebastião da Praia de Fora

03. Você sabia que antes da Armação ser um bairro, ela fazia parte da Freguesia Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão? A Freguesia do Ribeirão no século XIX compreendia a parte sul da Ilha com localidades que se dividiam entre: Caiera, Caia-Canga, Costeira e Costeira da Freguesia, Fazenda, Freguesia, Morro das Pedras, Armação da Lagoinha, Ribeirão e Pântano do Sul.

04. Linha do Tempo

Vamos navegar pela história através de uma linha do tempo. Nela há informações muito importantes para as próximas aulas.



05. Afinal, havia escravidão em Desterro e no litoral de Santa Catarina?

Sim! Na primeira fase de ocupação da Ilha de Santa Catarina e do litoral adjacente, nos séculos XVII e XVIII, havia escravos indígenas e de origem africana! Os portugueses instalaram-se dependendo do apoio de índios aldeados, e poucos escravos africanos, para reconhecer e explorar o potencial do território.

A segunda fase de chegada de africanos no litoral de Santa Catarina é na segunda metade do século XVIII. Isso porque, desde o começo do século XVIII, o litoral catarinense começou a produzir em grande quantidade óleo de baleia. Entre 1746 e 1798, foram fundadas seis armações baleeiras no litoral catarinense.

O período de grande afluxo de escravos para a Ilha de Santa Catarina, entre as duas últimas décadas do século XVIII e as duas primeiras do XIX coincide com a inserção no mercado colonial de alimentos, quando as lavouras catarinenses passaram a ofertar diversos produtos para ajudar a suprir as demandas das áreas do Centro-Sul e Nordeste. O principal produto produzido e exportado pelos ilhéus era, sem dúvida, a farinha de mandioca.

A terceira fase inicia-se por volta de 1830, com o início de uma política imperial de colonização por europeus e a diminuição da importação de africanos.

06. Mas, o que eram as armações baleeiras?

As armações baleeiras eram instalações litorâneas voltadas para a caça ou pesca de baleias. A complexidade das instalações e o número de escravos tornavam as armações comparáveis aos engenhos de açúcar. Décadas depois do descobrimento do Brasil, a Coroa portuguesa já tinha conhecimento da enorme quantidade de baleias nas praias da costa brasileira. No entanto, no litoral catarinense, a Coroa autorizou a caça à baleia somente na segunda metade do século XVIII. Pescavam-se as baleias, principalmente, para a produção de óleo, que era destinado para iluminação, lubrificação e fabricação de argamassa para construções.

No ano de 1772 foi construído o núcleo de pesca da baleia na Armação de Sant'Ana de Lagoinha ou das Lagoinhas na parte leste da ilha. Juntamente com a Armação foi erguida uma capela em devoção a Sant'Anna. Esta Armação era composta por casa dos tanques, engenho de azeite, casa-grande, armazém, senzalas, capela, companhas dos baleeiros e engenho de farinha. A armação contava com alguns trabalhadores livres e com dezenas de escravos, que desempenhavam as funções da caça e do beneficiamento da baleia,

07. O Cacumbi

Como já sabemos o Boi-de-Mamão fazia parte tradicionalmente do ciclo de festas populares de Natal no litoral catarinense, que se estendiam até as vésperas do Carnaval. Esse ciclo de festas era composto, além do Boi-de-Mamão, pelo Terno de Reis, e os Cacumbis. O nome de Cacumbi era dado pelos próprios negros, que pelo desconhecimento das autoridades representavam as coroações por festas e batuques. O Cacumbi representa simbolicamente uma dança guerreira entre nações negras, a dos reis do Congo e dos reis Bamba, do reinado africano. Porém no passado registrava a presença de um cortejo com um rei acompanhado de uma rainha, com objetivo também de homenagear com trovas e procissões Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Na coreografia, a composição era feita por duas alas de homens vestidos de marinheiros e uma mulher que carregava a bandeira. Sempre preservando em suas cantigas termos africanos, que no passado serviam como estratégia de comunicação entre os negros africanos e uma maneira de preservar suas crenças trazidas da África.

No século XX, em Florianópolis, a prática do cacumbi fica mais evidente com o “Cacumbi do Capitão Amaro”, que foi constituído em torno do seu “capitão” que se chamava Amaro. O cacumbi representava uma manifestação desta população de negros que se localizavam no Morro da Caixa. Porém, em Florianópolis, por falta do apoio da Igreja, este grupo resistiu com a dança até a década de 1950. Somente na década de 1970, com o apoio do folclorista Doralécio Soares, ele volta a se apresentar, agora como um grupo “folclórico” presente nos festivais, em troca de pagamento para preservar o grupo.

FONTE: SILVA, Jaime José Santos Silva. Danças, tambores e festejos: aspectos da cultura popular negra em Florianópolis do final do século XIX ao século XX.



Dançando o Cacumbi-Festa do Cacumbi em Itapocu-Óleo sobre tela- Willy Alfredo Zumblick

Uma cantiga do Cacumbi

*Ó sinhô, sinhô, sinhô capitão
Quede o dinheiro da nossa ração
O CAPITÃO
Já que tu não soubeste
Pra que na me dão
A metade do queijo
Fatia de pão
Vai timbora 'sordadi'
Não me venha atentar
O que pode essa espada
Disfarce do corte
Eu ti tiro o pescoço
No primeiro corte
Não tenho dinheiro
Não tenho mais nada
Tenho a ponta da minha espada
Vai embora sordado
Com essa espada
Não se pode brinca
Sinhô dono da casa
Me dê um tostão
Pra faze pagamento
Pro meu batalhão*

FONTE: ALVES, Jucelia Maria. Cacumbi: um aspecto da cultura negra em Santa Catarina

PLANO DE AULA 10

Duração: 45 min.

Tema: Escravidão em Desterro.

Conteúdos:

- Diferentes fases da escravidão em Desterro.
- Apresentação do Cacumbi como uma prática cultural de origem africana.

Objetivo:

- Conhecer as diferentes fases da escravidão em Desterro.
- Apresentar o Cacumbi e relacionar como uma prática africana cultural de origem africana, que ainda ocorre no presente.
- Refletir a cerca do Cacumbi como produto de uma seleção cultural.

Metodologia e Estratégias didáticas:

- Apresentar linha do tempo.
- * Começar a aula projetando novamente a linha do tempo.
- * Retomar o material didático da aula anterior para continuar o trabalho.
- * Iniciar lembrando com os alunos o que foi estudado na aula anterior.
- * Esta aula deve contemplar finalização do conteúdo das diferentes fases da presença da escravidão negra em Desterro.
- * Logo após, apresentar o Cacumbi e relacionar com as aulas anteriores sobre Patrimônio Cultural e sua seleção e preservação.

Materiais e Recursos didáticos:

- Quadro e Giz.
- Datashow.
- Material didático

Bibliografia:

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. VIDAL, Joseane Zimmermann (Orgs.). **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina.** (Livro ainda não publicado).

FRAGOSO, João (org). **Nas rotas do Império:** eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. Lisboa: Edufes, 2006.

ALVES, Jucélia. LIMA, Rose Mary de. ALBUQUERQUE, Cleidi (Orgs.). **Cacumbi:** um aspecto da cultura negra em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1990.

SOUZA, Patrícia Teixeira. **Cacumbi, Catumbi, Quicumbi, Ticumbi:** uma análise dos elementos teatrais contidos nesta manifestação afro-brasileira de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Cênicas – UDESC, Florianópolis, 2006.

PLANO DE AULA N. 11 E 12

TEMA: Festas em Desterro no século XIX.

DURAÇÃO: 90 minutos.

CONTEÚDO:

- Festas e seus significados sociais.
- Festas no Brasil e em Desterro no século XIX.

OBJETIVOS:

- Compreender que festas são fatos políticos e sociais, que tem muito a informar sobre a sociedade.
- Perceber que eram celebradas festas em Desterro durante o século XIX, através da litografia do relato de Tilesius.
- Analisar documento iconográfico.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS:

(No início da aula, os alunos deverão entregar as entrevistas relativas à pesquisa sobre as diferentes visões do Boi-de-Mamão)

- Análise de fotografias

- * Iniciar a aula exibindo três imagens (Anexo I) para introduzir a reflexão sobre festas enquanto um fato social e político.
- * A seqüência da exibição das imagens fotográficas será: casamento; aniversário de criança; velório.
- * Quando cada imagem for projetada será questionado: 1º) O que se comemora nessa imagem? 2º) Que elementos presentes nessa imagem nos permite saber que se trata de um casamento/aniversário/velório? Neste momento, a atividade de observação das fotografias será feita oralmente.
- * Estabelecer oralmente junto com os aluno os títulos nas fotografias, sintetizando as conclusões sobre os elementos de cada uma das celebrações.
- * Depois que foi feita essa análise, explicar que festas são fatos políticos e sociais; que podem nos dizer muito sobre a sociedade que vivemos; que, por essa razão,

as festas são objetos de estudos de historiadores; que diferentes festas exigem posturas diferentes (vestuário, música, o que se celebra, comportamento corporal) e por isso têm diferentes significados; que, apesar de ser um local de descontração e diversão (com exceção no velório, na nossa cultura), as festas possuem normas que devem ser seguidas.

- **Análise de documento iconográfico**

* Depois que essas reflexões foram consideradas, será exibida a litografia do relato de Tilesius.

* Os alunos deverão observar a litografia, enquanto o texto didático sobre relatos de viajantes europeus e os tópicos de análise da litografia (Anexo II) é distribuído.

* Leitura do texto didático sobre viajantes, para introduzir a análise e contextualizar a imagem.

* Depois que o texto foi explorado, será iniciada a análise da litografia, oralmente junto com os estudantes. Tendo como base a Ficha de Análise (Anexo II).

*Ao final da análise, os estudantes devem iniciar a atividade de descrição de uma festa em que participaram (Anexo III).

RECURSOS E MATERIAL DIDÁTICOS:

- Datashow.

- Quadro e giz.

- Texto didático “Relato de Viajantes europeus e as festas de africanos em Desterro do século XIX”.

BIBLIOGRAFIA:

DELGADO, Andrea. CAUME, David J. Imagens do cerrado: o olhar dos viajantes europeus no século XIX. In: **Fragmentos de cultura**. Goiânia: Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás. 1999. Mar. Abr. v.9 n.2.

FURTADO, Junia Ferreira. O mundo como espetáculo. In: _____. **Cultura e Sociedade no Brasil colônia**. São Paulo: Atual, 2000.

LARA, Silvia Hunold. Prefácio. In: SELA, Eneida Maria Mercadante. **Modos de ser, modos de ver: viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

SILVA, Jaime José. Entre as diversões e as proibições: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz (org.) **História diversa**: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Livro ainda não publicado.

FESTAS E CELEBRAÇÕES: FATOS POLÍTICOS E SOCIAIS

Imagens retiradas do “Google Imagens” (As imagens serão ampliadas)

Título da Imagem: Casamento.



Título da Imagem: Festa de aniversário de uma criança.



Título da imagem: celebração da morte – um ritual.



ESCOLA BÁSICA DILMA LÚCIA DOS SANTOS
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI
PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA E LETÍCIA GONDIM

OS RELATOS DE VIAJANTES EUROPEUS E AS FESTAS DE AFRICANOS EM DESTERRO

A imagem que está sendo exibida no retroprojetor trata-se de uma **litografia***, que está presente no registro de um viajante europeu chamando Tilesius, que passou por Desterro no final do ano de 1803, e encontrou a pacata vila em um momento de festividade. Viajante europeu no século XIX? Em Desterro? Como assim?!

Pois bem, desde que os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500, muitos viajantes europeus percorreram o território brasileiro. Os motivos dessas viagens eram variados: alguns estavam à procura de riquezas, outros de novos conhecimentos. Esses viajantes europeus deixaram registradas suas impressões sobre o Brasil, através de cartas, relatórios, livros e pinturas. Todos esses registros são analisados pelos historiadores, porque podem nos ajudar a compreender o Brasil naqueles séculos.

Os europeus que relataram o que viam no Brasil tinham como referência a sua cultura, ou seja, a cultura europeia. No entanto, o que encontraram aqui no Brasil era muito diferente do que era conhecido na Europa. Seja a fauna e a flora, seja os modos de vida dos homens e das mulheres, tudo era diferente. Por essa razão, quando estudamos um relato de viajantes é preciso estar consciente de que eles, geralmente, possuíam uma visão bastante preconceituosa e depreciativa do Brasil e da América. É o que chamamos de visão “eurocêntrica”, ou seja, é uma idéia que coloca os interesses e a cultura europeia como sendo as mais importantes, avançadas e superiores do mundo. Essa visão serviu para justificar a dominação cultural, política e econômica de vários povos da América, e também da África.

Mas é preciso lembrar que: não há uma cultura superior a outra, elas são apenas diferentes e devem ser respeitadas como tal!

Em Desterro também passaram vários viajantes europeus, que registraram o cotidiano da cidade. Inclusive sobre as festas que aqui ocorriam. Sim! As pessoas que viviam no período colonial também faziam suas festas. Como vimos no início da aula, as festas são momentos importantes no cotidiano da vida das pessoas e podem nos ajudar a compreender a sociedade em que vivemos. É preciso lembrar que essas festas tinham significados diferentes das festas de hoje.

Agora que já compreendemos em que condições foi produzida essa interessante imagem, juntamente com seus colegas e com a professora-estagiária, analise esse **documento histórico***, seguindo os tópicos da Ficha de Análise.

Boa viagem!

A ***litografia** foi a primeira tecnologia de impressão que permitia que um artista criasse impressões que poderiam competir com uma pintura original em termos de detalhes e variação de cores. A litografia foi popular durante o

século XIX e ainda hoje, ela é praticada por artistas e estúdios de litografia. A ideia básica da litografia é extremamente simples:

1. **O artista desenha/pinta na pedra com uma substância oleosa** - por exemplo, um lápis de litografia é oleoso/maleável. Também há tintas e grafites de litografia. A pedra capta essa substância oleosa e a retém.

2. **A pedra é umedecida com água** - as partes da pedra não protegidas pela tinta oleosa absorvem a água.

3. **A tinta a óleo é espalhada na pedra** - as partes oleosas da pedra captam a tinta, enquanto as partes úmidas não.

4. **Um pedaço de papel é pressionado contra a pedra** - depois a tinta é transferida da pedra para o papel.

Você sabe o que é um ***documento histórico?**

A **HISTÓRIA** escrita pelos historiadores, ou seja, o **CONHECIMENTO HISTÓRICO**, se constrói através da análise e da interpretação de **FONTES**, que são os **DOCUMENTOS HISTÓRICOS**

Os **DOCUMENTOS HISTÓRICOS** são qualquer tipo de produção humana, feita em algum período da história. Ou seja, pode ser uma carta, um decreto de lei, uma obra de arte, um diário, um fóssil, um brinquedo de criança, um jornal, uma entrevista, enfim, tudo que foi produzido por homens e mulheres em determinado período pode ser analisado como um documento histórico pelos historiadores.



Referência: W. G. von TILESIIUS. Uma festa negra na Ilha. In: KRUSENSTERN, Adamm J. von. *Atlas sur Reise um die Wealt unternammen auf Befehl Seiner Kaiserlichem Majestat Alexander der Ernfen auf de Comanmodo*. Acervo particular de Ilmar Correa Neto.

FICHA DE ANÁLISE DO DOCUMENTO HISTÓRICO

6. Observe atentamente a imagem. Descreva detalhadamente essa imagem.
7. Qual é o cenário da imagem? Você consegue identificar em qual espaço da cidade de Desterro as personagens estão?
8. Identifique as personagens da litografia, destacando elementos como:
 - 4) Sexo masculino ou feminino
 - 5) Roupas
 - 6) Cor da pele

9. O que as diferentes personagens estão fazendo? Ou seja, quais são as diferentes ações que estão registradas na imagem?

2. Assim como os viajantes europeus do século XIX, descreva uma festa em que você participou e observou. Imagine que você irá enviar essa descrição para um amigo que mora num país muito distante, e que ele nunca conheceu o Brasil. Por essa razão, a descrição tem que ser bem detalhada, e deve conter os seguintes aspectos:

- Localização da festa
- Quem estava na festa
- Como as pessoas estavam vestidas
- Qual música estava tocando
- Qual o horário de duração da festa
- O que as pessoas conversaram

Atenção: A atividade de descrição de uma festa deverá ser entregue no final da aula!

PLANO DE AULA N. 13

TEMA: Festas de africanos e descendentes no século XIX (I parte).

DURAÇÃO: 45 minutos.

CONTEÚDO:

- As Irmandades;
- As Irmandades em Desterro no século XIX;
- A Coroação de Reis Negros, as festas “honestas”.

OBJETIVOS:

- Compreender que a escravidão ia além da relação com o trabalho: os escravos constituíam lugares de sociabilidade, sendo as Irmandades e as festas uma delas.
- Identificar, no espaço da cidade, onde estavam localizadas algumas das Irmandades de Desterro, no século XIX.
- Relacionar as Irmandades com a questão da estratificação social e étnica presente na sociedade do período.
- Perceber que as festas realizadas dentro das Irmandades eram festas de africanos permitidas na sociedade.
- Identificar quais eram as funções sociais dessas Irmandades e suas relações com as festas.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS:

- Leitura de texto didático sobre as Irmandades em Desterro no século XIX

* Iniciar a aula com a litografia do relato de Tilesius exposta no Datashow, a fim de que os alunos/as recordem a atividade de análise desta mesma imagem, realizada na aula anterior.

* Entregar o texto didático (Anexo I).

* Ler junto com os alunos a primeira parte do texto didático, que tenta relacionar a aula anterior com o assunto a ser trabalhado, ou seja: perceber

que a festa de negros retratada na imagem de Tilesius era realizada dentro da Irmandade do Rosário de homens pretos.

* Essa relação será o ponto de partida para abordar o conteúdo “Irmandades em Desterro”.

* Continuar a leitura do texto didático junto com os alunos, pausando em cada parágrafo. Perguntar se os alunos/as têm alguma questão ou dúvida.

* O desenvolvimento do conteúdo não ficará preso somente ao texto didático, mas este será um suporte da explicação, e deve servir como uma prática de leitura.

- Análise de fotografia

* Depois que o texto didático sobre as Irmandades foi explorado, expor fotografias atuais das Igrejas, uma de cada vez e nessa seqüência: Catedral Metropolitana de Florianópolis; Igreja Nossa Senhora do Parto; Igreja Nossa Senhora do Rosário; e Igreja da Nossa Senhora da Conceição (Anexo II). A atividade é um exercício de reconhecimento do espaço urbano de Florianópolis, por meio das Igrejas onde estavam localizadas as Irmandades.

* Perguntar se os alunos reconhecem e sabem onde estão localizadas essas Igrejas.

*Quando a fotografia de cada Igreja for mostrada, lembrar que nesta determinada Igreja tinha determinada Irmandade, composta por brancos/pretos/crioulos/pardos.

MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS:

- Datashow.

-Quadro e giz.

- Texto didático “Irmandades em Desterro do século XIX e as festas de africanos”.

BIBLIOGRAFIA:

DIAS, Paulo. A outra festa negra. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. Volume II. São Paulo: Editora da USP, 2001, pp. 859 – 888.

FURTADO, Junia Ferreira. O mundo como espetáculo. In: _____. **Cultura e Sociedade no Brasil colônia**. São Paulo: Atual, 2000.

MALAVOTA, Claudia. A Irmandade do Rosário e seus irmãos africanos, pardos e crioulos. In: MAMIGONIAN, Beatriz (org) **História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Livro ainda não publicado.

MAMIGONIAN, Beatriz. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750 – 1850). In: FRAGOSO, João (org) **Nas rotas do Império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português**. Vitória: Edufes, Lisboa, 2006.

SILVA, Jaime José. Entre diversões e proibições: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz (org) **História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Livro ainda não publicado.

SOUZA, Marina de Mello. História, mito e identidade nas festas de reis negros no Brasil. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. Volume I. São Paulo: Editora da USP, 2001, pp. 249 – 260.

ESCOLA MUNICIPAL DILMA LÚCIA DOS SANTOS
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI
PROFESSORAS-ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA
E LETÍCIA GONDIM

Na última aula analisamos a interessante litografia presente no relato do viajante europeu Tilesius. Estão lembrados?

Percebemos, através dessa imagem, que havia festas na nossa cidade durante o século XIX. Mais que isso: algumas festas eram organizadas por africanos e seus descendentes. Ao que tudo indica, a celebração retratada naquela imagem era uma Coroação de Reis Negros, e certamente foi realizada através da **Irmandade** de irmãos “pretos”.

Coroação de Reis realizada por africanos em Desterro?! Irmandade?! Irmãos “pretos”?! O que isso quer dizer? Pois bem, vamos esclarecer essas importantes questões e compreender melhor a história da nossa cidade, fazendo a leitura do texto abaixo!

AS IRMANDADES EM DESTERRO DO SÉCULO XIX E AS FESTAS DE AFRICANOS

Quando andamos pela nossa cidade, nos deparamos com diversas Igrejas Católicas antigas, construídas no século XIX, ou de séculos anteriores. Muitas vezes, encontramos até mais que uma Igreja no mesmo bairro! No centro de Florianópolis, por exemplo, além da Matriz Metropolitana, que foi construída em 1773, temos a Igreja do Rosário, que é do ano de 1830 e a Igreja da Nossa Senhora do Pardo, de 1861.

Com tanta Igreja construída no período colonial, é de se imaginar que, neste momento, a Igreja Católica estava muito presente na vida das pessoas, estabelecendo suas normas e condutas. E é verdade! Era muito comum em todo o Brasil colônia que a população se organizasse em torno das **Irmandades**, que faziam parte da estrutura da Igreja Católica.

Mas, o que eram as Irmandades? Eram congregações – ou confrarias, corporações – que reuniam leigos, ou seja, pessoas da sociedade que eram católicos, mas não faziam parte do clero (não eram padres, freiras, sacerdotes). Cada Irmandade se organizava em torno da devoção a um determinado santo. No Brasil, ao longo dos séculos XVI a XIX, as Irmandades tornaram-se o principal mecanismo da instituição da vida religiosa, porque construíam templos (com doações dos membros das Irmandades), pagavam alguns padres para realizar essas celebrações católicas, tais como missas, casamentos, batismos, etc. Além disso, eram responsáveis pela realização de procissões, que marcavam o calendário da cidade.

Você sabia?

No Brasil do período colonial era costume enterrar os falecidos dentro das Igrejas!

Para que isso acontecesse, era necessário o pertencimento a Irmandade responsável pela construção da Igreja.

Em Desterro, isto era bastante comum até o ano de 1845, quando essa prática passou a ser proibida, e os mortos passaram a ser enterrados em cemitérios municipais. O Cemitério Público de Desterro funcionou entre 1840 até 1920, e estava localizado onde hoje está o Parque da Luz, na cabeceira da Ponte Hercílio Luz, no centro de Florianópolis. A partir de 1920, por causa da construção da Ponte Hercílio Luz, o cemitério foi transferido para o bairro Itacorubi, transformando-se no maior do Estado.

As Irmandades possuíam uma função assistencial em relação aos seus membros: davam comida e bebida aos pobres e doentes, abrigo aos viajantes, visitavam presos e enterravam os mortos. É preciso lembrar que, nesta época, a morte era uma preocupação levada muito a sério entre a população. Acreditava-se que um enterro que não estivesse de acordo com os parâmetros da Igreja Católica poderia levar a alma do falecido para o inferno! Utilizar o caixão, entre outros elementos do ritual fúnebre, como velas e tochas, era algo acessível a poucas pessoas. Mas a participação na Irmandade permitia que os Irmãos, principalmente os mais pobres, tivessem toda a pompa nas cerimônias de morte. Portanto, essa era uma das principais atividades das Irmandades.

Em resumo, as Irmandades tornaram-se, ao longo do período colonial, espécie de associações corporativas, e os seus membros, chamados de “irmãos”, ajudavam-se mutuamente.

Todavia, uma Irmandade não deve ser entendida como se fosse uma instituição de caridade. Com pouquíssimas exceções, como no

Com certeza, como morador de Florianópolis, você já ouviu falar da **Procissão de Jesus dos Passos**, que ocorre nas comemorações da páscoa no centro da cidade. Acredita-se que a primeira celebração teria ocorrido ainda na metade do século XVIII. Pois bem, essa procissão era realizada por uma Irmandade de brancos, “homens bons”, chamada Senhor dos Passos, localizada na capela Menino Jesus, no Hospital de Caridade. Essa Irmandade foi fundada em 1765. E você sabia que essa procissão é registrada como um **Patrimônio Imaterial do estado de Santa Catarina**?

caso de irmãos muito pobres, o suporte dado era também cobrado. Havia anuidades e a “jóia de entrada” - que era uma espécie de taxa para ingressar na Irmandade. Mas, veja só que interessante: umas das principais funções das Irmandades era a compra de alforria para os membros que eram escravos!

As Irmandades refletiam a pluralidade de grupos sociais que existiam na sociedade colonial. Cada grupo

social possuía sua própria Irmandade. Por essa razão, havia Irmandades onde só havia brancos da elite, outras que eram compostas por trabalhadores pobres, e outras por escravos.

Por exemplo, em Desterro havia a Irmandade da Ordem Terceira de São Francisco, fundada em 1745, que estava localizada na Igreja Matriz. Nessa Irmandade só podiam ser membros os “homens bons”, como era chamada a elite branca de Desterro. Isso significa dizer que os negros,

Alguns santos padroeiros eram recorrentes entre as Irmandades de africanos e afrodescendentes. É o caso de São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, Santo Elesbão entre outros. No entanto, a santa que tinha maior prestígio era Nossa Senhora do Rosário.

Apesar de não ser representada como sendo de cor negra, como São Benedito, por exemplo, seu culto foi amplamente difundido entre os *pretos*, *pardos*, e *crioulos* por todo o Brasil. Em Mariana, região de Minas Gerais, somente no século XVIII, havia 22 Irmandades dedicadas ao seu culto, na Bahia foram em torno de 16.



africanos e seus descendentes, não podiam entrar nessa Irmandade, apesar de constituírem uma parte importante da sociedade desterrense.

Isso não quer dizer que os africanos e seus descendentes, escravos ou libertos, não tivessem suas Irmandades. Eles tinham! Das 11 Irmandades que existiam em Desterro, três foram fundadas e regidas por negros. Mas pra você ter uma idéia de como a sociedade colonial era plural, mesmo entre os negros, havia divisões! O fato de um negro ter nascido na África e outro no Brasil, já era motivo para serem vistos de formas diferentes na sociedade. O mesmo ocorria quando um negro conseguia conquistar sua liberdade, e outro que permanecia escravo.

Eles eram divididos entre “pretos”, “pardos” e “crioulos”. Você sabe a diferença entre eles? Esses homens e mulheres tinham em comum apenas a cor da pele, mas dentro da sociedade colonial eram visto de formas distintas.

Os “**pretos**” eram chamados os escravos nascidos na África, ou seja, eram os africanos.

Os “**crioulos**” eram chamados os escravos ou negros forros nascidos no Brasil.

Os “**pardos**” eram chamados os negros libertos ou livres nascido no Brasil.

De maneira geral, todos os “pardos”, eram considerados mais “superiores” na hierarquia social do que os “pretos”.

Ao longo do período colonial, essa classificação entre “pretos”, “pardos” e “crioulos” não permaneceu a mesma. Neste texto, usamos as informações de historiadores que analisaram o senso da população de Santa Catarina, do ano 1820.

As Irmandades são um ótimo exemplo de como essa diferenciação entre “pretos”, “pardos” e “crioulos” existia no Brasil colônia, porque cada um desses grupos tinha suas próprias Irmandades. E isso ocorreu aqui em Desterro!

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1750, era formada na sua maioria por irmãos “pretos”.

A Igreja da Lagoa da Conceição abrigava a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, fundada em 1856, e era composta na sua maioria por irmãos “pardos livres”.

A Igreja da Nossa Senhora do Parto foi construída pela Irmandade de “crioulos”, fundada em 1861.

Está vendo quantas Irmandades havia em Desterro? Isso que somente citei as que tinham membros negros, e a mais antiga Irmandade dos brancos, a de São Francisco. Como já mencionei anteriormente, havia 11 Irmandades na cidade, no século XIX! Podemos perceber com isso que elas tinham um papel importante na sociedade, e praticante toda a população era filiada a uma Irmandade.

Mas além de ter um caráter assistencial, a Irmandades também promoviam eventos sociais, festas e celebrações públicas. O principal evento promovido pela Irmandade de “homens pretos”, a Irmandade do Rosário, era certamente a Coroação de Reis Negros. Você sabe o que era uma Coroação de Reis Negros?

A Coroação de Reis e Rainhas Negros era uma procissão ou um desfile realizada por Irmandades de africanos e afrodescendentes, relacionados com os santos do catolicismo e que reunia elementos das

tradições africanas dos povos de Angola e Congo, atualmente países africanos. Esses desfiles eram animados com muita dança, música e cantoria. No final da cerimônia era realizada a coroação de um Rei. A eleição de “reis” por comunidades de africanos e seus descendentes foi um costume amplamente disseminado no Brasil colonial. Em alguns lugares, como em Minas Gerais, essas festas eram chamadas de Congadas.

Apesar de serem realizadas por escravos, é interessante observar que essas festas eram vistas como algo **positivo** pela sociedade branca, já que os **escravos estavam convertidos ao catolicismo** e realizando a cerimônia associadas às Irmandades. Por essa razão, essas celebrações negras eram, até certo ponto, “permitidas”. No entanto, essa festa criada pelas comunidades negras na sociedade escravista, apesar de adotar padrões e normas católicas, reforçavam laços com a África, continente de origem dos escravos.

Para os africanos e seus descendentes, a festa era um momento de afirmar que eram portadores de cultura e histórias próprias. Já para os senhores e as autoridades, trazia a segurança de que escravos e libertos estavam praticando o cristianismo, ainda que, muitas vezes, com danças e instrumentos característicos da cultura de origem africana. Essas festas de Coroação de Reis Negros, e a devoção a Nossa Senhora do Rosário eram práticas sociais negras comuns em todo o Brasil colônia, e ocorria em diversas regiões da América Portuguesa.

Agora sim! Depois desse texto, conseguimos compreender melhor o primeiro parágrafo dessa atividade de leitura: ao que tudo indica, a celebração retratada na litografia de Tilesius, analisada na última aula, era uma **Coroação de Reis Negros**, e possivelmente foi realizada através da **Irmandade de irmãos “pretos”**.

Agora que já sabemos um pouco sobre as Irmandades e suas funções dentro da sociedade, vamos ver o quanto você conhece a cidade de Florianópolis, através das fotografias que serão mostradas no Datashow! Vamos lá!!

(Anexo II)

Imagem 1 – Igreja Nossa Senhora do Rosário (Arquivo pessoal)



Imagem 2 – Catedral Metropolitana de Florianópolis (Arquivo pessoal)



Imagem 3 – Igreja Nossa Senhora da Conceição (retirada do Google Imagens)



Imagem 4 – Igreja Nossa Senhora do Parto (retirada do Google Imagens)



PLANO DE AULA N. 14 E 15

DURAÇÃO: 90 minutos.

TEMA: Festas de africanos e descendentes no século XIX (II parte).

CONTEÚDO:

- As diferentes festas escravas no século XIX;
- A outra festa negra: o Batuque, a festa “desonesta”.

OBJETIVOS:

- Compreender que a escravidão ia além da relação com o trabalho: os escravos constituíam lugares de sociabilidade, sendo as festas (neste caso, o batuque) uma delas.
- Perceber que através do batuques os escravos africanos e seus descendentes expressavam suas culturas de origem.
- Diferenciar as festas negras: as festas relacionadas com as Irmandades e os Batuques.
- Analisar documento histórico, relato de viajante europeu.
- Comparar e analisar documento iconográfico.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS:

- Leitura de texto didático:

- * Iniciar a aula distribuindo texto didático (Anexo I), que retoma os pontos principais da aula anterior e introduz o tema Batuque.
- * Explorar o texto didático junto com alunos. O texto será lido em voz alta, e em cada parágrafo parar, e perguntar se há dúvidas ou questões.

- Análise de relato de viajante europeu:

- * Assim que o texto foi explorado, ler o relato do viajante Langsdorff sobre uma manifestação negra na Ilha inteiramente (o relato está no final do texto didático sobre Batuques).
- * Primeiro será realizada a identificação do documento (autor e data).

* Depois será feito recortes desse relato, que será exibido em forma de slides, no Datashow (Anexo II). Refletir cada parte destacada do relato, através de questões que serão lançadas aos alunos/as. Será a parte de interpretação.

* Solicitar que os alunos assinalem alguns trechos que eles considerem importante para interpretar o documento.

* Depois responder em conjunto oralmente as questões de análise que também estarão disponíveis nos slides.

- Análise de documento iconográfico:

* Depois que o tema Batuque já foi explorado, é o momento de analisar dois documentos iconográficos, um representando o Batuque e outro a Congada (Anexo III), a fim de que os alunos percebam, visualmente, as diferenças entre essas duas manifestações negras. A “Ficha de Análise da Obra de Arte” será entregue neste momento (Anexo II)

* Iniciar com uma identificação do documento: breve contextualização das imagens - autor; data; lembrar que muitos viajantes e artistas europeus vieram para o Brasil no período colonial, alguns registraram elementos da sociedade em pinturas, que é o caso das imagens que estão sendo exibidas.

*Depois, realizar uma interpretação do documento: os alunos/as deverão levantar, oralmente, a maior quantidade de elementos em cada pintura.

*Feita a identificação e a interpretação da imagem, a tabela deverá ser completada em conjunto, e entregue no final da aula.

MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS:

- Datashow.

- Quadro e giz.

-Material didático “Festas de Africanos: Coroações e Batuques”.

BIBLIOGRAFIA:

DIAS, Paulo. A outra festa negra. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa:** cultura e sociabilidade na América Portuguesa. Volume II. São Paulo: Editora da USP, 2001, pp. 859 – 888.

MAMIGONIAN, Beatriz. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750 – 1850). In: FRAGOSO, João (org) **Nas rotas do Império:** eixos

mercantins, tráfico e relações sociais no mundo português. Vitória: Edufes, Lisboa, 2006.

REIS, João José. Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa**: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. Volume I. São Paulo: Editora da USP, 2001, pp. 339 – 358.

SILVA, Jaime José. Entre diversões e proibições: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz (org) **História diversa**: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Livro ainda não publicado.

SOUZA, Marina de Mello. História, mito e identidade nas festas de reis negros no Brasil. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa**: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. Volume I. São Paulo: Editora da USP, 2001, pp. 249 – 260.

Festas de africanos: as coroações e os batuques

Na última aula, estudamos sobre as Irmandades em Desterro, no século XIX. Percebemos que as Irmandades de africanos e afrodescendentes promoviam suas festas, as **Coroações de Reis Negros**. Apesar de serem celebrações de escravos e libertos africanos, as Coroações de Reis Negros eram permitidas pelas autoridades religiosas e políticas. Isto porque significava que os africanos estavam convertidos à religião oficial do Império: o catolicismo. No entanto, apesar de estarem integrados ao cristianismo, elementos como tambores, danças e cantos africanos estavam

presentes nessas procissões católicas.

Como se vê, os escravos que viviam em Desterro – mas também em todo o Brasil – não tinham apenas relação com o trabalho: nas horas livres estavam envolvidos em festas e celebrações.

Até o momento, estudamos apenas um tipo de festa negra, a Coroação de Reis. Mas essa não era a única festa que os negros, escravos ou forros, organizavam. Sim! Havia outras festas negras no Brasil colônia. Na aula de hoje vamos conhecer mais uma!

Outra festa realizada pelos africanos e seus descendentes, além das Congadas, era os chamados **Batuques**, festas possuíam muitos mais elementos da cultura africana. Essas festas freqüentemente sofriam repressão das autoridades. Como não podiam ser praticadas abertamente, geralmente ocorriam no período noturno. Isso contribuía ainda mais para que o Batuque não fosse visto com bons olhos pela sociedade branca colonial, sendo considerada uma diversão “desonesta”. Além disso, as autoridades não gostavam da junção de escravos e forros, pois acreditavam que podia favorecer a organização de desordens ou revoltas.

Como já estudamos, os viajantes europeus que passaram por Desterro no século XIX deixaram uma série de relatos sobre o cotidiano da vila. Um viajante naturalista, chamado Georg Heinrich Von Langsdorff, relatou uma manifestação de africanos, que os historiadores acreditam que se trata de um Batuque. Vamos ler esse documento histórico, e analisá-lo juntamente com seus colegas e com a professora-estagiária!

Você sabe quem foi Langsdorff?



Langsdorff. 1774 – 1852

Georg Heinrich Von Langsdorff, era russo, e nasceu no ano de 1774. Era médico e explorador. Em 1802, juntou-se a uma expedição russa, a qual circunavegou o globo terrestre, com o objetivo de conhecer novos lugares e obter novos conhecimentos.

Em 20 de dezembro de 1803, chegou a Ilha de Santa Catarina, onde permaneceu até 1804. Colecionou, neste período, espécies de animais e plantas, estudou a natureza e observou a população que aqui vivia. Percorreu várias regiões brasileiras. Em 1821, quando Langsdorff já estava de volta à Europa, publicou um livro sobre essa viagem ao Brasil, chamado “Memórias sobre o Brasil para servir de guia àqueles que nele se desejam estabelecer”.

ATIVIDADE DE ANÁLISE DE DOCUMENTO HISTÓRICO RELATO DE VIAJANTE

Encontrei com facilidade o terreiro de danças no centro da vila. Pois o som da música e os gritos dos dançantes ecoava a distância; digo música, mesmo que não ouvisse um só dos nossos instrumentos europeus de som ou de corda.

Negros e negras, como foi dito, circundavam seu chefe e, conforme as habilidades, dançavam no centro do círculo, fazendo movimentos dos mais estranhos e peculiares; outros cantavam, ou melhor, emitiam alguns gritos africanos que eram incompreensíveis.

Eles gingavam de uma maneira incomparável os quadris, girando-os horizontalmente em forma de círculo, enquanto que a parte superior do corpo permanecia quase que imóvel, equilibrando-se nas pernas que se movimentavam velozmente; assim, também sacudiam os músculos do pescoço, dos ombros, das costas, de uma maneira tão indescritível que pareciam dominar cada um destes músculos.

Georg Langsdorff. 31 de dezembro de 1803. Referência: HARO, Martim Afonso Palma de (org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC/Editora Lunardi, 1996, 4ª Ed, p.108.

- Leia atentamente esse relato do viajante europeu, junto com seus colegas e a professora estagiária. Assim, você poderá responder as seguintes questões sobre o documento¹²³:

1. Cite as características, os elementos que compõe a festa conhecida como Batuque, através do relato que acabamos de ler.
2. A partir de trechos do documento, aponte a visão do viajante sobre o Batuque.

| O relato do viajante Langsdorff: | Informações que poderemos retirar (essa parte não estará nos slides, é apenas um “guia” para a professora): |
|---|--|
| <i>“Encontrei com facilidade o terreiro de danças no centro da vila”.</i> | - Onde ocorria a festa? Perceber a localização da festa: centro de Desterro. |

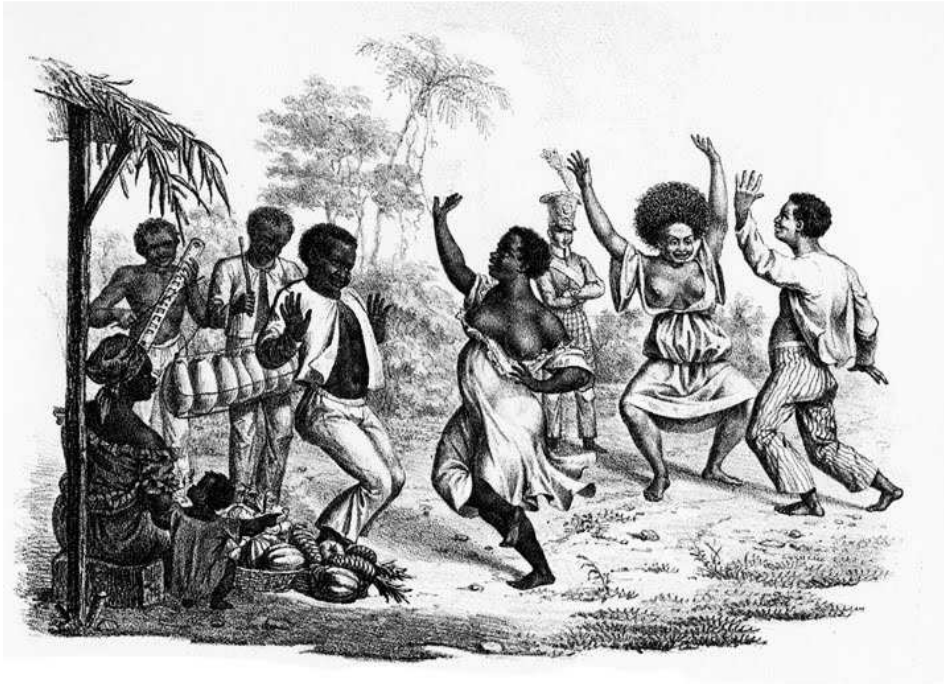
¹²³ PARA PROFESSORA: essas questões de análise estarão também nos slides.

| | |
|---|--|
| <p><i>“Pois o som da música e os gritos dos dançantes ecoava a distância; digo música, mesmo que não ouvisse um só dos nossos instrumentos europeus de som ou de corda.”</i></p> | <p>- Tinha instrumentos? Quais? Neste trecho, percebemos que os negros que participaram dessa manifestação usavam instrumentos musicais africanos, e não europeus. - Para o viajante, era música o que os negros estavam tocando? Para este viajante, somente era considerada música se fosse com instrumentos europeus. Aqui fica evidente a visão eurocêntrica do viajante, que comentamos nas aulas anteriores.</p> |
| <p><i>“Negros e negras, como foi dito, circundavam seu chefe e, conforme as habilidades, dançavam no centro do círculo, fazendo movimentos dos mais estranhos e peculiares.”</i></p> | <p>- Como estavam organizados durante a dança? Destacar como os negros estavam organizados em círculo, alguns iam pro centro da roda. Possuíam um chefe.</p> |
| <p><i>“Outros cantavam, ou melhor, emitiam alguns gritos africanos que eram incompreensíveis.”</i></p> | <p>- O que poderia ser esses gritos? Nesta parte, percebemos que um elemento importante da cultura de origem africana estava sendo colocada em prática: a língua. O viajante com certeza não entendia a linguagem desse grupo de africanos. Acabou taxando o que era dito nas cantorias como “gritos”, de maneira depreciativa.</p> |
| <p><i>“Eles gingavam de uma maneira incomparável os quadrís, girando-os horizontalmente em forma de círculo, enquanto que a parte superior do corpo permanecia quase que imóvel, equilibrando-se nas pernas que se movimentavam velozmente; assim, também sacudiam os músculos do pescoço, dos ombros, das costas, de uma maneira tão indescritível que pareciam dominar cada um destes músculos.”</i></p> | <p>- Como era o movimento das danças? Mexiam muito os quadrís em forma de círculo, como se estivessem rebolando. Balançavam muito o corpo, e tinham muito controle de todos os membros. O viajante relata que a forma como eram realizadas as danças era “de uma maneira indescritível”, ou seja, percebe-se que os negros dançavam de uma maneira completamente diferente das danças européias. O fato dos negros girarem demasiadamente os quadrís, como está no relato, pode ter sugerido uma dança sensualizada. Sensualidade em danças públicas não estava de acordo com as normas de conduta da sociedade do século XIX. Diferente de hoje em dia, danças que mexessem ou mostrassem partes do corpo, não era uma coisa bem vista.</p> |

ESCOLA MUNICIPAL DILMA LUCIA DOS SANTOS
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI
PROFESSORAS-ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA E LETÍCIA GONDIM

ANÁLISE DE DOCUMENTO ICONOGRÁFICO

DOCUMENTO HISTÓRICO Nº 1



SPIX, Johan Baptist Von. “Viajar para o Brasil nos anos 1817 – 1820”.
Fonte: <http://hitchcock.itc.virginia.edu>

DOCUMENTO HISTÓRICO Nº 2



JULIÃO, Carlos. Coroação de um rei negro no festejo de Reis no Rio de Janeiro, 1776.
Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. *A travessia da calunga grande. Três séculos de imagens sobre o negro no Brasil*. São Paulo, Edusp, 2000, p. 299.

ANÁLISE DAS OBRAS DE ARTES

Vamos analisar as obras de arte em conjunto! Por isso: **COMPLETE A TABELA E ENTREGUE NO FINAL DA AULA!**

| | DOCUMENTO 1 | DOCUMENTO 2 |
|--|-------------|-------------|
| IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO | | |
| PERSONAGENS (GÊNERO, COR DA PELE) | | |
| VESTIMENTAS | | |
| OBJETOS QUE SEGURAM NAS MÃOS | | |
| COMO ESTÃO DISTRIBUÍDOS NA CENA | | |

| | | |
|---------------------------------|--|--|
| AÇÃO DOS PERSONAGENS | | |
|---------------------------------|--|--|

Depois que completamos a tabela dessas belas imagens sobre festas de africanos no século XIX, vamos refletir as seguintes questões:

1. Quais elementos das festas mais despertaram sua atenção e curiosidade?
2. Estabeleça as diferenças e semelhanças entre as duas festas: Congada e Batuque.

PLANO DE AULA N. 16

TEMA: Repressão e resistência das festas negras no século XIX.

DURAÇÃO: 45 minutos.

CONTEÚDO:

- Repressão às festas de africanos e afrodescendentes ao longo do século XIX.
- Manifestações afro-brasileiras no século XXI.

OBJETIVOS:

- Compreender que festas de africanos e afrodescendentes sofreram repressão ao longo do século XIX, por serem encaradas como uma ameaça a ordem social, e por não representarem o modelo civilizatório que pretendiam instituir na Nação.
- Perceber que, apesar da repressão, a cultura com influência africana resistiu ao longo dos anos no país.
- Refletir sobre manifestações afro-brasileiras no século XXI.
- Analisar documento histórico.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS:

- Análise de documento histórico

*Será entregue o material didático “Repressão das festas de africanos e afrodescendentes no século XIX”. O tema será iniciado a partir de dois documentos históricos que compõem a parte I do material didático: um aviso presente no jornal “O Argos”, de 1856; e um trecho do Código de Posturas de Desterro, de 1845.

*Leitura e explicação da atividade de análise.

*Leitura dos documentos históricos junto com os alunos.

*Os documentos serão lidos e analisados um de cada vez. No final da leitura será questionado oralmente, e registrado no quadro a questão: por que as festas de africanos e afrodescendentes passaram a ser reprimidas ao longo do século XIX? Para responder, leitura do texto didático, presente na parte II do material.

- Leitura da parte II do material didático: texto didático

* Depois que os documentos históricos foram explorados, ler o texto didático sobre repressão das festas negras, que contextualiza os documentos lidos. Essa leitura será feita junto com os alunos.

* Pausar em cada parágrafo. Explicar, perguntar se os alunos têm dúvidas ou questões.

* A última parte do texto didático, que aborda a questão da resistência das festas negras, será utilizada como um link para refletir sobre manifestações culturais com influências africanas no Brasil atual.

MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS:

- Datashow.

- Quadro e giz.

- Atividade “Análise de documento histórico”.

- Texto didático “Repressão das festas de africanos e afrodescendentes em Desterro do século XIX”.

BIBLIOGRAFIA:

DIAS, Paulo. A outra festa negra. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. Volume II. São Paulo: Editora da USP, 2001, pp. 859 – 888.

GUIMARÃES, M. S. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma História Nacional. **Revista Estudos Históricos**, n. 1, 1988, pp. 5 – 27.

MAMIGONIAN, Beatriz. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750 – 1850). In: FRAGOSO, João (org) **Nas rotas do Império: eixos mercantins, tráfico e relações sociais no mundo português**. Vitória: Edufes, Lisboa, 2006.

REIS, João José. Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. Volume I. São Paulo: Editora da USP, 2001, pp. 339 – 358.

SILVA, Jaime José. Entre diversões e proibições: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz (org) **História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Livro ainda não publicado.

SOUZA, Marina de Mello. História, mito e identidade nas festas de reis negros no Brasil. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. Volume I. São Paulo: Editora da USP, 2001, pp. 249 – 260.

_____. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2007.

ESCOLA MUNICIPAL DILMA LÚCIA DOS SANTOS
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI
PROFESSORAS-ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA E LETÍCIA GONDIM

ATIVIDADE DE ANÁLISE DE DOCUMENTO HISTÓRICO

Leia atentamente, junto com seus colegas e a professora-estagiária, os documentos históricos abaixo.

Para ler esses documentos históricos é preciso que você recorde as aulas anteriores, sobre as festas de africanos e afrodescendentes: os Batuques e as Coroações de Reis Negros.

Enquanto fazemos juntos a leituras dos documentos, você deve sublinhar as partes que você considera importante para compreender o documento histórico.

DOCUMENTO HISTÓRICO 1

AVISO

Sendo proibidos os ajuntamentos de escravos nos armazéns, tabernas e em quaisquer lugares que costumam reunir-se, a polícia tem ordens terminantes para fazer dispersar os escravos, que em qualquer hora do dia, ou noite, forem encontrados em tais ajuntamentos, prendendo aos que deixarem de submeter-se imediatamente às advertências da Polícia.

DOCUMENTO HISTÓRICO 2

Toda a pessoa que em sua casa fizer ajuntamentos de escravos, ou vadios para danças, ou ainda mesmo que consinta ahi de noite, desamparando os primeiros, por esta forma, a de seus senhores, incorrerá na pena de quinze dias de cadeia, e 8\$000 reis de multa.

ANÁLISE DOS DOIS DOCUMENTOS

4. De acordo com os documentos, como eram tratados os “ajuntamentos” de escravos em Desterro?

Anexo

ESCOLA DILMA LUCIA DOS SANTOS

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA: DANIELA SBRAVATI

PROFESSORAS-ESTAGIÁRIAS: ISABELLA SOUZA E LETÍCIA GONDIM

REPRESSÃO DAS FESTAS DE AFRICANOS E AFRODESCENDENTES NO SÉCULO XIX

Não é novidade pra ninguém que em 7 de setembro de 1822, o Brasil tornou-se independente de Portugal. Passou da condição de colônia portuguesa para uma Nação. Entende-se por “Nação” um conjunto de indivíduos que são unidos pelo mesmo idioma, pela mesma cultura, pela mesma tradição, dentro de um determinado território, formando, dessa forma, um povo.

Neste período, as autoridades queriam que a nova Nação brasileira seguisse os moldes europeus. A cultura, a tradição e o povo que formavam a Nação brasileira tinham que seguir os parâmetros da civilização europeia. Por essa razão, quando o Brasil tornou-se independente, não ocorreu uma ruptura definitiva com a antiga metrópole Portugal. Muito pelo contrário, Portugal passou a ser visto como um “modelo civilizatório” a ser seguido.

Pensando nisso, podemos perceber que tudo aquilo que não era europeu era rejeitado, pois não era considerado digno de fazer parte da Nação brasileira. Ou seja, tanto a cultura indígena quanto a cultura africana, eram vistas como inferiores, e tinham de ser erradicadas do território nacional.

Com isso, depois de 1822 as festas de africanos e afrodescendentes

passaram a ser reprimidas. Mesmo as festas de Coroações de Reis – que de certa forma eram permitidas, por serem realizadas através das Irmandades católicas – começaram a ser associadas a costumes bárbaros, contrários à civilização que se queria implantar.

Dessa forma, através de leis, decretos, códigos de postura municipais e editais de polícia, as autoridades procuravam controlar ao máximo todos os espaços públicos da cidade que eram utilizados pela população. Isso ocorreu em todo o Brasil, e em Desterro não foi diferente, basta lembrar dos dois documentos históricos que analisamos no início da aula.

Além das festas negras não estarem de acordo com o modelo europeu de civilização, temia-se que essas festas fossem um local de encontro perigoso, onde os escravos podiam planejar revoltas e rebeliões. É preciso lembrar que os escravos africanos continuaram chegando aos milhares depois da Independência, mesmo após a proibição do tráfico de escravos, em 1831.

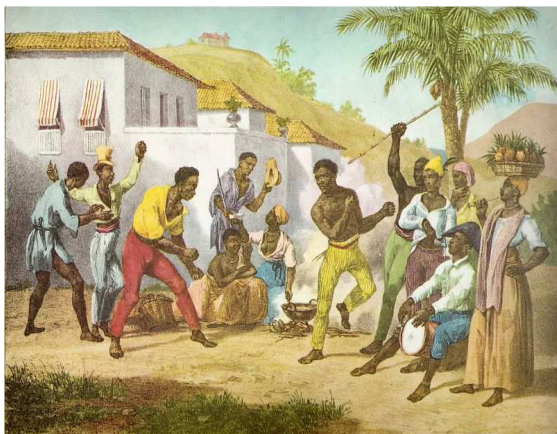
No entanto, apesar de todo o esforço por parte das autoridades em reprimir as festas realizadas por africanos e afrodescendentes, elas continuaram ocorrendo em todo o território brasileiro. Prova disso é que,

ainda hoje, percebemos a existência de diversas manifestações com influência

africana no Brasil.

Quem nunca viu uma **roda de Capoeira**, por exemplo?

Os elementos africanos na Capoeira são evidentes: os instrumentos musicais, como o tambor e o berimbau; a formação em roda; a ginga; os ritmos; os passos da dança. Alguns defendem que esses elementos se combinaram apenas no Brasil, sendo resultado da miscigenação cultural que marca nosso país. Outros acreditam que a Capoeira é uma manifestação que veio da África, e que já era praticado na Angola, país africano. De qualquer maneira, a Capoeira é, atualmente, uma das manifestações afro-brasileiras mais difundidas entre todas as classes sociais, e também no exterior, onde representa um símbolo do Brasil. Para você ter uma idéia, a Capoeira é registrada como Patrimônio Cultural brasileiro, de natureza imaterial. Mas é preciso lembrar que nem sempre foi assim: até a década de 1930, a prática da capoeira era proibida no Brasil, pois era vista como uma prática violenta e subversiva. A polícia recebia orientações para prender os capoeiristas que praticavam esta luta.



Johann Moritz Rugendas - Jogar Capoeira - Danse de la guerre, 1835.
A Capoeira praticada hoje em dia, tem origens no Brasil colonial.

E quem nunca ouviu ou dançou um **Samba**? Da mesma forma que a Capoeira, o Samba também tem influências africanas e é considerada uma das principais manifestações populares brasileiras. Acredita-se que o nome “samba” é originário do nome angolano “*semba*”, um ritmo religioso, cujo nome significa “*umbigada*”, devido à forma como era dançada. Em meados do século XIX, a palavra “samba” definia diferentes tipos de músicas introduzidas pelos escravos africanos.



Carybé, Roda de Samba, sem data.

À medida que o africano se integrou na sociedade brasileira, se tornou um afro-brasileiro e, mais do que isso, um brasileiro. O termo “afro-brasileiro” é usado para indicar os produtos das mestiçagens entre africanos e lusitanos, com alguns elementos indígenas. No entanto, toda essa miscigenação é, acima de tudo, manifestações brasileiras.

Como podemos perceber, apesar das festas africanas e de afrodescendentes terem sofrido repressão ao longo do século XIX, elas resistiram, e continuaram sendo praticadas. Mas foi necessária muita luta, principalmente por parte do movimento negro, para ocorresse uma mudança de postura com relação a essas manifestações culturais, só assim sendo cada vez mais valorizadas e reconhecidas pela sociedade. Prova disso é que, tanto a Capoeira quanto o Samba, são registradas como Patrimônio Cultural, e recebem recursos do governo para continuar existindo.

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Do conjunto de projetos da escola, qual a importância do projeto da Oficina do Boi-de-Mamão para a comunidade?
2. Como começou a Oficina do Boi-de-Mamão?
3. Os alunos percebem a importância da Oficina do Boi-de-Mamão?
4. Quais são as maiores dificuldades?
5. Além disso, o que você teria para nos contar sobre o Boi-de-Mamão?
6. Ao longo desses anos trabalhando com o Boi, o que você destacaria?
7. Como vocês conseguem verba para o Projeto?
8. Dentre tantos projetos, por que você escolheu trabalhar com o Boi-de-Mamão?